

K. Parvathi Kumar

A CRUZ DE AQUÁRIO



Dhanishtha
VENTO PRÓSPERO

O conteúdo desta publicação é colocado à disposição gratuitamente, como um ato de boa vontade e apenas para uso pessoal. É nossa responsabilidade mantê-lo dessa forma.

A comercialização por quaisquer meios ou plataformas é proibida, bem como a distribuição e/ou publicação no todo ou em parte, sem a autorização expressa por escrito do editor.

Todos os direitos reservados.

K. Parvathi Kumar

A CRUZ DE AQUÁRIO



Dhanishtha

VENTO PRÓSPERO

Título original: *The Aquarian Cross*

1ª edição: 29 de maio de 2022

© Copyright da versão espanhola:

Ediciones DHANISHTHA, 2020

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução.

Ediciones Dhanishtha

Versão em português

Email: brasil@worldteachertrust.org

www.edicionesdhanishtha.com

ISBN: 978-84-18485-54-1



Dhanishtha

VENTO PRÓSPERO

Dhanishtha significa “Vento Próspero”.

Prosperidade não se mede em termos
de dinheiro ou negócios,
mas em termos de riqueza de vida.
Mestres de todos os tempos
difundem sabedoria.

A editora trabalha com este propósito
publicando ensinamentos de sabedoria
que fluem através da caneta e da voz
do Dr. Ekkirala Krishnamacharya,
conhecido como Mestre EK,
e de Sri K. Parvathi Kumar.

Estes ensinamentos são publicados
em inglês, alemão, francês e espanhol.

A editora não tem fins lucrativos.

Sobre o compilador

Sri K. Parvathi Kumar ensina diversos conceitos de sabedoria e inicia muitos grupos na Yoga de Síntese na Índia, Europa, Américas do Norte, Central e do Sul. Seus muitos e variados ensinamentos se orientam para a prática e não são meros meios de informação.

Sri K. Parvathi Kumar—homenageado pela Universidade de Andhra com o título de Doutor em Letras Honoris Causa, D. Litt. por suas realizações como conferencista em todo o mundo—trabalha ativamente nos campos econômico, social e cultural, tendo a espiritualidade como base. Ele costuma dizer que as práticas espirituais só têm valor se elas contribuírem para o bem-estar econômico, cultural e social da humanidade.

Ele é um pai de família responsável, auditor (atualmente aposentado), mestre de sabedoria, curador de certo grau e compilador de livros. Ele nega a si mesmo o título de autor, uma vez que, segundo ele, “a Sabedoria não pertence a ninguém, mas todos nós pertencemos a ela”.

Os editores

Índice

Introdução.....	13
O Símbolo da Cruz.....	17
Os Quatro Aspectos Da Existência.....	18
O Ser Humano Quádruplo	22
Crucificação.....	28
O Processo De Autocinzelado	30
Dez: A Criação Perfeita.....	34
A Cruz de Aquário.....	42

CAPÍTULO I

Touro: a Luz do Aspirante.....	43
A energia de Vulcano	43
O mugido do touro	45
Trabalhar para outros.....	47
Estabelecido no caminho	50
A história do burro e do cão.....	55
Entusiasmo excessivo	57
O desejo de reconhecimento	58
Bhakti: devoção, mas não emoção	61
Beleza sem forma.....	65
A língua divina	66
Anelar o nariz	70
Reverter a roda	71
Ashrams móveis	76

CAPÍTULO II

Escorpião: a Luz do Discípulo.....	79
Frente a frente	79
As águas da emoção	80
A gruta do coração.....	83
Simplicidade.....	84
Silêncio	85
Sagrado e secreto	87
Os nove rufiões.....	88
Conforto	92
Dinheiro	95
Sexo	98
Ambição	104
Ódio	107
Medo	109
Preconceito	112
Orgulho	114
Crueldade	116
O Lótus do Coração	117
Queimar os rufiões	119
Guerra interna.....	120
O corte	121
Lembrar-nos da consciência do EU SOU.....	122
O gigante Sambara e o Senhor	124
A morte em Escorpião	128
Estar livre, ainda que rodeado	131
Escorpião: a oitava casa.....	132

Vencer a serpente	133
O dia do Yogue é noite para o homem comum	136
O movimento ascendente das águas	138
Sacrifício e ritual	143
Saturno, Marte e Vulcano	152
Ressurreição	155

CAPÍTULO III

Leão: a Luz do Iniciado.....	161
O rei dos homens e o Rei dos Reis	164
A Luz da Alma.....	165
A morte da personalidade	166
A gruta do centro do coração	170
Pensar “no coração”	171
As quatro tentações de um iniciado	172
Como usar o Mestre corretamente	175
Adulação	176
A quarta tentação	177
Os doze superiores	179
A variedade das tarefas dos iniciados	180
Lembra o rei no trono estável.....	182
Era um anão, quando ele saiu	183
Em três passos, ele percorreu os três mundos	185
A voz do silêncio.....	186
O grande cão	188
A firmeza da proteção	191
O iniciado nunca pensa em si mesmo	194

A história do iniciado leonino	195
A qualidade de ser filho	201
O Festival de Leão	205
A perfuração	207
O estado de Nasatya	208
O Olho de Shiva	211
Os aparentes opostos Touro e Escorpião	213

CAPÍTULO IV

Aquário: a Luz do Mestre	217
O Verbo era Deus	217
O Absoluto	219
O criador	220
Advaita	222
A passagem de Aquário	223
O Avatar de Síntese	227
Mitra e Varuna	228
Os três signos de ar	229
A Kundalini cósmica	230
Os Gandharvas	234
Markandeya	235
A meditação de Aquário	236
A cor de Aquário	239
O símbolo de Aquário	240
Narada	240

Introdução

O propósito da vida em grupo é entrar em comunhão na Consciência e superar a separatividade da personalidade. Toda atividade em uma vida grupal tem como objetivo atingir este propósito. Temos que sintonizar com a consciência da alma e lembrar, continuamente, que cada um de nós é alma. Cada um de nós tem que lembrar que somos alma e, como tal, relacionarmos-nos uns com os outros. Isto nos permitirá experimentar a fraternidade, cujo resultado é nossa integração com a Alma Una que prevalece em todo o grupo. Nossas personalidades podem estar estacionadas no exterior, mas nós devemos viver, internamente, como almas. Em três dias de vida em grupo, um templo é normalmente construído e, ao amanhecer do quarto dia, o Templo deve estar concluído. Ao final das três noites e três dias, o Templo tem que estar construído, se cada um de nós contribuir com um tijolo para ele. Temos que lembrar que somos alma, e isso é o que nos transforma em tijolos. Os ângulos da personalidade desaparecem no momento em que nos lembramos de que somos alma. Quando nos lembramos de que somos a consciência da alma, o tempo deixa de existir. O conceito de tempo desaparece, quando a pedra se transforma em tijolo. Desta forma,

podemos nos transformar rapidamente em tijolos e nos tornar parte do Templo. Uma vez construído esse Templo, “o UNO, de Quem Nada Pode Ser Dito”, decidirá residir dentro dele. Que esta seja nossa atitude em relação à vida em grupo.

A vida em grupo não é uma reunião de personalidades, mas de almas. Isto tem que estar bem presente em nossa mente, para receber o melhor da vida em grupo. Se permanecermos como personalidade, poderemos aprender algo a que chamamos sabedoria, mas se fizermos um esforço para experimentar a alma dentro de nós, chegaremos a experimentar a consciência da alma e, quando chegarmos a experimentá-la, a luz da alma estará sempre presente em forma de sabedoria. Não é necessário fazer um esforço extra para aprender a sabedoria, pois a Luz tem em si sua própria iluminação. A alma é a fonte da Luz, mas a fonte, a luz e sua iluminação são inseparáveis. Assim, a sabedoria é experimentada no interior e não apreendida externamente. Um é um desdobramento interior, outro é colocar as coisas juntas e, entre elas, há uma grande diferença. Se juntarmos as pétalas de um lótus e as amarrarmos, teremos algo que parecerá um lótus, mas um lótus que se abre é natural, é mais radiante e mais perfumado. Da mesma forma, o desdobramento da sabedoria tem que ser da alma ao plano búdico. Recordar a consciência da alma é o único trabalho contínuo que temos que fazer, para que a Luz

brilhe dentro de nós. A Luz desce até o corpo físico, que chamamos Terra. Temos que nos lembrar da alma a cada momento. Ao nos lembrarmos, permanecemos n'ELA, caso contrário, permanecemos “de outra forma”, ou seja, sem saber nada.

O Símbolo da Cruz

A cruz representa fundamentalmente a existência quádrupla e nos lembra continuamente: “Homem, tu és quádruplo”. Felizmente, a cruz sagrada está presente em todo o planeta, graças ao trabalho de propagação dos missionários cristãos que a disseminaram por toda a Terra. E mesmo se acreditarmos que é a cruz da crucificação, a cruz já existia, antes mesmo da Criação. Sempre que a Criação vai acontecer, ela é o próprio fundamento do Templo do Universo.

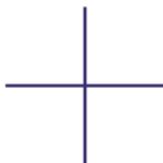
A cruz é um dos símbolos cósmicos. A Mente Cósmica é representada pela cruz quádrupla e indica a existência quádrupla em todos os planos. Toda vez que olharmos para ela, devemos nos lembrar de nossa própria existência quádrupla, então, seu propósito será cumprido. Se quando olhamos para a cruz, nós nos lembramos somente da crucificação do Iniciado a quem chamamos Jesus, conseqüentemente, nós apenas nos lembramos de um evento: a dor e o sofrimento pelos quais Jesus passou. O evento da crucificação, muitas vezes, estimula nossos centros emocionais. A cruz não deveria nos lembrar do evento da crucificação de Jesus. A cruz tem uma trans-

condição maior e é chamada de “Chatur Bhuja” no sistema *Védico*, que significa “o Ser de quatro braços”.

Sua forma original é (Fig. 1):



Quando degenerou, tornou-se (Fig. 2):



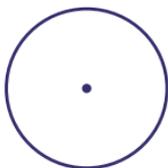
Assim o aspecto da unidade dos quatro braços, representados pelo círculo e a inter-relação, representada pelo losango, foi perdida!

OS QUATRO ASPECTOS DA EXISTÊNCIA

Os anjos ou devas no Oriente são representados com quatro braços para que, quando olharmos para eles, lembrarmos-nos dos quatro aspectos. Os quatro aspectos de nossa existência são (Fig. 3):

I) EXISTÊNCIA pura

II) Consciência



III) Pensamento



IV) Palavra e ação



O primeiro aspecto é a EXISTÊNCIA PURA sem consciência, na qual até mesmo a consciência é absorvida. É por isso que é chamada de Existência Pura. Quando há apenas um e não há um segundo ser, não há ninguém para observar. É assim que cada um de nós está, quando dorme. O fato de que dormimos é uma dedução referente à Existência PURA. Tudo “é”, mas não há consciência disso. A consciência da Existência surge, quando acordamos pela manhã e não temos conhecimento da

Existência, enquanto estamos nesse estado. É por isso que se chama “*Aprájñata*” em sânscrito ou “falta de consciência com relação à Existência”, enquanto que a Existência “é”. É “seidade”. É indefinível, porque não há consciência para definir. Não tem nome nem forma, e nada pode ser dito sobre ela. Ela está além do pensamento. O pensamento, o nome, a forma e a palavra estão nela e ainda não se manifestaram. Nos *Vedas* é chamado “AQUELE” ou “ISSO”. Não é nem mesmo consciência de eu sou, porque a consciência surge d’ “AQUELE”. “AQUELE” também é chamado de “Deus além da Criação”, “Luz além da escuridão”. O tempo ainda não existe, o espaço potencial ainda não existe, a força ainda não existe e até mesmo a natureza sutil ainda não existe. Todas elas existem como potencialidades de manifestação futura, assim como a semente contém todos os detalhes, o plano e o programa a ser manifestado.

O segundo aspecto é a CONSCIÊNCIA. Chamamos a esta consciência de Alma Universal ou Deus na Criação. A existência está dentro e fora da Criação e nela não existe o conceito de dentro nem de fora. A consciência é o despertar dentro de uma circunferência. Cada um de nós, quando “é despertado”, tem a circunferência de sua própria atividade. Da mesma forma, cada planeta, sistema solar, etc. tem sua própria esfera de atividade. Um universo também é uma esfera ou globo, e sua consciência impregna seu globo de espaço, e o mesmo acontece

com uma formiga ou com um mosquito! A consciência de cada um estende-se até sua esfera de atividade. Esta consciência é chamada de Consciência do Eu Sou.

O terceiro aspecto é o PENSAMENTO. Não pode haver pensamento sem consciência e não pode haver consciência sem Existência. Assim, a Existência torna-se consciência e a consciência torna-se pensamento, cada um acontecendo no estado anterior. O estado anterior é a base do estado subsequente.

Com o pensamento como base, temos o quarto aspecto: A PALAVRA e A AÇÃO. Estes são nossos quatro estados de Existência. Nós estamos muito bem conectados com a palavra e a ação, com as quais nos relacionamos no mundo material.

O quarto aspecto indica o mundo material (o quadrado), o terceiro estado representa o mundo fenomênico (o triângulo), o segundo estado representa o mundo “noumenal” ou espiritual (um círculo com um ponto no centro), e o primeiro estado é a Existência Pura, na qual todos os outros se fundem e da qual surgem os outros três. Estes quatro estados nos vêm à mente toda vez que olhamos para a cruz.

Tudo na Criação é quádruplo. O tempo é quádruplo e está dividido em: *Kali Yuga*, *Dvápara Yuga*, *Treta Yuga* e *Krita Yuga*. Estes são os quatro Yugas em que o tempo é classificado. O conhecimento ou sabedoria é classificado de maneira quádrupla em quatro *Vedas*. Em sintonia com

esta classificação quádrupla dos *Vedas*, os discípulos de Jesus tentaram compor o Novo Testamento, dividindo-o em quatro Evangelhos. Assim, o tempo é quádruplo, a sabedoria é quádrupla e a Existência é quádrupla.

Podemos ver este aspecto quádruplo do tempo a cada dia e a cada mês, como se segue:

1. *O Amanhecer (8º fase ascendente da lua).*
2. *O Meio-dia (lua cheia)*
3. *O entardecer (8º fase descendente da lua)*
4. *A Meia-noite (lua nova).*

Da mesma forma, podemos considerar o ano em seu quádruplo aspecto, como se segue:

1. *Equinócio da Primavera / Meio-dia, lua cheia*
2. *Solstício de Verão / Entardecer, 8º fase descendente da lua*
3. *Equinócio de Outono / Meia-noite, lua nova*
4. *Solstício de Inverno / Amanhecer, 8º fase ascendente da lua*

O SER HUMANO QUÁDRUPLO

A atividade do ser humano também é quádrupla. Há uma parte no ser humano, que é:

1) A parte Mestre

O ser humano, nesta fase, vê a existência unitária do Ser Uno em tudo. Ele vê o Ser dentro dele e ao seu redor e não vê mais ninguém. “Os Outros não existem como

outros”, mas como o Ser, envoltos pelas qualidades da Natureza. É uma questão de perceber a imperceptível eletricidade através de todas as máquinas e aparelhos elétricos. Não vê dois, mas um no todo e como todo. Isto é chamado de “*Advaita*”, a filosofia *Védica* fundamental que não aceita ninguém mais que o *Atman*, o Ser, o indefinível, a infinidade. Também é chamado AQUELE ou ISSO, que na terminologia moderna se denomina “o Mestre”, o Mestre de cada unidade de existência e o Mestre do Universo, distinto de suas sucessivas manifestações como Criador, Preservador e Destruidor, ou seja, a Santíssima Trindade. É Existência Pura em tudo e como todo. Esta parte do ser humano é o Mestre. Quem age a partir desta parte é chamado de “o Mestre” e trabalha apenas em benefício dos outros, cuidando do bem-estar de todos, mantendo-se em sintonia com o conhecimento do tempo e do espaço. Ele está em sintonia com a Consciência Universal e trabalha pelo bem-estar geral. Ele sabe quando é o amanhecer, quando é meio-dia, quando é o entardecer e quando é meia-noite. Ele não tenta fazer as atividades do amanhecer à meia-noite nem a atividade do entardecer durante as horas do amanhecer, nem a atividade da meia-noite ao meio-dia. Ele sabe o que precisa ser feito, quando, como e onde precisa ser feito. Ele está em sintonia com o tempo e o espaço e, geralmente, realiza o Plano como ele existe no sistema. Essa parte está oculta no ser humano comum.

II) O ser semi-humano e semidivino: o Discípulo

O ser humano, nesta fase, protege e cuida de outros seres humanos. Sua preocupação com o ser humano é tão grande que ele se esquece de si mesmo. Estes são os seres que superaram a personalidade e agem impessoalmente em todos os níveis, não tendo nenhum motivo ou desejo pessoal. Há uma parte no ser humano que age dessa forma. Ele serve a todos como seu irmão. Para ele, a fraternidade dos seres (e não apenas dos seres humanos) é uma realidade. Ele vê o irmão no outro e o serve com amor. Ele está além da malícia e está cheio de pensamentos brancos, que representam a consciência no plano *búdico* e *manásico* (a Luz da alma). Suas ações têm o puro motivo de boa vontade. Ele não tem nenhum motivo pessoal ou interesse próprio ao fazer as coisas. Ele não procura obter lucro ou fama com o que faz. Ele demonstra luz em suas ações. A riqueza, a fama e os benefícios são coisas que chegam até ele por si só, mas às quais ele não aspira. Ele é o discípulo no Caminho. Ele vive em contato com o mundo. Ele vive no mundo do material como os demais, mas ele não é do mundo. Ele flutua acima da personalidade e não se afunda nela. Ele é a conexão entre os seres divinos e os seres humanos. Esta parte do ser humano é o que é chamado de “o discípulo”.

III) O ser humano

O ser humano, nesta fase, age sobre a base da reciprocidade: “Eu ajudo e espero ser ajudado”, “Eu benefico aos outros e espero ser beneficiado”. Isto é o que se chama transação na vida. Por cada ação é esperada uma reação oposta igual. Este é o terceiro estágio –que também é bastante justificado– no qual o ser humano serve e é servido. Mas nas etapas anteriores, o homem serve sem esperar ser servido em troca. Neste terceiro estado, ele serve e espera ser servido.

IV) O homem animal

O homem nesta etapa só espera ser servido em todos os momentos. Ele só busca o que pode obter de seu entorno. Não se preocupa com os pontos de vista e sentimentos dos outros. Ele só sabe o que quer e não vê que os outros também necessitam, que os outros também têm opiniões e sentimentos. É simplesmente egoísta.

Nós existimos nestas quatro formas. Dependendo do estado de existência que mantivermos, a sabedoria nos será revelada. A sabedoria é uma letra morta para aquele que está nesta quarta parte e isso significa que não entende e não se aproxima de nenhuma das Escrituras sagradas ou obras de boa vontade.

O do terceiro estado desenvolveu algum interesse pela sabedoria, mas não tem os meios adequados à sua disposição. Ele está perto do Templo, mas nem mesmo

pode entrar no Salão do Aprendizado. Estes seres não param de dar voltas e voltas ao redor do Templo. Eles não podem ignorá-lo, porque sabem que dentro do Templo há algo valioso que os faz agarrarem-se a ele, mas as portas não estão abertas para eles. Isso se deve ao fato de que eles ainda não superaram o aspecto comercial neles, o que significa esperar algo em troca do que se faz. Pensando que o Mestre ficará satisfeito, fazemos muitas obras de boa vontade. Isso significa que não estamos, por natureza, muito convencidos sobre esses atos de boa vontade e os fazemos apenas para agradar ao Mestre, como o aluno que só se comporta bem na classe, quando o professor está presente, sendo disciplinado apenas quando ele está presente, mas indisciplinado quando não está. Madrugamos se temos trabalho no escritório durante a semana, mas se for feriado, não levantamos cedo. Podemos então dizer que estamos acostumados a madrugar, especialmente quando não somos obrigados a fazê-lo? Por exemplo, durante esta convivência grupal, nós nos levantamos cedo para assistir à meditação das 6 da manhã. Podemos dizer que é voluntário? Se for voluntário, devemos ser capazes de também fazê-lo, quando não se tem a obrigação de fazê-lo.

Aquilo que é feito voluntariamente é natural, aquilo que é feito por obrigação ou por esperar algo em troca, não é natural. Neste terceiro estado, trabalha-se em obras de boa vontade, esperando algo em troca, mas, se não se

faz voluntariamente, o portão principal do Templo não se abre. Digamos que alguém está acostumado a beber álcool e está preso em um lugar onde não há álcool em nenhuma parte e, por causa dessa indisponibilidade, ele vive sem beber álcool por 40 dias. Podemos dizer que ele superou o hábito de beber álcool? Podemos dizer isso? Não podemos, pois foi a falta de oportunidade que o fez conter-se. Quando temos álcool à nossa disposição e não bebemos, então podemos dizer que não somos alcoólicos. Se não bebemos, porque não há álcool disponível, não se pode dizer que sejamos abstêmios por esse motivo. Suponhamos que uma pessoa é deixada na selva, onde não há mulheres. Podemos considerar essa pessoa celibatária? O celibato deve ser testado no meio de mulheres bonitas. A abstenção da bebida deve ser testada, quando estamos entre os alcoólicos. A vontade deve ser testada, quando ninguém está nos observando. Ou seja, nós nos comportamos de uma forma, quando não somos observados e de outra, quando somos observados. Tais pessoas não podem ser admitidas no Templo. É por isso que eles dão voltas e mais voltas ao redor do Templo.

No segundo estado eles estão dentro do Templo e no primeiro estado eles estão, verdadeiramente, com o Divino no *Sanctum Sanctorum*. É verdadeiramente a Divindade, ou seja, identifica-se com a Alma Universal.

No segundo estado ele é a alma, no terceiro ele está no Caminho e no quarto ele é um aspirante mundano.

Desta forma, os quatro degraus relativos ao Discipulado são encontrados na cruz.

CRUCIFICAÇÃO

Quando a pessoa é um aspirante, só olha para si mesmo, inclusive no mundo espiritual, só pensa em si mesmo e não nos outros. Todos os dias ele realiza meditações, realiza estudos e faz algum serviço, mas depois, à noite, ele considera o quanto ganhou. Cada vez ele olha para a imagem do Mestre e se pergunta: “Eu adquiri alguma coisa”? O aspirante pensa que ganha através de práticas espirituais, mas, na realidade, as práticas espirituais são para perder e não para ganhar.

Se estamos preparados para perder certas coisas que temos em nós, é melhor pensarmos em almas tão elevadas como o Mestre Djwhal Khul, Maitreya o Senhor, Mestre Morya e Mestre Kuthumi. Se quisermos ganhar algo, então, não é neles que temos que pensar. Já estamos sobrecarregados com tantas coisas ruins que temos adquirido, então, o que mais queremos adquirir? Para nos livrarmos do peso da vida, temos que adquirir ou perder?

Entramos na espiritualidade para nos tornarmos leves e nos tornarmos luz. Tornar-se leve ou tornar-se luz é perder peso. Que peso carregamos em nós? O peso do material, o peso da individualidade e o peso da personalidade; estes são os enormes blocos que nós carregamos de cada lado de nossos ombros. Os Mestres de Sabedo-

ria querem que nós nos aliviemos desse peso, mas preferimos agarrar-nos mais a ele e, ainda, pedimos-lhe que nos deem mais! Pensamos que somos tão sábios!

A primeira inversão na espiritualidade é que estamos para perder e não para ganhar. Temos “AQUILO” que é necessário e também o que não é necessário. Este último é o que oculta “AQUELE”. O que tem que ser feito para permanecer como Luz? O desnecessário tem que ser posto de lado. A parte desnecessária em nós são nossas opiniões pessoais e nossas ações individualistas, que não nos permitem entrar no Templo. O portão do Templo é muito estreito, como o olho de uma agulha. Não podemos passar pelo olho da agulha com toda nossa personalidade e individualidade. Diz-se nas escrituras sagradas que um camelo não pode entrar pelo olho de uma agulha. Mas a alma do camelo pode entrar. O processo de tomar a cruz sobre nós é para superar a individualidade e a personalidade, e sacrificá-las. Isso é crucificação. A crucificação é inevitável para todos que percorrem o Caminho da Luz. Jesus não foi o único Iniciado que carregou a cruz. Há um momento na viagem em que temos que pegar a cruz voluntariamente e colocá-la sobre nossos ombros. Enquanto não pegamos a cruz, podemos ser do jeito que quisermos, mas, uma vez que a tomamos não podemos ser de qualquer maneira.

O fato de Jesus ter tomado a cruz, voluntariamente, é uma chave para o discipulado, porque Jesus não tinha

motivos para ser crucificado, pois não era culpado; mesmo Pilatos não podia considerá-lo culpado. Jesus poderia ter defendido sua causa muito facilmente, ou seja, podemos viver no mundo objetivo, totalmente imersos no material. Podemos ter nossa própria lógica. Podemos ter nosso próprio raciocínio, nossa própria racionalidade, nosso próprio intelecto, nossa própria mente, nossas próprias atitudes, nossos próprios pontos de vista e nossas próprias maneiras irresponsáveis de viver. Ninguém insiste que peguemos a cruz, isto é voluntário. Se não queremos fazer isso, não precisamos fazê-lo. Se quisermos, podemos fazê-lo, mas, se o fizermos, temos que observar certas regras a respeito disso.

O PROCESSO DE AUTOCINZELADO

Pegar a cruz significa se livrar das coisas indesejáveis, pouco a pouco. Quando somos descascados como uma laranja, sentimos a dor, então, não queremos a cruz. Assim, podemos esperar. Mas, novamente, voltaremos a pegá-la, porque temos algo em nós que está interessado em pegá-la. Cada vez que a pegamos, somos descascados um pouco. Como podemos desfrutar de uma laranja sem descascá-la? Se comermos a laranja com a casca, o sabor é amargo. Nós queremos a laranja, mas não queremos que seja descascada. Quando nos damos conta destes exemplos, percebemos o quanto resistimos ao nosso próprio progresso. Queremos progredir, mas

nós mesmos somos o obstáculo para nosso próprio progresso. Cada vez que queremos progredir, há a ajuda da Natureza ou dos Mestres para eliminar certas coisas em nós, mas, como não queremos isso, a Natureza espera. É assim como o bloco de pedra que é esculpido, gradualmente, para tornar-se um belo ser humano. O bloco restante tem que ser cinzelado. Para cinzelar, temos um instrumento afiado na extremidade e pesado na base. A fixação da pedra só pode ser removida com a agudeza do cinzel. A menos que o cinzel tenha uma base pesada e uma extremidade afiada, ele é inútil para remover a pedra desnecessária.

Para fazer a escultura, tudo o que fazemos é remover a pedra desnecessária. Não quebramos a bela figura interna. Quando uma pessoa toma algumas virtudes e trabalha com elas, é um processo de autocinzelado. Se alguém diz: “O que eu ganho se eu parar de beber álcool”, seria como dizer: “O que eu ganho se eu perder parte da pedra? O que ganhamos é beleza e brilho. O brilho se ganha trabalhando com as virtudes. O que é necessário é nos tornarmos belos, dentro de nosso próprio ser. Há certas instruções dadas nas escrituras sagradas para nos tornar belos. Não podemos dizer: “Eu desisti de beber álcool, então, o que você fará por mim agora, Mestre Djwhal Khul? Não é um benefício para ele, mas um benefício para nós. Ou se dissermos: “Eu fiz um trabalho de boa vontade. O que vou receber em troca?” Muitas vezes, escolhemos

certas atividades por conta própria e dizemos que estamos trabalhando para o Mestre Djwhal Khul. Pode ou não ser assim, mas é melhor não falar sobre isso e continuar fazendo nosso trabalho, tranquilamente, a fim de nos enchermos de beleza.

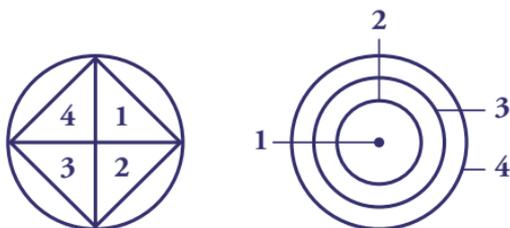
Na espiritualidade, o processo é de eliminação, não de aquisição de algo adicional. Quando eliminamos certas coisas em nós, ocorre a clarividência, isto é, teremos que eliminar muitas coisas para que a visão progrida ou brilhe. Muitas pessoas pensam que devem ter clarividência e não a conseguem, mas se limpassem cada vez mais e mais a sua visão, a clarividência viria. As pessoas querem clariaudiência e telepatia, mas como podemos ter clariaudiência, quando não ouvimos o nosso próprio vizinho? Clariaudiência significa ouvir claramente. Se não escutamos bem os que estão perto de nós, como podemos escutar os de longe? Isso significa que há certos blocos no interior. Removemos os bloqueios praticando as virtudes. Desta forma, à medida que vamos removendo, passamos da quarta para a terceira etapa, da terceira para a segunda e da segunda para a primeira.

O Mestre CVV fez uma afirmação nesse sentido quando disse: “Se vens a Mim, perderás; se vens a Mim com a intenção de ganhar, ficarás totalmente desapontado”. Esta é uma afirmação muito antiga e que é verdadeira no caso de todo Mestre. Mestre CVV disse: “Eu não dou uma resposta a seus desejos”. Essa seria a última coisa

que uma pessoa que deseja o bem faria. O Mestre CVV disse: “Eu responderei às suas necessidades, mas não aos seus desejos. A necessidade serve para fazer de vocês seres cheios de beleza”. Isto significa que é necessário eliminar certas coisas do ser, a eliminação das impurezas da individualidade e da personalidade. A personalidade e a individualidade permanecem, mas são como um cristal que permite que a alma brilhe através delas. A alquimia da espiritualidade consiste em que nós brilhemos.

Um ser humano comum é transformado em Luz. O metal de base é transformado em metal precioso. Portanto, é um processo de funcionamento intenso com fogo. Estas etapas devem ser regulares, da quarta para a terceira, da terceira para a segunda e da segunda para a primeira. Por essa razão, diz-se que o Templo tem três níveis, e além do terceiro nível encontra-se o *Sanctum Sanctorum* (Fig. 4).

- 1. Deidade / Luz
- 2. Alma / *Buddhi*
- 3. Personalidade
- 4. Corpo



O centro é a Divindade, o Deus Impronunciável, Impensável, que é o que somos como Espírito. O primeiro círculo ou circunscrição é a alma, o segundo é a personalidade e o terceiro é a individualidade.

O primeiro círculo ao redor do centro é a própria Luz (a alma), cuja iluminação é chamada de *Buddhi*, o corpo *Búdico* ou Corpo de Luz. Nada precisa ser feito para purificar a Luz. Depois vem a personalidade, que está sob o controle de *Buddhi* (a mente superior) ou *Manas* (a mente inferior), dependendo da evolução da pessoa. A mente tem que se purificar das impurezas do pensamento e chegar a tal pureza que o pensamento se torne transparente. O pensamento se torna transparente, quando não é afetado pelo motivo e pelo desejo. Quando o pensamento prevalece sem nenhum motivo ou desejo pessoal, os níveis da mente adquirem o grau necessário de transparência.

A próxima transparência está relacionada com o corpo. Quando a Luz da alma brilha através do corpo, diz-se que a pessoa é radiante e magnética. Tal pessoa afeta o entorno e não é afetada por ele. Estes são os três passos para ficar com o Uno.

DEZ: A CRIAÇÃO PERFEITA

A cruz também é, simbolicamente, representada da seguinte forma (Fig. 5):



O primeiro estado de Existência, o Espírito, é representado por um ponto. O aspecto alma é representado por dois pontos, o aspecto personalidade é descrito por três pontos e o quarto aspecto, o corpo físico, é representado por quatro pontos. Este é o método de apresentação que se tornou popular por meio de Pitágoras. Não é uma invenção de Pitágoras, mas se exteriorizou por meio dele.

Recordemos que a sabedoria é eterna e que ninguém jamais inventou a sabedoria. De acordo com a pureza do ser, a sabedoria amanhece no homem. De acordo com o grau de iluminação, prevalece a medida da sabedoria. Todos aqueles que consideramos Mestres e grandes Mestres são seres iluminados e mais iluminados e, portanto, são capazes de refletir sabedoria através deles. Quanto mais claro for o instrumento, melhor será a reflexão. Esta figura (Fig. 5) é chamada de *Década Pitagórica*. Todos os pontos somados dão dez, o que é considerado como o número perfeito. Diz-se que é um estado perfeito de ser, isto é, que a Existência se transforma em consciência, a consciência age através da mente clara e do corpo. Quando a consciência prevalece sobre a mente e o corpo, é o que se considera ser a situação perfeita.

O corpo prevalece sobre a consciência, que é o caso dos seres humanos comuns. O corpo decide o programa, em vez da consciência. A consciência propõe: “Levante-se às quatro horas da manhã, para que você possa se sintonizar e experimentar a beleza do nascer do

sol”. Primeiro se sintonize e depois experimente. Para se sintonizar e experimentar o nascer do sol, a consciência propõe levantar-se cedo, duas horas antes do nascer do sol, mas quando chega o amanhecer, o corpo ou a mente prevalece e diz: “É melhor você dormir; você não dormiu o suficiente”. Da mesma forma, às vezes, a consciência prevalece sobre a mente ou o corpo. Quando a consciência prevalece sobre a mente e o corpo, surge a situação perfeita. Quando a mente ou o corpo prevalece sobre a consciência, trata-se de uma situação imperfeita.

Quando caímos em uma situação imperfeita, degeneramos do número 10 para número 12, caímos nos pares de opostos e depois somos expulsos do Templo. Um ser humano comum é expulso do Templo, que está guardado pelas duas colunas. Ele mesmo se expulsa, ninguém o expulsa. Enquanto ele vive no mundo de causa e efeito, tentando ver causas por efeitos e efeitos por causas, ele tece uma teia muito complicada ao seu redor, tornando-se irremediavelmente preso no mundo objetivo.

O processo do discipulado é permanecer como número 10 e não degenerar em número 12. Aqueles que estudaram o livro *A Doutrina Secreta*, escrito por Madame Blavatsky, devem ter muito claro que, no início, foram apenas 10 que degeneraram no número 12. A formação de Libra, que produziu uma separação entre Virgem e Escorpião, resultou em uma Criação imperfeita. Quando nascemos, temos apenas 10 signos zodia-

cais. Gradualmente, ao completarmos 7 anos de idade, entre 7 e 14, a diferenciação de sexos ocorre mediante a formação de Libra. Enquanto Libra se forma, o signo único de Virgem-Escorpião toma a forma de dois signos, como Virgem e Escorpião, como feminino e masculino.

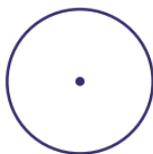
Esses 10 signos zodiacais são os seguintes: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem-Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Não há Libra, e Virgem-Escorpião juntos formam um só signo, perfazendo 10 signos. Este é o zodíaco perfeito. Depois ocorre a queda. A queda é representada por Libra. Libra representa a paixão e quando somos apaixonados, caímos. Adão e Eva tornaram-se apaixonados e, por isso, a serpente desceu pela árvore. A serpente nas escrituras sagradas representa o aspecto do tempo.

A queda do homem para o plano físico denso, mediante a paixão, é o que pretende ser descrito pela história de Adão e Eva, a maçã e a serpente. Também em nosso caso, quando nascemos, tínhamos apenas 10 signos, porque Libra não existia. Libra é formada em nós, dos 7 aos 14 anos de idade. Até a idade de 7 anos, meninas e meninos têm o mesmo sistema de energia. Dos 7 aos 14 anos de idade, o sistema energético assume uma formação diferente. Mesmo mais tarde, quando chegamos à velhice, quando todas as portas do fluxo emocional estiverem fechadas, todos os rios tiverem secados completamente, voltaremos ao número 10. A beleza está em nos compor-

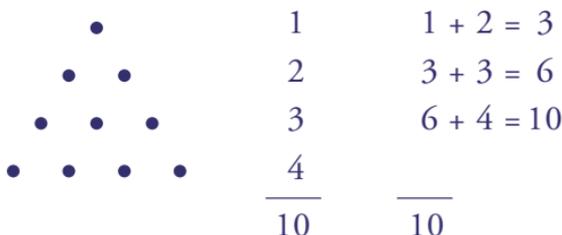
tarmos como um número 10, enquanto estivermos em 12. É normal que um homem de 90 anos não tenha paixão e uma criança de três anos também não tenha, mas é durante o período em que temos paixão que temos a possibilidade de sermos desapaixonados.

Há apenas 10 signos do zodíaco que representam a Criação perfeita. A Criação é perfeita para aqueles que vivem com 10 signos zodiacais. Para aqueles que caíram, a Criação parece ser imperfeita, e porque se tornaram apaixonados, descobrem que tudo é apaixonado na Criação. A queda para o número 12 se dá por motivos e desejos. É assim que 10 se torna 12. O número 10 é chamado de *Mandala*, em sânscrito. A sabedoria da *Mandala* é para aqueles que superaram os motivos e os desejos. Isto foi o que a Madame Blavatsky aprendeu, quando foi trazida ao Ashram. Ela escreve: “Por alguma razão misteriosa e desconhecida, este símbolo foi mostrado à autora.” A razão é que ela estava acima da paixão, do desejo e dos motivos. Se nós superarmos os motivos e os desejos, poderemos também ter o direito de que nos seja mostrado este símbolo e sua sabedoria correspondente. Esta é a sabedoria da *Mandala*, cuja potência numérica é 10.

O centro representa o número 1 e a circunferência representa zero (Fig. 6).

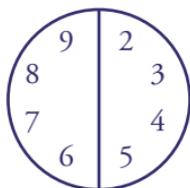


É assim que a Sabedoria contém em si a potência do número 10 e se desdobra desta forma (Fig. 7):



Pitágoras chegou ao ponto de dizer: “A sabedoria é quádrupla e está agrupada em quatro números. Estes números são 1, 2, 3, 4 e estes números também podem ser 1, 3, 6, 10. Pensemos neles!” Quando os discípulos decodificaram esta declaração, Pitágoras disse: “Também pode ser em grupos de 10!” Ele disse isto para fazer com que os discípulos refletissem ainda mais. Em seu ensino não havia isso de “dar de comer com uma colher”. Ele fez a mente dos discípulos pensar e pensar profundamente. Isto permitiu que os discípulos mergulhassem, profundamente, em seu *Buddhi*, a partir dos níveis superficiais de sua mente.

O número 10 também é apresentado em outro sistema como a “Árvore Sephirotica”, sendo o número 1 uma linha vertical dentro do círculo (Fig. 8).

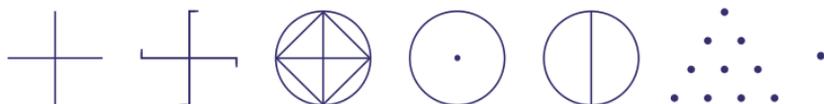


Quer a chamemos de cruz, *Mandala*, *Década de Pitágoras* ou *Árvore Sephirótica*, estamos falando da mesma sabedoria, tanto no Oriente como no Ocidente. Dependendo do tempo e do lugar, a sabedoria é expressa em uma linguagem adaptada a esse tempo e lugar. Esta é uma das dimensões do simbolismo.

Portanto, a cruz tem quatro braços: o Espírito, a alma, a mente e o corpo, e nós existimos em todos esses quatro planos. Nós teremos que ir trabalhando com todos esses quatro lados. Em tempos recentes, a cruz foi distorcida ainda mais pela extensão do braço inferior, o que indica o crescimento excessivo na matéria (Fig. 9).



Ao contrário de suas formas originais que são (Fig. 10):



Quando o braço inferior se projeta tanto, o símbolo perde sua santidade. Isto é o que o Ocidente agora adora no *Kali Yuga* e a consequente queda no mundo material. É claro que este contágio também atingiu o Oriente nos últimos séculos. Quando os quatro lados da cruz são construídos, diz-se que o Templo está completo. A construção do Templo significa levar em conta a totalidade destes quatro aspectos. É um templo que é construído através do tempo. O tempo tem como constante a mudança. Para nos dar uma ideia da mudança do tempo, e que ele se move no sentido horário e anti-horário, esta mesma cruz é representada no Oriente na forma de uma Suástica (Fig. 11).



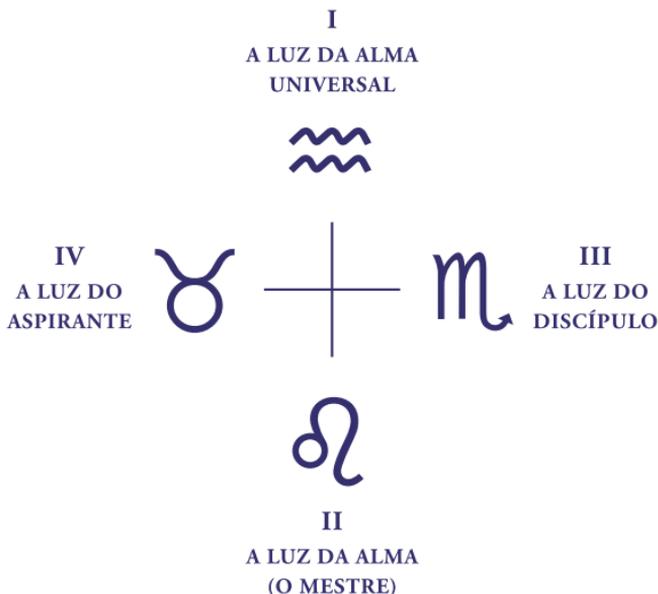
Suástica significa *Su Ástica*, que quer dizer “bem habitado”, em sânscrito. O homem habita na totalidade de seus quatro aspectos. A Suástica é também um dos aspectos originais da cruz, além dos outros símbolos. Alguns sistemas o explicam pelo número 10, outros pelo número 4 e outros

pelos grupos dos números 1, 3, 6, 10, e todo seu simbolismo é explicado, tomando como base a Chave do Tempo.

A CRUZ DE AQUÁRIO

A Cruz de Aquário inclui os quatro signos zodiacais de Touro e Escorpião, formando um eixo, e Leão e Aquário, formando o outro eixo. Estas são as quatro energias relativas à Cruz de Aquário.

Na Era de Aquário, esta é a cruz sobre a qual temos que subir. Isso significa que temos que realizar coisas com as energias de Touro, Escorpião, Leão e Aquário. Aquário, que é o primeiro passo, é a Alma Universal; Leão, que já é o Mestre, é a alma individual; Escorpião é o Discípulo e Touro é o Aspirante (Fig. 12).





TOURO: A LUZ DO ASPIRANTE

A ENERGIA DE VULCANO

A energia de Touro carrega dentro dela as energias de aspiração. As aspirações têm seus lados positivo e negativo. O aspirante em Touro atua no campo dos pares de opostos. Enquanto faz um esforço para entrar no Templo, ele golpeia as duas colunas da dualidade que há na entrada do Templo. Ele quer entrar, mas, ao fazer isso, ele se choca contra uma coluna ou outra. É como um touro que se arremete contra as colunas. O próprio signo zodiacal de Touro é representado por um touro.

O touro tem força bruta; pouca cabeça e muita força física. O cinzel não está afiado; ele ainda é um martelo e não um cinzel. O martelo não pode cinzelar; para isso ele deve ter o poder da sabedoria, pois somente a sabedoria aguça a força. A força ou a vontade sem sabedoria é como um grande touro, como um touro ganhão solto nas ruas. Assim, o aspirante golpeia as duas colunas do Templo, enquanto pensa em entrar.

A intenção é boa, mas os meios causam muitos danos. Toda vez que ele tenta entrar no Templo, ele golpeia uma das duas colunas. Desta forma, o aspirante não só prejudica a si mesmo, mas também danifica as colunas do Templo, que são parte de seu corpo sutil. Tal é a entrada do aprendiz. É um trabalho de touro, com um grande gasto de energias, mas pouco eficaz.

Mas o trabalho do touro tem sua própria beleza e está cheio de vontade, sem a qual nada pode acontecer no disciplinado. Isto virá até nós, por causa do estímulo do centro Vulcano em nós. Vulcano apresenta o aspecto da vontade que atua ativamente no planeta até mesmo para transformar metais. Portanto, não é difícil para Vulcano transformar um ser humano. O centro de Vulcano no ser humano está situado logo abaixo do Centro Laríngeo. Até e a menos que este centro seja invocado e evocado, a transformação do touro não pode ocorrer. Vulcano representa o poder do calor que transforma a matéria densa em matéria sutil, o que, por sua vez, permite a penetração da Luz. O poder do calor está ativo, enquanto a vontade estiver agindo.

O poder do touro tem que ser dirigido e tem que se tornar uma energia direta, caso contrário, ele se movimenta de forma selvagem no campo da espiritualidade. O aspirante está profundamente motivado, mas não é sábio; ele tem a vontade, mas não tem direção; ele tem aspiração, mas não vê o lado oculto das coisas. Ele vê apenas o aspecto forma, que é o quarto estado

e nada mais. Ele está cego para o mundo sutil e seu funcionamento. Seu entendimento é somente físico e, embora tente imaginar e fazer deduções, ele está invariavelmente errado, porque não tem Luz suficiente nele. Ele tem apenas visão física, que é lenta e gradualmente transformada em visão interior pela energia de Vulcano.

O MUGIDO DO TOURO

A Palavra em seu quarto estado é a forma. No início existimos e, de dentro de nós surge uma ideia; esse é o segundo estado: nós e nossa ideia. A ideia é transformada em linguagem, que é o terceiro estado; no quarto estado é pronúncia. Touro representa este quarto estado. É por isso que, quando um homem tem uma voz muito forte, dizemos que ele é um touro. De acordo com a terminologia maçônica, diz-se que “o touro muge”. O mugido do touro é apenas a expressão do aspecto da forma. Enquanto o touro muge, não compreende que existem três etapas anteriores. Isso significa que os eventos no plano objetivo são tomados como tal. Tem apenas vista, mas sem visão; por isso se diz que é um touro. Os aspirantes geralmente são como touros!

O touro vê apenas o que quer ver, mas não vê o que está lá. Como resultado, ele tem um entendimento muito estreito e uma força física ilimitada. Não é sequer força mental, mas força física. Para atingir seus próprios objetivos, ele tem seus próprios motivos e desejos, que

são utilizados para sua realização pessoal. O desejo de entrar no ashram de um Mestre também é um desejo pessoal. É por isso que muitas pessoas esperam do lado de fora do Templo. Quando buscamos algo para nós mesmos, somos empurrados para trás; quando desejamos algo para os outros, somos empurrados para frente. Aqueles que empurram outros para frente e ficam para trás, são os melhores servidores.

Um bom pastor caminha atrás das ovelhas e se certifica de que cada uma delas seja bem conduzida. Se o pastor andasse na frente das ovelhas, como ele poderia realmente conduzir as ovelhas? Para liderar, é preciso ficar para trás, para ver como cada uma das ovelhas se comporta e, se elas se desviarem, poder colocá-las em seu lugar. Temos um Bom Pastor e um jovem “vaqueiro”.

Um Bom Pastor no Ocidente e um jovem “vaqueiro” no Oriente cuidaram completamente das ovelhas e das vacas, ficando para trás e correndo à frente. Com o desejo de serem líderes, as pessoas fazem o oposto do que deveriam fazer. O verdadeiro líder é aquele que não sente que é um líder. O próprio sentimento de ser um líder faz com que se vejam as coisas de trás para frente e, portanto, ele é empurrado para trás toda vez que ele empurra a si mesmo para frente.

Assim, o touro empurra a si mesmo com seu próprio desejo ou vontade pessoal. Sua vontade é uma vontade pessoal que tem competitividade. Não vemos em gru-

pos espirituais como certas pessoas têm um espírito de competição e um sentimento de que são superiores aos outros e têm um impulso para se colocarem à frente dos outros? Não é egoísmo querer chegar ao Ashram do Mestre, deixando todos os outros para trás?

O melhor touro do planeta, o rei dos touros, o Touro entre os touros, é Gautama Buda, que também nasceu no mês de Touro. Ele é o Touro que se transformou completamente e, mesmo quando lhe foi oferecido para entrar nos ashrams supraplanetários, ele disse: “Não, eu ficarei aqui para garantir que todos os meus irmãos se aproximem de mim e até me ultrapassem, antes que eu entre em Teu ashram”. Esse é o Touro entre os touros. Ele é chamado de “o Touro Sagrado entre os homens”, porque ele trabalhou duro, atingiu o objetivo, alcançou a iluminação e escolheu ficar e trabalhar para a humanidade. O Touro Sagrado é Nandi, que é o veículo de Shiva, o Senhor.

TRABALHAR PARA OUTROS

Cada signo zodiacal consiste em três partes: uma parte relacionada ao homem, outra parte relacionada ao discípulo e uma terceira parte relacionada ao Mestre. Estas são as três partes das quais cada signo zodiacal é composto. Neste caso, estamos falando da parte de Touro que representa a Luz do aspirante. Isto não se limita àqueles que nascem no mês de Touro. Todo aspirante

representa o Touro. Ao entrar no reino esotérico, a primeira coisa que o aspirante traz consigo é trabalhar para si mesmo, porque no mundo objetivo ele desenvolveu o hábito de trabalhar para si mesmo.

No mundo material, todos acreditam em trabalhar para si mesmos. Mesmo quando se entra no recinto do Templo, ele carrega consigo o hábito de trabalhar para si mesmo. Desta forma, ele busca sua iluminação e suas iniciações pessoais. Portanto, ele permanece onde está até perceber que não será iniciado, a menos que trabalhe para os outros. A chave para ser iniciado é trabalhar para os outros. O serviço é medido pela pureza do serviço aos outros. Assim, a pureza é a escala pela qual o serviço é medido. O serviço não é medido pela quantidade, mas pela qualidade. No Templo Interior, os Mestres têm uma medida diferente. O touro tem que trabalhar lentamente para transformar-se, no que diz respeito à compreensão dos outros. Normalmente, um aspirante espera que outros o entendam, mas, raramente, ele entende as outras pessoas. Ele tem apenas seu próprio ponto de vista. Ele não compreende que os outros também têm seus próprios pontos de vista, tão fortes e obstinados quanto os seus. O discipulado exige “compreender as necessidades dos outros, as condições de vida dos outros, a capacidade de não ferir os sentimentos dos mais simples e de aliviar os aflitos, assim como a capacidade de apreciar o trabalho dos outros”, diz Mestre Morya.

O aspirante tem que desenvolver uma direção a partir da força de vontade que ele tem. A direção lhe chega, quando não está procurando suas próprias sombras. Se buscamos nossa própria sombra, não podemos chegar à Luz. A sombra não é nada além de nossa própria personalidade. Enquanto continuarmos satisfazendo as necessidades de nossa personalidade, estaremos correndo somente atrás de nossa sombra e, “quando corremos atrás de nossa própria sombra, não temos direção”, diz Pitágoras.

Quando você tem que usar um cavalo para o trabalho, você lhe coloca antolhos, para evitar que ele olhe para o lado, para fazer seu olhar convergir no caminho e fazer com que ele não tenha medo de sua própria sombra. Um cavalo não é nada além de um raio de luz. Um homem não é nada além de um raio de luz. Portanto, se o raio de luz, o homem ou o cavalo tem que progredir no caminho, ele tem que limitar seu olhar ao caminho e não olhar para os lados e não se distrair.

Quando se está distraído no caminho, há uma atração por parte das sombras e, como resultado, não se pode progredir. À medida que nos estabelecemos no caminho, encontramos-nos frente a frente com um serviço. Somente quando se está frente a frente com um serviço, é que se está no caminho, caso contrário, não se está no caminho. Há muitos que amam os Mestres de Sabedoria e os elogiam. Há muitos que adoram e louvam a Deus. Deus não está satisfeito com os atos de veneração

que Lhe dirigimos, mas Ele está verdadeiramente satisfeito quando trabalhamos para as criaturas da Criação, pois a Criação é Sua filha e, sempre que trabalharmos para Seus filhos, ELE estará satisfeito. É fácil agradecer ao Pai agradando a Seus filhos. Se quisermos agradecer a um pai, tomemos conta de seus filhos. Suponhamos que uma criança esteja a ponto de se ver envolvida em um acidente e nós arriscamos nossa vida e a salvamos. Podemos imaginar o quanto o pai dessa criança nos apreciará! Não precisamos nem mesmo venerar o Pai; pelo contrário, o Pai nos admira, o Pai nos glorifica. Foi assim que o Pai glorificou Jesus, o Filho de Deus!

Esta é a dura verdade do Discipulado, mas temos que torná-la nossa. É amargo de se engolir, mas temos que engoli-la e trabalhar. A fim de estabelecer-se no caminho e trabalhar para os outros, o touro em nós tem que começar a trabalhar. Se um touro começa a fazer coisas na direção correta, o resultado é muito positivo e pode produzir muito, através da contribuição de sua energia direta.

ESTABELECIDO NO CAMINHO

Quando um homem está estabelecido ou firme no caminho é dito que “o touro está sob o jugo”; ele está firme, assumindo responsabilidades. Na Índia, quando um casamento ocorre, o jugo é lançado ao touro, que é o marido, e a ele também se entrega uma responsabilidade mediante o casamento. Até esse momento, ele é livre para fazer o

que quiser. Há uma parte específica no ritual matrimonial onde o sacerdote diz ao marido: “Olhe, meu caro jovem, pelo poder de Deus, eu agora coloco este jugo em você. Você será o touro que trabalhará para a família e, com a cooperação da vaca, você trabalhará para a sociedade.” É um tipo de parceria que é dada para trabalhar com responsabilidades. Assim, um jugo é colocado em um touro que estava perambulando livremente.

No caminho da sabedoria, isto tem seu próprio simbolismo. Colocamos em nossas costas uma grande tarefa, a tarefa do cultivo. Os touros são utilizados para o cultivo da terra. O cultivo significa a transformação do campo e a semeadura das sementes, fazendo com que elas germinem. A partir daí, o touro começa a trabalhar.

Da mesma forma, um aspirante que, até agora, perambulava de um lado para outro, ajusta-se a um caminho ou trabalho, a um trabalho definitivo e, portanto, diz-se que está “estabelecido no caminho”. Mas, mesmo estando firme no caminho, devido a velhos hábitos, ele sai do caminho e entra nele novamente. A isto se chama “chegar e sair”. O aspirante não deixa de entrar e sair do caminho. Desta forma, a prática do aspirante é inconsistente e irregular. Há momentos em que ele vai bem e há momentos em que não vai tão bem.

A vida da personalidade e da individualidade é muito forte. Há também um leve despertar da alma, mas a personalidade tem sido forte e é por isso que o aspirante se

afasta do caminho e continua voltando a ele, repetidamente. Nas escrituras é dito: “Ele é como um elefante”. Um elefante toma banho no lago, sai e, novamente, joga lama e poeira em seu corpo e, quando está farto da poeira e da lama, volta a banhar-se no lago. É um processo que consiste em tomar banho no lago para se limpar e sair do lago para ficar novamente lamacento. O pó da personalidade se acumula na alma do aspirante e é por isso que ele continua voltando, de tempos em tempos, para a vida em grupo ou para o serviço. Empoeirar-se e escovar-se acontece, alternadamente, por um longo tempo.

Quando há certa regularidade no desempenho dos deveres que ele estabeleceu para si mesmo no caminho, é quando se diz que o aspirante subiu na Cruz Fixa ou na Cruz de Aquário. A Cruz Fixa é a Cruz do Discipulado. É o caminho. A Cruz Fixa significa que o aspirante agora está firme no Caminho da Luz. Existe agora certa continuidade em sua proximidade à Luz, ao mesmo tempo em que ele ainda tem muita personalidade e individualidade.

É assim que o aspirante é estabelecido no caminho e é “fixo” à cruz. Uma vez que uma pessoa “se fixa” à regularidade, é quando se diz que tomou sobre seus ombros a Cruz Fixa. A partir de então, desde que ele carregou a cruz, a cruz se coloca, por si só, sobre ele, e seu peso não mais o deixa. Na história de Jesus também, simbolicamente, às vezes, a cruz é tirada de seus ombros e

colocada novamente, até que uma regularidade aceitável é alcançada e, então, a cruz permanece. O peso da cruz se faz sentir nele progressivamente. O peso da cruz é o sentimento de peso das responsabilidades relacionadas ao trabalho.

No início, o aspirante sente a responsabilidade, enquanto trabalha no serviço. No serviço, ele tem mais senso de responsabilidade do que responsabilidade como tal. Ser responsável é uma coisa, ter o sentimento de responsabilidade é outra coisa. O sentimento de responsabilidade é uma miragem, é o caminho da fumaça. O aspirante faz pouco e acha que fez muito quando pensa: “Oh, quanto serviço eu estou fazendo; não tenho tempo para tomar banho, não tenho tempo para fazer a barba, não tenho tempo para a família.” Assim, o aspirante entra gradualmente no caminho da fumaça, quando nada mais faz do que pensar em suas responsabilidades, em vez de ser responsável.

Tomemos nota da diferença entre “ser responsável” e “sentir-se responsável”, pois há uma grande diferença entre os dois. A primeira é como dizer a verdade; a segunda é como falar sobre a verdade.

Falar sobre a verdade é fácil; dizer a verdade é difícil. Ser responsável é difícil; viver com o sentimento de responsabilidade é fácil. Quando caímos em sensações, também caímos em autopiedade, pensando: “Quanto estou fazendo!” O aspirante pensa que está fazendo

muito, mas, na verdade, ele não está fazendo tanto, mas acredita que sim. Pensamento excessivo e muito pouco trabalho. Todos estes são os níveis de pensamento pelos quais um aspirante passa.

Todos experimentam isso no caminho. Sempre haverá alguém mais veterano do que nós, no sentido de nos bater no ombro, dizendo: “Meu querido irmão, não vá dormir em sensações, viva acordado em ação”. Assim, o aspirante põe-se em ação, porque agora se estabeleceu, por si mesmo, no caminho. Uma vez que tenhamos subido à Cruz Fixa, encontramos nossos companheiros, nossos colegas e nossos maiores. Os maiores dão o exemplo para os mais jovens e não deixam os mais jovens viverem em sensações. Os maiores vivem mais nas responsabilidades do que nas sensações e ajudam os mais jovens a superar, gradualmente, as sensações e a assumir responsabilidades. Quando os mais jovens assumem maiores responsabilidades de trabalho, o costume do “banho do elefante” desaparece.

O “banho do elefante” é uma etapa no caminho. Vimos como o touro garanhão vagueou livremente no início e, depois, o jugo foi colocado sobre ele. Uma vez que o jugo é colocado, seus movimentos se limitam a entrar e sair dele. Entrar e sair do caminho é como o banho do elefante. A partir desse momento ele se torna um burro e assume maiores responsabilidades, mas, ao fazê-lo, ele assume responsabilidades que não são suas e,

isso, é outro problema. No início, ele não queria assumir responsabilidades e vivia em sensações, agora, ele sente as responsabilidades mais do que necessário e assume as obrigações dos outros, desnecessariamente, fazendo tanto o que lhe é dado quanto o que não é. Se me for dada a responsabilidade de fazer certo trabalho durante a vida em grupo, devo fazê-lo sem deixar espaço para sensações e não devo fazer nada mais do que aquilo que me foi dado, caso contrário, estarei assumindo outras responsabilidades desnecessárias. Não devemos assumir o trabalho que pertence a outros. Isso se deve ao excesso de entusiasmo e o excesso de entusiasmo cria problemas para nós.

A HISTÓRIA DO BURRO E DO CÃO

Uma vez um lavandeiro tinha um burro que era usado para carregar a roupa suja para o lado do rio, todos os dias. Uma vez lavadas e secas as roupas, o lavador as colocava nas costas do burro e as levava para casa. O trabalho do burro era levar a roupa suja até o rio e levar a roupa limpa de volta. Este burro era muito responsável; ele ajudava o proprietário, sem nunca lhe dar nenhum problema e, por isso, o lavandeiro o alimentava bem. Na mesma casa, havia também um cão, cuja tarefa era guardar a casa, tanto à noite como durante o dia, quando o lavandeiro ia com o burro até a margem do rio. Portanto, este cão tinha seu próprio dever a cumprir.

O “proprietário” divide claramente as tarefas entre cada um de nós. Cada um de nós tem que cumprir seu dever e não o dever dos outros. Desta forma, o sistema funciona bem.

Uma tarde, o burro e o cão se encontraram e trocaram opiniões sobre quem fazia mais trabalho. O burro disse que ele fazia mais trabalho, mas o cão disse: “Você não sabe quanto trabalho eu faço, quando você não está aqui”, ao que o burro respondeu: “De que trabalho você está falando, quando você não faz nada além de sentar-se em casa? Então, o cão disse: “Sim, você não sabe quanto trabalho há em ficar sentado em casa”. Você sai calmamente e volta e, ao fazer isso, você vê a cidade, os campos e o rio, mas eu estou sempre fechado para cuidar da casa e nunca saí do pátio. O burro respondeu: “Oh, seu trabalho não é grande coisa”, ao que o cão disse para si mesmo: “Eu devo dar uma lição a este burro”, e esperou o momento oportuno. Então, uma noite, por volta das doze horas, um estranho entrou no pátio da casa do lavandeiro. O burro viu o estranho e o cão também o viu, mas ele ficou em silêncio. Então, o burro disse ao cão: “Um estranho está entrando, por que você não ladra?” O cão fingiu estar dormindo profundamente, enquanto o estranho se aproximava da casa. O burro disse para si mesmo: “Este cão não está cumprindo seu dever, então, eu vou cumpri-lo”. O burro começou a zurrar de tal forma que o lavandeiro acordou. Normalmente, o proprietário esperaria que o cão ladrasse se um

estranho entrasse, mas, quando o dono ouviu o burro zurrar à meia-noite, irritou-se e saiu batendo no burro com um pau, dizendo: “Cale a boca, não me acorde”. O burro ficou chocado e pensou: “Eu tentei ajudar este homem e ele me bateu nas costas”. Então o cachorro disse ao burro: “Esse é o meu trabalho. Veja, se eu fizer isso, nosso dono acorda e olha em volta, mas se você fizer isso, você é espancado”.

ENTUSIASMO EXCESSIVO

Assim, a todos é confiado um dever que deve ser cumprido, tal como lhe é dado. O que acontece se assumirmos as responsabilidades dos outros? Recebemos o mesmo tipo de paus que o burro. É por isso que Pitágoras disse: “Somente os burros assumem responsabilidades extras”. Esta é uma fase do caminho que temos que percorrer: o touro, o elefante e o burro, que aprendeu sua lição com o cão. O cão conhece seu trabalho e não interfere no trabalho do burro.

Da mesma forma, o aspirante com entusiasmo excessivo, que sente mais responsabilidade do que o necessário, interfere no trabalho dos outros e, como resultado, incorre em consequências. A história do cão e do burro é muito explícita neste sentido. A respeito desta mesma situação há uma frase ocultista, procedente dos círculos maçônicos que diz: “O aspirante, ao fazer as coisas, esquece-se de servir a sua própria gente e serve

aos outros”. Esta é outra inversão. Servir aos outros não significa que não servimos a nossa própria gente. Temos que servir aos nossos, assim como aos outros. Há um filósofo grego que disse: “Aquele que serve aos outros, mas não serve a sua própria gente, é um grande tolo”. Apenas um tolo tenta servir aos outros, ignorando sua própria gente. Todas estas são afirmações feitas por Grandes Iniciados, porque eles filtraram e observaram a psicologia humana. O grande tolo serve mais aos outros do que a sua própria gente. Ele é reconhecido, quando serve aos outros e as pessoas ao seu redor dirão: “Ele é um grande servidor”. Desta forma, ele gosta de ser reconhecido como um servidor e serve aos outros como um cão, enquanto ignora sua própria gente. Essa é uma atitude muito negativa e seu conceito de serviço não é natural. Quem nos aprecia quando servimos em casa? Ninguém. Pelo contrário, eles dirão: “Você esqueceu-se de fazer isto e aquilo...”.

O DESEJO DE RECONHECIMENTO

Quando servimos em casa, não somos reconhecidos ou apreciados. Toda vez que a mãe serve a seu filho, por acaso, o filho aprecia a mãe? Mas se a mãe faz a mesma coisa com outras crianças, então, ela é reconhecida como uma trabalhadora social. Então, esquecemo-nos de nossos filhos e servimos às crianças de fora. Esta é uma das inversões que as pessoas sofrem no serviço. É preciso

servir aos seus como se serve aos outros. O primeiro passo é servir aos que temos em casa e depois servir aos demais. Ao servir aos outros, não nos esqueçamos das pessoas da casa. Aquele que serve aos outros e ignora as pessoas da casa é um tolo. Se dissermos que há um tolo “ainda maior”, isso quer dizer que tem que haver um tolo antes. Esse tolo, que havia antes, é aquele que serve apenas aos seus. A pessoa que serve apenas aos seus é considerada uma tola, do ponto de vista esotérico.

O homem alimenta sua própria gente acreditando que elas são “suas próprias”, mas não são suas próprias. Isto ele vai perceber muito mais tarde. É por isso que se diz que servir é a verdade. Servir na crença de que eles são nossos é tornar-se tolo; servir no mundo exterior e esquecer-se de servir em casa é a situação em que se encontra um tolo ainda maior. Aquele que cai prisioneiro desta miragem faz demais ao querer levar harmonia aos outros, enquanto que, em sua própria casa, há desarmonia (conflito). A base sobre a qual ele vive está em conflito e ele acredita em servir a um grupo maior. De acordo com a matemática espiritual, esta pessoa é chamada de “ângulo obtuso”. Sentado em uma plataforma instável, ele fala sobre estabilidade, equilíbrio, *yoga*, etc.

Ele está tentando fazer coisas em excesso, esquecendo os próprios princípios cardeais da ação. Assim é como ele trabalha, porque o desejo age como um desejo de reconhecimento. Em seu desejo de reconhecimento,

continua a fazer coisas em excesso. Se há algo errado na família, é de se supor que eu não possa sair de minha casa. Se tudo estiver bem em casa, cumprimos nossas obrigações e, nesse caso, podemos sair e cumprir responsabilidades adicionais. Em nome do “serviço do mundo”, não se pode negligenciar a família. Esse é o princípio em relação ao Caminho. Quando limpamos outras casas que não a nossa, somos considerados como servidores. Se limpamos nossa própria casa, ninguém nos considera como servidores. Assim, para sermos reconhecidos como servidores, não limpamos nossa própria casa, mas limpamos as casas de outras pessoas. Se eu não cozinho em casa e nunca cozinhei com minhas próprias mãos para alimentar meus filhos, mas, na vida em grupo, assumo a responsabilidade de cozinhar, isso significa que há algo antinatural em meu ser.

Desta forma, o desejo de reconhecimento faz com que as pessoas não se desenvolvam ou se desdobrem naturalmente, de modo que elas compreendem muito pouco o Plano, ou seja, não o compreendem de forma alguma, embora falem muito sobre ele. O Plano é realizado a partir de onde se está e se espalha pelo entorno. Não temos que ir a lugar algum para que o Plano seja cumprido, mas o Plano chega até nós e nós respondemos. O Plano chega àqueles que estão envolvidos até o pescoço para cumprir seu dever, porque o Plano precisa daqueles que cumprem seu dever e não daqueles que especulam.

O desejo de reconhecimento surge da natureza básica do desejo no aspirante. Lembre-se do belo ditado do Mestre Djwhal Khul: “De pequenas tarefas, devidamente executadas, surgirão maiores responsabilidades, culminando no Serviço Mundial”. Se seguirmos esta ordem e sua sequência, seremos uma alma no Caminho.

BHAKTI: DEVOÇÃO, MAS NÃO EMOÇÃO

O aspirante é muito feminino em sua atitude. Mesmo que ele pareça ser masculino, ele é mais uma mulher do que um homem. Esta é uma forma mística de apresentá-lo: “Mais mulher que homem”. É assim que dois irmãos falam de forma simbólica, quando eles olham para um aspirante. “Mais mulher” significa mais orientado para o desejo. Ainda que o aspirante pareça ser um homem, ele está cheio de desejo, o desejo de ganhar. No Caminho não existe ganhar nem desejar; só há um fazer as coisas com responsabilidade. À medida que o aspirante vai fazendo, cada vez mais, as coisas com responsabilidade, com devoção a qualquer dever que lhe seja confiado, ele muda pouco a pouco do 6º raio para o 7º raio. A energia do Touro é fundamentalmente de 6º raio e tem que ser processada através do “*Bhakti*”.

Bhakti é a aplicação continuada a um serviço, com o mesmo grau de interesse, do primeiro ao último dia, mesmo após cinco anos. Ou seja, o entusiasmo com que nos dedicamos a um trabalho no início tem que

continuar o tempo todo. Muitas pessoas pensam que o 6º raio não é necessário, porque o Mestre Djwhal Khul disse em um dos livros que o 6º raio está desaparecendo. Mas quando ele fala sobre isso, ele está falando de um ciclo de milhares de anos.

As pessoas são muito emocionais até o momento. Enquanto o ser humano continuar tendo emoções, ele precisa do 6º raio. O 6º raio dá veneração ao serviço. A veneração torna possível a regularidade e a continuidade e, como consequência, ele leva ao 7º raio. Aquele que tem veneração pelo serviço é capaz de ter um ritmo em seu funcionamento. Uma pessoa que não tem veneração, que não tem respeito pelo trabalho pelo qual é responsável, não pode fazê-lo bem e não pode fazê-lo continuamente, mantendo o mesmo bom interesse por ele. Por isso, no 6º raio, inicia-se o trabalho com devoção. Não confundir devoção com emoção. O 6º raio é dado para começar o trabalho com devoção, mas, quando a devoção se contamina com o desejo egoísta, ela se torna emoção. O raio de sol leva nele o 6º raio; podemos, então, dizer que o sol é emocional? Não. No entanto, o sol tem devoção. Quando o Mestre disse: “O 6º raio está desaparecendo”, ele não quis dizer todo o raio em si, mas sua parte emocional. Somos muito rápidos para entender a mensagem sutil das palavras de um Mestre. Somos geralmente surdos. Ouvimos o que queremos ouvir e não ouvimos o que foi dito nem o que

se quis dizer. É melhor não invocar os Mestres, até que tenhamos chegado a compreender a sutileza da Palavra.

Se olharmos para uma vivência em grupo, há o funcionamento de muitos raios. A preparação do altar envolve a presença do 6º e 7º raios. O funcionamento da cozinha e da sala de jantar também envolve os raios 6 e 7. Se nenhuma destas duas atividades fosse realizada, toda a vivência em grupo se tornaria fortuita. Os sentidos convergem em um, quando há a veneração do 6º raio. Se os cinco sentidos estão espalhados em cinco direções, a mente não pode fazer muito.

O propósito do 6º raio é que os sentidos convirjam. Quando os sentidos convergem, a mente se recolhe. Uma mente recolhida é como uma carruagem com cinco cavalos que se movem na mesma direção. Se os cavalos puxassem em cinco direções, a carruagem se partiria em cinco pedaços. Da mesma forma, que atividade podemos fazer com uma mente dividida? O recolhimento da mente é o primeiro passo para qualquer atividade sensata, porque a mente tem o plano de trabalho.

“A mente é o plano de trabalho”, como se diz nas escolas de ocultismo. A mente tem que estar bem recolhida, mediante cooperação dos cinco sentidos. Quando a mente se recolhe por um ato de veneração, o trabalho a ser feito pode ser mais bem feito. Quando preparamos um altar, estamos colocando nosso corpo físico em ação; quando acendemos um incenso, estamos fazendo

o sentido do olfato convergir para o lugar onde estamos trabalhando; quando acendemos uma vela, estamos fazendo o sentido da visão convergir para o mesmo lugar; quando oferecemos flores, estamos fazendo o sentido do tato convergir para o mesmo lugar; quando invocamos o OM, estamos expondo o sentido da audição a um trabalho sagrado. Desta forma, todos os sentidos são reunidos, simultaneamente, antes do início de qualquer contemplação ou meditação. Não se trata de vir a toda pressa de carro, de correr para fora do carro para entrar em casa, sentar-se repentinamente e tentar meditar. Nesse caso, não há preparação prévia. Quando a preparação para reunir os cinco sentidos se dá, a meditação se realiza sem esforço. Sem tal preparação não há meditação possível, porque a mente não está recolhida.

O 7º raio é uma maneira ordenada de trabalhar. Ao mesmo tempo, ao trabalhar com o 6º raio, os sentidos se tornam cada vez mais interessados no que está sendo feito. O desejo é orientado para o altar e, pouco a pouco, o padrão de desejo muda, à medida que a pessoa se engaja neste tipo de atividade de 6º raio. As pessoas, hoje em dia, vivem muito ligadas ao desejo e às emoções; daí, não se poder eliminar o funcionamento do 6º raio. Tudo o que é selvagem na pessoa, é totalmente moldado pelo 6º raio. É muito fácil para uma pessoa do 6º raio entrar no 7º raio, porque a natureza selvagem, a natureza indiferente é domada e morre gradualmente.

Se nós reunimos muitas coisas na mente sem organizar os sentidos, os sentidos não permitem que a mente possa experimentar nada.

BELEZA SEM FORMA

Desta forma, o aspirante ascende, pouco a pouco, do 6º raio de *Bhakti* ao 7º raio. O desejo se purifica cada vez mais e mais e, ao chegar a esse ponto no tempo, ele entra em contato com um grupo que trabalha com o som, pois o funcionamento principal do Touro é por meio da voz.

Touro governa a voz, enquanto Gêmeos governa as cordas vocais. A voz está passando progressivamente por uma transformação. Agora, o mugido do touro está exposto a um certo tipo de regulamentação e, por meio da pronúncia de sons sagrados, a voz é progressivamente moldada. Este é, por um lado, o trabalho de Mercúrio e, o funcionamento do 6º raio é, por outro lado, o trabalho de Marte. A Vontade que o aspirante tem para progredir no caminho funciona, graças à Vulcano. Todos os três, inicialmente, adotam o trabalho de veneração, a que chamamos *Bhakti* e, isso, significa trabalhar com Vênus.

Decorar um altar de uma maneira bonita é o trabalho de Vênus. Vênus nos ensina a beleza na forma e, gradualmente, transforma-nos em um estado, no qual compreendemos a beleza sem forma. Primeiro, vemos a beleza na forma e, gradualmente, vemos a beleza sem a forma. Um homem jovem ama uma mulher jovem, ao

ver a beleza na forma. É assim que este jogo começa. Este encontro é feito com base na beleza da forma. À medida que este casal avança na idade, a beleza não se baseia mais na forma. Então, eles não se importam com a forma, mas com a beleza da compreensão, do entendimento e do afeto, que não têm forma, mas são percebidos. Tendemos a ver mais as coisas bonitas na forma e não a forma propriamente dita. Quando o comportamento é bonito, não nos importamos muito com a beleza da forma. A beleza do comportamento é mais atraente do que a beleza da forma. Assim, começamos a ver mais as coisas ocultas que a forma. Isto é o que o Mestre Djwhal Khul define como: “O touro do desejo se converte, gradualmente, no touro divino”. O touro do desejo é aquele que vê a beleza na forma; o touro do divino é aquele que vê a beleza sem forma. Não se considera a forma e se aceita a beleza interior. Uma pessoa bonita, cuja conduta é muito ruim, não é aceitável, mas se a conduta é bonita, mesmo que a pessoa não seja bonita, ela é aceitável. Esta é a forma como a transformação ocorre gradualmente.

A LÍNGUA DIVINA

Ao começar a usar a voz, ela se expõe à pronúncia de palavras sagradas. Uma voz que experimenta coisas sagradas não pronuncia outras coisas. Uma vez expostos a um gosto mais elevado, o gosto inferior desaparece.

Esta é a beleza de se viver na espiritualidade. Na espiritualidade não se diz: “livre-se dos maus hábitos” nem existe o “não faça”, mas a atenção está colocada em algo divino. Quanto mais e mais o interesse pelo divino se desenvolve, as outras coisas caem por seu próprio peso, assim como o interesse por outras coisas. É por isso que nos reunimos em vivências de grupo e não é por não termos coisas melhores a fazer - que todos nós temos - mas preferimos colocá-las de lado e participar da irmandade. Nós tomamos o gosto de algo divino que nos permite desconsiderar nosso desconforto, desconsiderar nossas despesas, desconsiderar os inconvenientes e nos unirmos para um propósito mais elevado. A forma é superada pelo espírito de estar juntos e de viver em comunhão de consciência. O desejo de viver em comunhão de consciência substituiu o desejo da personalidade. Observe-mos como isto vem naturalmente em nossa vida. Deste modo, quando desenvolvemos o gosto pelas coisas superiores, as coisas inferiores desaparecem gradualmente.

Uma garganta acostumada a articular os mantras, esquece-se de usar linguagem grosseira com o tempo. De uma garganta acostumada a pronunciar o divino, nenhuma linguagem grosseira pode sair. Primeiro desaparece a linguagem grosseira, depois desaparece a conversa em excesso, depois desaparece a crítica aos outros, depois desaparece a discussão sobre as coisas, depois desaparece o julgamento dos outros, depois desaparece,

inconscientemente, a falsa representação dos fatos. Desta forma, quando trabalhamos com os sons sagrados, deixamos de articular coisas não sagradas.

Diz-se, então, que é a vaca que muge e não o touro que brama. O touro tem uma “voz” não regulada. Quando ouvimos o bramido do touro e o mugido da vaca, o mugido da vaca tem música, ternura e doçura. Diz-se que a voz de um Iniciado é o mugido da vaca e a voz de um não iniciado é o bramido do touro. Do uso não regulado da palavra até a palavra sagrada, há uma transformação que ocorre no Centro Laríngeo, através da expressão. A expressão não é apenas da palavra, mas também do trabalho. Em ambos os sentidos, a expressão se torna cada vez mais pura.

Assim, o touro de Touro é substituído pela vaca de Touro. Esta é outra expressão simbólica. A vaca é a que está impregnada e isso significa que a voz do Iniciado é uma voz que vem da impregnação dos centros superiores, enquanto que a voz do touro é simplesmente uma expressão que vem dos centros inferiores. Produz-se, assim, a impregnação da voz de um Iniciado, o que na teologia cristã é chamada de “aparição das línguas de fogo”. As línguas apareceram no dia de Pentecostes sobre as cabeças dos discípulos e quando eles falavam, a sabedoria fluía. Isto também é simbólico e significa que a Língua divina substitui a língua animal.

Uma língua irresponsável é substituída por uma língua altamente responsável ao falar. No caso de um

Iniciado, o que ele pronuncia é sempre divino e sua língua não pronuncia coisas não sagradas. Ao chegar ao ponto de aspiração no caminho, o aspirante é iniciado na Palavra Sagrada. Mesmo exotericamente, esta é uma iniciação no som. Enquanto o aspirante se expressa, continuamente, com pureza, a expressão pura produz pureza nos veículos inferiores. Então, é dito que é “a lua em Touro mais do que o sol em Touro”. O touro é o sol em Touro e a vaca é a lua em Touro.

A expressão alcançou o estado divino na voz; a voz tornou-se um canal dos centros superiores e deixou de ser um canal para a expressão de emoções e pontos de vista. Mercúrio, o Senhor da palavra, pode ser um canal tanto para os centros inferiores quanto para os superiores. A garganta pode ser um canal de expressão tanto para os centros superiores quanto para os inferiores. Mercúrio é um planeta neutro e, quando está em associação com os centros inferiores, o orador é simplesmente astuto, inteligente e diabólico. Ele faz malabarismos com as palavras para impressionar os outros e para lucrar com isso. Não leva a sério o que diz e faz os outros acreditarem em suas palavras. Ele cria um “mundo fictício” por meio de uma magia barata da palavra. Entretanto, quando Mercúrio está em associação com os centros superiores, ele inspira corretamente por meio da palavra. O aspirante impregna tudo com consciência, quando fala; ele produz modificações de consciência e eleva aqueles que dão atenção ao Plano *Búdico*.

Assim, quando o canal (ou seja, a voz) é submetido a uma mera expressão sagrada, tanto em termos de palavra como de ação, ele atrai a atenção de um Mestre, ou seja, de Júpiter.

ANELAR O NARIZ

Júpiter começa a se aproximar do aspirante. “O Olhar do Mestre” faz com que a criança nasça dentro do aspirante. Esta criança espiritual, que nasce, converte-se em um Kumara, no devido tempo. Neste caso, ainda é uma criança, a quem “O olhar do Mestre” concedeu certa bênção. “O Olhar do Mestre” é como “o olhar do peixe”; é chamado de “o Olhar de Peixes”. O peixe dá à luz sua prole por meio do olhar e os alimenta à distância. Da mesma forma, os olhos de um Mestre de Sabedoria tornam possível que uma criança espiritual nasça no aspirante. O olhar desperta a consciência como um ponto de Luz e esse ponto de Luz cresce, à medida que o aspirante trabalha em sintonia com a Lei.

O touro age com certa precisão. Esta etapa é expressa simbolicamente como “anelar o nariz” do touro. O aspirante desenvolve, até certo ponto, o autocontrole.

A precisão leva-o a entrar no trabalho de boa vontade e o apego à forma se enfraquece, gradualmente. Quando o apego à forma enfraquece, é dito no Ashram que “o ouro é substituído pela luz dourada”, o que significa que o aspirante está mais preocupado com a luz dourada do

que com o ouro. O anseio pelo progresso da personalidade cessa e não há mais crescimento da personalidade que, até então, era a atividade principal. O crescimento externo perde sua ênfase e o aspirante percebe a futilidade do crescimento em termos de personalidade e coloca sua ênfase no crescimento interno. A luz dourada que nasce dentro de seu coração é mais atraente. A atração interior provoca um desapego externo. A mera prática do desapego, como fazem os sacerdotes não práticos, é como a pregação em vão. Ensinar é diferente de pregar. O ensinamento é prática e o professor é um cientista em oposição à imprecisão e falta de pragmatismo do pregador. O esforço deve ser o de crescer por dentro. Isso não significa que o externo (a personalidade) não cresça; pode ou não crescer, mas o aspirante não está preocupado, pois ele percebe que a personalidade é a sombra que cresce e diminui com o passar do tempo. Ele não está apegado a ela, mas é mais atraído pelo trabalho interno.

Recordar a história do Novo Testamento quando Satanás tenta Jesus. A personalidade em nós é o Satã que nos tenta, mesmo após a terceira iniciação. É somente em um estágio muito avançado do Discipulado que a alma infunde a personalidade.

REVERTER A RODA

O próximo passo é sacrificar o apego à personalidade e não a personalidade como tal. Em Escorpião, um processo de

recessão ocorre no aspirante. É uma questão de “reencontrar o caminho” que já foi percorrido antes; é uma questão de voltar para casa, que é chamado de “Reverter a Roda”.

Do centro, nos expandimos em ciclos, mas, agora, paramos de nos expandir no mundo objetivo. Agora temos que voltar para trás, novamente ao ciclo. Tudo o que tecemos ao nosso redor fica exposto ao sacrifício (desprendimento) que se realiza no segundo braço da cruz. Isto significa que o homem decidiu retornar e o sacrifício e o desprendimento já fazem parte dele, mas, agora, embora ele mostre sacrifício e desprendimento em sua vida diária, ele não sente mais nada de especial nestes atos que faz, porque eles se tornaram uma questão natural. Para o observador externo, parece que o aspirante avançado está fazendo um sacrifício, mas não é assim para o aspirante.

Na atividade espiritual não existe tal coisa como crescer no mundo objetivo, mas é uma questão de retirar-se dele. Até que o homem não experimente a alma, qualquer trabalho feito na espiritualidade (no mundo objetivo) tenderá apenas a contribuir para o crescimento da personalidade, mas não para a expressão da alma. Até aprender a viver como uma alma, a atividade espiritual tem que ser uma prática oculta, ou seja, tem que se trabalhar em segredo e no silêncio, porque se não for assim ele será considerado como espiritual entre os medíocres e será condicionado pelo nome e pela fama resultante

disso. Assim, o aspirante avançado permanece firme e decide retirar-se. À medida que se retira, ele naturalmente se desapega do nome e da fama, o desejo de ser reconhecido é reduzido e o desejo de buscar o reconhecimento de outros também é, gradualmente, reduzido. Isto é chamado de “estar em pé sobre a rocha”.

Estar em pé sobre a rocha significa que o aspirante é “firme como uma rocha” e não pode mais ser tentado ou encantado pelo externo, e isto se deve ao fato de ele ter tido a experiência do “olhar divino” de um Mestre. Há um paralelo simbólico com relação a isto no Novo Testamento, quando Jesus ajoelhou-se ao lado da rocha e recebeu o raio de luz dentro dele. Isso significa que o caminho é claro. O touro foi totalmente domado e vai começar a fazer um trabalho mais intenso para ter a experiência da alma. É por isso que se diz: “estar de pé sobre a rocha”. Quando estamos na rocha desta maneira e já estamos desencantados com o crescimento da personalidade, há a inversão no caminho e a busca da alma novamente.

O touro que trabalha no campo se retira para as regiões inferiores, ou seja, ele se oculta. O trabalho de um touro pode ser visto, porque é um trabalho de superfície, pois ele trabalha nas planícies. Daí em diante, o aspirante se retira das planícies para o “Vale da Morte”. Ele está buscando apenas a morte da personalidade, pois a Persona nunca morre. O que é necessário é a morte da individualidade e da personalidade. Assim, das planícies, ele se retira

para o interior do vale em busca de grutas, a fim de ficar completamente furtivo e oculto. A partir de então, suas práticas não são conhecidas pelo mundo exterior.

Ninguém sabe o que uma serpente faz em seu buraco, mas o que um touro faz no campo é conhecido de todos. É mais um funcionamento interno do que externo, transformando-se mais em homem do que em mulher. Por mulher entende-se a energia dinâmica, cujo movimento é perceptível; por homem entende-se a energia estática, que é imperceptível. O aspirante avançado entra dos planos perceptíveis aos planos imperceptíveis de funcionamento e, com ele, acontecem mais coisas no seu interior que no exterior.

Ninguém pode ver de fora as mudanças que estão acontecendo no seu interior. O aspirante permanece o mesmo para os efeitos externos, mas, interiormente, um processo de alquimia é colocado em movimento. As pessoas ao seu redor têm a sensação de que ele é o mesmo, mas ele não é mais o mesmo dentro dele. A aparência externa é a mesma. Externamente ele parece ser estático, mas, interiormente, está ocorrendo nele um processo contínuo de mudança para melhor. O preparo ocorre dentro da gruta ou dentro do ovo. A preparação para o nascimento do Kumara é feita secretamente, em silêncio, em segredo e de forma simples. Para esse fim, diz-se que ele se retira do burburinho da atividade. Ele nunca mais faz coisas por reconhecimento, ele nunca mais faz coisas para si mesmo;

não há mais nada que tenha a ver com a obtenção de algo, objetivamente ou subjetivamente, ao fazer as coisas. Isto é o que, simbolicamente, é chamado de “recuar para o Vale da Morte”. Ele está praticamente morto para todas as coisas reluzentes, para as quais os outros são atraídos. Ele pegou o cinzel e o martelo e começou a cinzelar-se, a si mesmo. Agora, ele está subindo para o segundo braço da cruz, para morrer e nascer de novo. Esta morte é necessária, antes do nascimento da alma. O aspirante retirou-se para regiões desconhecidas ou para o mundo infernal; ele tornou-se completamente oculto para todos os efeitos externos e continua a mudar internamente, sem que, nem mesmo as pessoas mais próximas estejam cientes disso. O que acontece dentro dele é conhecido apenas por ele e seu Mestre e, nem mesmo sua própria esposa, que dorme com ele, pode sabê-lo. Tal é o sigilo absoluto com o qual ocorre a transformação.

A “morte em Escorpião” é um conceito muito interessante. Esta é uma breve explicação da vida de um aspirante muito teimoso, que tem uma forte vontade e se aproxima da Luz com teimosia. O touro teimoso, gradualmente, transforma-se em um touro manso, útil às pessoas, mas ainda tem muita personalidade, que é o “morador do umbral” para os aspirantes. Isto é o que os aspirantes têm que superar.

ASHRAMS MÓVEIS

O desejo de ter nome e fama é elevado. O desejo de ter uma propriedade para construir um ashram também é muito alto. Muitos aspirantes semipreparados tornam-se gurus, construindo ashrams. Ao construir ashrams, a pessoa condiciona-se e prepara a própria sepultura para a alma. A última coisa a se pensar é em construir ashrams, quando se decide retirar-se do mundo. A construção de um ashram de tijolo e argamassa deve ser a última coisa. A construção de um ashram de luz é o passo necessário que temos que dar.

Muitos instrutores e aspirantes semipreparados retiram-se, construindo ashrams e são condicionados por eles.

Primeiro, temos que construir o verdadeiro ashram no plano etérico, em nosso interior, que é o ashram no qual temos que continuar a viver continuamente. A construção de um ashram de tijolo e argamassa tem suas próprias limitações e só deve ser construído, quando for inevitável ajudar certas pessoas a se treinarem e tornarem-se aspirantes. Os mestres vivem em ashrams, há centenas de milhares de anos, mas os ashrams são removíveis e podem ser deslocados de acordo com a necessidade do tempo e do lugar. Os Ashrams existem em todo o planeta, mas, em tempos de emergência, todos eles se retiram para o Himalaia, para se dispersarem novamente, quando a necessária pureza etérica prevalece.

Por exemplo, se construímos um ashram no plano

físico, estamos atados a ele para toda a vida. Assim, os aspirantes semipreparados acreditam na construção de estruturas de tijolos e argamassa, por causa de seu desejo pelo material. Em vez de adquirir alguns bens pessoais, o aspirante começa a adquirir propriedades e ele cria associações fiduciárias e fundações. O desejo impulsivo da personalidade de se expressar, ainda é muito alto no aspirante, embora esteja muito ligado a um pensamento sagrado. Exotericamente, ele faz muito trabalho, mas todo o seu trabalho é exotérico, sem qualquer compreensão do esoterismo. Como ele não experimentou o terceiro passo da Palavra, sua permanência está apenas no quarto passo, isto é, ele experimenta bem o trabalho na objetividade, mas ainda não compreendeu o trabalho na subjetividade. Há mais exibição que autorrealização. Há mais propaganda comercial que produção de qualidade, e os produtos são vendidos mais pela propaganda que se faz deles que por seu valor inerente. Um mundo artificial de invenções é criado e torna-se a causa de um novo culto. Assim, deixa de ser oculto!

Isto indica que o aspirante ainda deve se voltar para seu interior, mas, mesmo quando fecha os olhos, ele permanece fora. É por isso que, para muitas pessoas, mesmo fechando os olhos, a meditação consiste em voltar-se para fora.

O processo de reversão da roda, o segundo braço da cruz, está relacionado com Escorpião e não tanto com Touro. A preparação mencionada até agora refere-se a Touro.



ESCORPIÃO: A LUZ DO DISCÍPULO

Vamos tentar entrar nos mistérios de Escorpião. Entrar em Escorpião é um grande evento na jornada da alma. É como dizer: “Eu me levantarei e voltarei para meu Pai”.

FRENTE A FRENTE

Para retornar, temos que trabalhar muito. As pessoas pensam que é difícil trabalhar no mundo objetivo, mas é muito mais difícil trabalhar no mundo subjetivo. Quando nos encontrarmos em nossa viagem de retorno, depararemos-nos com o que quer que tenhamos enredado em nossa viagem de ida. Em nossa viagem de retorno, teremos que nos limpar de tudo o que quer que tenhamos “cozido”, tudo o que precipitamos ou manifestamos. É ficar “frente a frente” com nós mesmos; é ficar frente a frente com nosso próprio carma. Quando voltarmos, teremos que enfrentar tudo o que quer que tenhamos construído com indiferença, com negligência, com imprudência, com ódio, com inveja e com tantas

outras coisas. Ficamos frente a frente com nós mesmos. É fácil manipular os outros, mas é muito difícil manipular a nós mesmos. Manipular as situações externas é mais fácil do que manipular as situações internas. No interior, encontraremos muitas coisas. Enfrentar a nós mesmos é o maior teste. É por isso que o caminho de Escorpião é um caminho de teste, de tentativa e de triunfo final, porque a vontade foi firmemente estabelecida. O homem pode ter sucesso, frequentemente, sendo manipulador no mundo exterior, mas endireitar essas tendências manipuladoras dentro de si mesmo é difícil.

AS ÁGUAS DA EMOÇÃO

Sentir-se afetado por ações erradas é um obstáculo. O excesso de emoção impede o progresso. Muitas coisas, de fato, acontecem na viagem de retorno e muitas coisas se desmoronam. Toda vez que algo colapsa, a emoção surge, porque estamos caminhando da matéria para a água. Em Touro trabalhamos com matéria sólida, em Escorpião trabalhamos com água, a água da emoção. Muitas vezes, somos obrigados a derramar lágrimas, até chegar o momento em que não há mais lágrimas em nossos olhos, porque cada vez que derramamos lágrimas, estamos pagando por atos de ignorância que cometemos, nos quais fizemos outros derramarem lágrimas, por causa de nossa conduta egoísta. O derramamento de lágrimas por certos sucessos é um processo de neutralização de atos anteriores nos quais outros tiveram que chorar por nossa causa.

As águas da emoção são frequentemente sujeitas à ebulição. Há um distúrbio no plano emocional e um processo contínuo de ebulição é colocado em andamento. O Mestre Djwhal Khul o define dizendo: “A guerra começou”. Há uma declaração de guerra dentro de nós. Há uma declaração de guerra fora de nós, pela qual continuamos a lutar, uns contra os outros, por nossos direitos. Agora, é uma declaração de guerra, de nossa parte, com nossa conduta. O Ser como alma e o ser como personalidade entram no campo de batalha e a luta começa. Isto se chama “A luta entre os filhos da Luz e os filhos do meu”, “os filhos da Luz e os filhos do Rei Cego”.

A personalidade cresce em cegueira ou escuridão e se identifica com “o meu”. Por ignorância, o homem armazena coisas ao seu redor; ele armazena sua própria maneira de raciocinar, o que não é de senso comum. O bom senso é diferente do próprio raciocínio. Ele próprio se desilude em acreditar que seu raciocínio é senso comum e, assim, começa a pensar em seus direitos.

Através de seu próprio raciocínio, ele forma sua própria personalidade, captando desejo, ódio, inveja, competição, raiva, ganância e possessividade, todas elas virtudes dos Filhos do Rei Cego. Assim, crescemos na vida objetiva com nossa personalidade. Em resumo, a escuridão de nosso orgulho e egoísmo ofusca a Luz.

Quando a enfrentamos, encontramos nossas próprias falhas ou emoções. Somos encurralados para reconsiderar

nosso raciocínio. Há situações adversas que submetem nossas emoções a uma ebulição constante. Nós somos afetados continuamente por alguma fonte. Em situações de conflito, é preciso sustentar-se para viver. A capacidade de sobreviver, quando há tribulação ao nosso redor, é o que tem que ser alcançado e, conseqüentemente, a vida da personalidade do discípulo está, muitas vezes, em ruínas. Há sempre algo ardendo na personalidade. Pode ser algo sobre os membros de sua família, algo sobre sua profissão, algo sobre sua saúde ou sobre seu nome. A personalidade está em constante revolução e convulsão. Em Touro, a espiritualidade é uma moda e pode-se andar por aí com toda a sua personalidade, presumindo-se ser um grande iniciado. Vemos muitas coisas e falamos delas de forma irresponsável, ouvimos muitas coisas e falamos delas de forma irresponsável. Como se a Hierarquia não fosse suficiente, as pessoas chegam ao ponto de dizer que elas são canais da constelação Sirius. Porque Sirius está tão longe e é conhecido por ser o mais elevado para nós, então, por que não “acertar o alvo da meta” e dizer: “Estou canalizando para Sirius”? Já existem ignorantes suficientes que se reúnem em torno de uma pessoa assim, realizando um tipo de atividade espiritual da moda.

Desde que não sejamos incomodados, ainda seguimos na espiritualidade. Esse é o caso do touro. Ao menor desconforto nas tarefas diárias, o rosto dessa pessoa

transforma-se em uma expressão feia, muito difícil, até mesmo de se olhar e, também, não há necessidade de falar, pois esse desconforto está claramente marcado na expressão de seu rosto.

Essas não são as pessoas que podem entrar em Escorpião. Não pense que aqueles que nascem no mês de Escorpião são todos capazes de entrar na energia de Escorpião. É uma questão de progredir você mesmo, voltando-se para dentro. É um processo de retorno. É o caminho do retorno para conhecer a própria personalidade e trabalhar com ela. É um processo de retorno dos campos para as grutas. É por isso que os astrólogos dizem que Escorpião representa as atividades subterrâneas, as grutas e os vales profundos.

A GRUTA DO CORAÇÃO

Depois de seguir um caminho exibicionista na espiritualidade o homem retorna ao caminho de estar sozinho. Não é um retiro físico em nenhuma selva, mas um retorno aos vales profundos, encontrando consolo em se assentar na gruta do coração. Diz-se que os Iniciados vivem em grutas, mas o que são essas grutas? É a gruta do coração, que é onde eles vivem e, quando a objetividade o exige, eles saem, agem e voltam a ela.

Eles vivem nas grutas, que são seus templos. É assim que as grutas-templo tornam-se sua morada. Se começarmos a procurar as grutas-templo no plano exotérico,

não vamos encontrá-las. Há muitas pessoas que gostariam de encontrar os ashrams dos Himalaias, dos Alpes ou de mais alguma outra cordilheira. As grutas- templo existem de fato. Nós podemos chegar à gruta-templo, desde que tenhamos alcançado nossa própria gruta, para começar. Temos que “entrar na gruta”, ao invés de “desejar exteriorizar-nos”.

A espiritualidade, em determinado momento, tem que nos permitir entrar na gruta. O caminho do retorno é o caminho do “adentrar-se” e este adentrar-se é da objetividade à subjetividade. Não se fala disso, mas é um retiro silencioso em segredo. É uma retirada secreta, sagrada e silenciosa de maneira simples. Estes são os quatro aspectos da retirada e, se algum deles estiver faltando, o discípulo é expulso. O discípulo tem que sentir o que está fazendo como sagrado, mantê-lo em segredo e continuar, silenciosamente, na simplicidade. Este é o caminho para se retirar em um templo maçônico.

SIMPLICIDADE

O centro do coração é o templo maçônico, no qual a pessoa tem que se retirar. O caminho da Luz ou o caminho da maçonaria não é diferente, mas, infelizmente, fazemos tudo exotericamente ou no lado objetivo, sem perceber a importância de ser simples. A questão é saber até que ponto somos simples. Muitas pessoas acham muito caro permanecer simples.

Ser simples não precisa necessariamente ser caro. “O Sr. Kumar quer ser simples, mas é muito caro fazê-lo viver simples; muitas coisas são necessárias para que ele viva com simplicidade”, o que significa que ele não é simples. Ele precisa de muitas coisas, porque quer ser simples. Como isso pode ser possível? Há muitas pessoas que, em nome da simplicidade, causam desconforto aos que estão ao seu redor. Simplicidade significa que você não precisa causar sequer uma pequena perturbação aos outros.

Uma vez, havia um santo simples na Índia, tão simples que ele comia apenas de seu próprio prato, ele não bebia leite de vaca, mas apenas leite de cabra.

Este santo tinha um sistema para alimentar as cabras para que dessem leite, mas ele não bebia leite de cabra de qualquer cabra, ele tinha sua própria cabra, que ele alimentava com alimento sagrado para obter o leite sagrado dela. Ele escolhia legumes e verduras sagrados, que ele cozinhava em panelas sagradas e os comia em pratos, que eram para uso exclusivo dele. Assim, aonde quer que ele fosse, sua cozinha ia com ele e suas cabras também. Podemos dizer que este santo era simples?

Se uma pessoa não é simples, ela não pode ser um Iniciado. Em nome do sagrado, a simplicidade é posta de lado.

SILÊNCIO

Uma pessoa santa também deve ser simples, deve manter o silêncio acima de tudo e manter-se em segredo. Isso é o

que se exige. Ser silencioso e manter-se em segredo é, por si mesmo, difícil. Ficar em silêncio é muito difícil. A aula termina e sentimos a necessidade de falar. A meditação termina e sentimos a urgência de falar. Isso significa que há muito que falar, tanto em pensamento como verbalmente e é isso que nos impede de entrar na Gruta-templo.

A língua e a garganta da pessoa faladora, que não pára de falar o dia todo, tem que ser “uma arrancada e a outra cortada”. É isso que eles tentam fazer, não fisicamente, mas simbolicamente. Se uma língua fala mais do que o necessário, é uma mensagem clara de que não estamos no templo, mas somente no recinto externo. Aquele que está no templo tem uma língua diferente, porque antes de entrar no templo “sua garganta é cortada e sua língua é arrancada”. Só então ele pode entrar no templo. Quantos maçons entram no templo desta forma? Se alguém entra no templo desta maneira, ele é um verdadeiro “entrante do templo”. Desta forma, a língua tem que ser arrancada, o que significa que temos que nos tornar silenciosos. A garganta é cortada para que não haja desejo de falar. Estamos preparados? Se estivermos preparados, podemos entrar em Escorpião. Se não estivermos preparados, mais vale tirarmos umas férias. Essa é a beleza de Escorpião.

Nós somos nosso próprio “morador do umbral” e não permitimos a nós mesmos entrar. Aproximamo-nos da porta para entrar, mas nós mesmos somos o obstá-

culo que não nos permite entrar e esse é o obstáculo que encontramos na porta. Cada obstáculo no exterior, não é mais que um obstáculo em nosso interior. Para o Iniciado de alto grau, nem mesmo a parede é um obstáculo. Os Iniciados passam através das paredes, porque não veem nenhum obstáculo. Eles não veem a parede como um obstáculo, porque não têm nenhum obstáculo dentro de si mesmos. É por isso que eles podem passar através das paredes.

SAGRADO E SECRETO

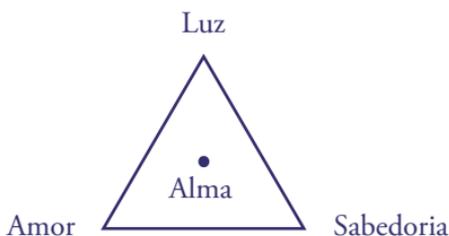
Consideremos agora nossa situação. Não podemos sequer passar pela porta, porque nós mesmos nos impedimos de fazê-lo! Sempre que dermos o passo de sermos silenciosos e simples e, ao mesmo tempo, de permanecermos sagrados e secretos –que é o que chamamos “a chave dos quatro S”– não poderemos entrar no “Templo da Sabedoria Divina”. Uma vez que tenhamos entrado neste Templo, há um processo de desaparecimento. Helena P. Blavatsky desapareceu e ninguém sabia onde ela estava, porque ela havia sido aceita na gruta-templo de um determinado lugar. Jesus desapareceu dos 12 aos 30 anos de idade. Moisés desapareceu do reino do Egito e, quando reapareceu, era diferente. Nós não somos diferentes, porque não desaparecemos. Este desaparecimento é chamado de morte. Nós desaparecemos para morrer, mas, o desaparecimento a que nos referimos é

para que haja um reaparecimento. Morte de quê? Morte ao mundo objetivo, morte à personalidade, morte ao nosso próprio comportamento emocional, morte ao nosso próprio intelecto, morte ao nosso próprio raciocínio, morte a todos os nossos conceitos. Isso é morte sem morte física.

Quando esta morte ocorre, nasce uma pessoa diferente. O processo de morrer compreende três etapas. Estas são consideradas as três provas de Escorpião, que incluem três triângulos e cada triângulo consiste em três provas. Portanto, há nove provas às quais ele se submete. Se passarmos todas as nove provas, o processo de morte estará completo. A morte para a objetividade será completa, a morte da personalidade será completa e a única coisa que resta é viver como alma.

OS NOVE RUFÍÕES

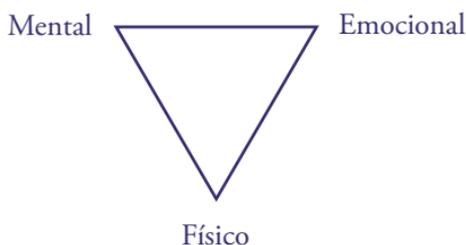
As qualidades da alma são Luz, Amor e Sabedoria (Fig.13).



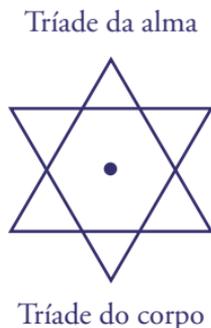
Todos nós somos almas e, portanto, temos Luz, Amor e Sabedoria de forma natural. Não temos necessidade de adquiri-las, mas o único esforço a fazer é deixá-las trabalhar. Existem certos impedimentos ao seu funcionamento que estão acumulados sobre a alma.

Há certas acumulações sobre a Luz, o Amor e a Sabedoria da alma. É como a acumulação de dióxido de carbono. Quando há uma grande acumulação de dióxido de carbono, a Luz se torna muito opaca. Esse é o estado de um não-iniciado. Fundamentalmente é iluminação, mas, a iluminação é coberta por camadas de impurezas de carbono e é por isso que a alma não pode agir através do corpo.

O corpo se tornou tão espesso que não permite que a Luz da alma passe através dele. Há também um triângulo do corpo que, geralmente, é representado como um triângulo invertido, é o triângulo dos três corpos: mental, emocional e físico (Fig.14).



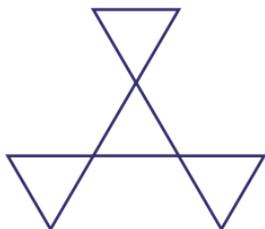
O triângulo da alma repousa sobre o triângulo dos corpos (Fig.15).



O triângulo dos corpos estabelece a qualidade triangular da alma, que está bem assentada no corpo. Nós não somos o corpo. Foram-nos dados os três corpos –representados pelo triângulo invertido– um dos quais é o corpo mental; o segundo é o corpo emocional ou corpo astral e o terceiro é o corpo físico. É neste corpo tríplice que a alma com sua Luz, Amor e Sabedoria toma corpo.

Estamos dentro do corpo e, portanto, estamos “incorporados” ou encarnados. Quando estamos nele, há duas formas de viver nesta casa, que é o corpo: uma é viver em conforto e a outra é viver em desconforto. O que acontece quando não sabemos como morar na casa? Ficamos presos nela. O ser humano comum está preso em sua própria casa. A casa condiciona o seu morador.

O corpo é como um triângulo e, cada ponto do triângulo, por sua vez, desenvolve um novo triângulo (Fig. 16).

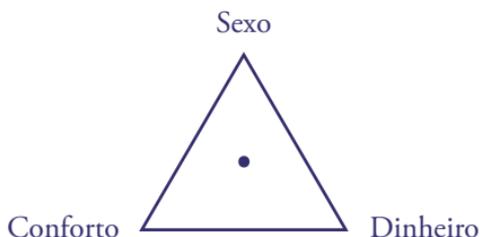


Faz com que apareçam outros três triângulos, que tomam posse completa da alma. O Iniciado tem controle sobre o corpo; no não-iniciado, o corpo tem controle sobre a alma. É simplesmente o oposto. Somos nós que temos domínio sobre o corpo ou estamos perdidos nele?

Se o corpo tem controle sobre a alma, tornamo-nos prisioneiros. Se somos nós que temos controle sobre o corpo, somos Mestres. Quando não fazemos uso adequado do corpo tríplice, cada ponto desenvolve seu próprio triângulo individual. No momento em que nos esquecemos de como temos que estar neste corpo tríplice, este corpo desenvolve seus próprios rufões. O corpo físico desenvolve três rufões, o corpo emocional desenvolve outros três rufões, e o corpo mental desenvolve outros três rufões. Os nove rufões assumem completamente a alma.

“Os nove rufões devem ser mortos no caminho”, para que nosso caminho fique aberto.

O primeiro triângulo de rufões (do corpo físico) é conforto, dinheiro e sexo (Fig. 17).



CONFORTO

O primeiro rufião é chamado de conforto físico. Nós nos importamos ou não com o conforto físico? Ansiamos por conforto ou não? Uma pessoa que anseia por conforto físico faz surgir o primeiro rufião que há nele. O corpo físico já começou a mostrar sua indiferença para com a alma. Muitos de nós, ainda não superamos o estado de conforto físico ou a falta dele. O conforto físico e o desconforto existem em pares em nós.

Se observarmos a vida dos Iniciados, eles não estão preocupados com o tipo de conforto físico pelo qual nós nos preocupamos. Eles não buscam nenhum conforto. Para eles, o propósito da alma é mais importante do que o conforto do corpo físico. O corpo físico terá que trabalhar subordinado à alma. Se começa a exigir conforto, significa que não está em boas relações com a alma. Se houver conforto, o corpo físico pode desfrutá-lo, mas, se não houver conforto, o corpo físico tem que ser capaz

de lidar com isso, porque estamos trabalhando no plano da alma. As pessoas lutam toda sua vida para conseguir conforto. Assim, o anseio de conforto fecha uma porta. Isso significa que um terço do nosso corpo físico pode decidir a vida da nossa alma. O conforto físico decide se vamos ou não fazer algo. Essa não é a maneira de decidir fazer ou não fazer uma coisa.

Suponhamos que hoje possamos voar, com conforto, de Buenos Aires para Bombaim de avião e, no dia seguinte, estejamos viajando em uma estrada de terra, em uma carroça puxada por bois. Hoje, estamos morando em um lugar bonito e, amanhã, estaremos em um lugar, onde não há instalações nem mesmo para tomar banho. Hoje, estamos em uma sala climatizada e, amanhã, poderemos estar completamente sob o sol escaldante. Hoje, temos muita comida e, no dia seguinte, temos que jejuar. Estamos preparados para isso ou temos reclamações? Se temos reclamações, o primeiro rufião nos derrotou. Se somos condicionados por comodidades físicas, então, estamos muito longe do Templo. Você não pode dar prioridade às comodidades físicas, se quiser caminhar em direção à Luz. Isso significa que estamos muito condicionados pelo caminho material. É por isso que a primeira prova é sobre o conforto.

A falta de coisas não deveria nos perturbar e a presença confortável das coisas não deveria fazer com que nos apeçassemos. Hoje, podemos estar dormindo em uma cama

macia e, amanhã, pode ser que tenhamos que dormir na rua. Se tivermos reservas sobre isso, não há entrada para o Templo para nós. Temos que estar preparados para ambas as situações. Não podemos dizer: “Não, não, eu sou um santo e não durmo em camas macias”. Não devemos negar conforto a nós mesmos, mas, também, não devemos chorar, se não houver conforto.

Desta forma, o mesmo conforto físico pode nos colocar em um terrível desequilíbrio.

Suponha que um de nossos filhos fique gravemente doente e tenha que ser internado no hospital. Lá, ele é colocado em pingos e transfusões, e o médico diz que sua vida está em perigo. Como pais, queremos ficar com nosso filho, portanto, estaremos dispostos a dormir no chão. Se alguém viesse até nós e dissesse: “Por que você não vai para casa e dorme em sua cama macia?”, pensaríamos que essa pessoa é tola. Por que estamos dispostos a dormir no chão? Por causa do amor ao nosso filho. Essa é a qualidade da alma. Onde a alma está funcionando, não se olha para o conforto no plano físico. Quando a alma se mantém adormecida, tudo o que fazemos é procurar conforto em todos os lugares.

Quando falta o conforto, perdemos completamente nosso equilíbrio. Vejamos até que ponto podemos entrar no Templo. Da mesma forma, também procuramos conforto emocional e mental!

DINHEIRO

Somos nós que manipulamos o dinheiro ou o dinheiro nos manipula? Deixamos de fazer boas ações, se isso significa gastar dinheiro? Gastamos dinheiro para coisas sem sentido? Neste planeta, existem os (assim chamados) países desenvolvidos. Desenvolvidos, porque têm dinheiro. Essa é uma forma errada de entendê-lo. Onde quer que haja mais valores humanos, isso é um país desenvolvido e não o lugar onde há muito dinheiro. Esta definição é feita pelo homem, porque ele dá importância predominante ao dinheiro. Vamos ver como os chamados países desenvolvidos utilizam o dinheiro.

O Mestre Djwhal Khul diz que, se 10% do dinheiro gasto indevidamente pelos países desenvolvidos fosse usado para os países menos desenvolvidos, a pobreza desapareceria do planeta. Eles não têm que eliminar toda a sua atividade de gasto indevido, mas apenas 10%. Isto significa que os países desenvolvidos não sabem como se comportar com dinheiro e os países menos desenvolvidos não sabem como se comportar com dinheiro, porque não o têm.

Passemos agora do nível nacional para o nível individual. As pessoas que desperdiçam seu dinheiro, que não se importam com pessoas que não o têm, também são como as chamadas pessoas desenvolvidas. Se elas usassem 10% do que desperdiçam, em benefício de outras pessoas, ao menos, este rufião não se desenvolveria em seu interior.

Hoje, os indivíduos, os grupos e as nações são governados pelo dinheiro e pelo poder e, em vez de o homem dirigir a energia do dinheiro, é a energia do dinheiro que dirige o homem. A Lei de Economia, a terceira lei cósmica, está condicionando o ser humano como uma serpente de piton. Os homens tornam-se máquinas de fazer dinheiro. O dinheiro é uma ferramenta ou meio importante para experimentar a vida e trocar bens e confortos. É uma invenção do homem para maior facilidade social. É uma ferramenta de serviço. O servo deveria continuar sendo o servo e o dono deveria continuar sendo o dono, mas, nos últimos séculos, o dono tem sido devorado pelo servo, que se tornou um monstro. Este monstro também surgiu por causa da ignorância do dono, o homem. Nós desenvolvemos um sistema e nos tornamos prisioneiros de nosso próprio sistema. Que inteligentes (ou tolos) somos! Os indivíduos, os grupos e as nações estão condicionados pela falta de conhecimento e o laço da energia do dinheiro está se apertando cada vez mais ao redor de seus pescoços. A serpente de piton está apertando com mais força. O homem está indefeso. O mundo empresarial moderno também contribuiu para piorar a situação, fazendo as pessoas comuns acreditarem que precisam de muitas coisas. A teoria da economia também foi completamente virada do avesso. Antes, a produção de bens e serviços era feita de acordo com a demanda e a demanda das pessoas era correspon-

dida pelo mundo dos negócios, mas, agora, o mundo dos negócios prepara seus bens e serviços como deseja, cria a demanda pela técnica do bombardeio publicitário comercial e faz as pessoas acreditarem que precisam de mais coisas do que normalmente precisam. O mundo dos negócios perdeu sua responsabilidade social. O mundo dos negócios prepara e fornece alimentos insalubres (com aditivos ou produtos químicos adicionados, alimentos embalados, refeições prontas, bebidas artificiais, bebidas prejudiciais) por um lado e, também, prepara e fornece medicamentos cheios de veneno (anti-bióticos, cortisona, etc.) por outro lado. E se enriquece às custas da sociedade. O homem comum vive em “um mundo de ficção”, sentindo que muitas coisas desnecessárias são necessárias e sempre sentindo, além disso, que lhe falta dinheiro! Para superar a escassez de dinheiro na segunda metade do século XX, o sistema de crédito foi inventado e pode-se pedir um empréstimo e comprar um carro, uma casa, um apartamento e tudo o que é necessário para a casa, hipotecando assim a própria vida pelos próximos 20 anos e, perdendo, assim, a própria liberdade! Que truque! E quão rápido as pessoas caem na armadilha! É incrível! As pessoas não têm tempo para pensar, não têm tempo para discernir, não têm tempo para decidir. A publicidade decide tudo por você. Nossa vida é decidida por alguém que não somos nós. Que pena! Aqueles que sofreram por isso, ultimamente, estão

tentando quebrar este feitiço de magia negra e viver livres, mas são marcados como loucos.

Embora não possamos ajudar diretamente em escala global, podemos começar em escala individual, para organizar uma vida simples, evitando acumulações e usando o dinheiro que economizamos para viver desta maneira simples, para ajudar os pobres e necessitados. Vamos fazer da poupança um hábito, não para acumular, mas para ajudar. Vamos poupar e ajudar de maneira regular, contínua e constante. Isto nos leva ao hábito de dar e compartilhar. Este é o caminho para nos libertarmos do condicionamento da matéria. As pessoas acumulam e se tornam prisioneiras do que acumularam. Os sábios distribuem o que chega às suas mãos e não apenas dinheiro, mas tudo o que vem às suas mãos, como comida, roupas, inteligência, força, paz, poder e sabedoria. Lembre-se de compartilhar o que você tem com os outros. Essa é a maneira de ganhar novamente a maestria sobre o dinheiro.

SEXO

A humanidade inteira está hoje totalmente condicionada pelo dinheiro e pelo sexo. Mestre E.K. sempre dizia que no final do século XXI o homem olharia em retrospectiva para o homem do século XX e, em seus livros de história, escreveria o seguinte: “O homem do século XX era um escravo do sexo e do dinheiro, e dese-

nharia uma borda preta como obituário para dizer que, embora vivo, estava completamente morto”.

O homem do século XX desperdiçou sobretudo sua vida, porque está morto em relação a estas duas coisas. Apenas para saciar o desejo sexual, o homem usou toda sua inteligência, mas ele não está satisfeito com sua inteligência e vai ao ponto de definir o *Tantra* como o melhor caminho para o sexo ou que o sexo é o melhor meio para o *Tantra*. Essa é a pior coisa que ele poderia fazer em relação ao sexo. É como se o diabo citasse as Escrituras. No Ocidente, *Tantra* é geralmente sinônimo de sexo. Muitos grupos são formados sob a aparência espiritual para desfrutar de uma atividade sexual sem restrições. Esta atitude licenciosa não é o *Tantra*, mas magia negra em nome do *Tantra*. *Tantra* significa “procedimento”, Mantra significa “fórmula de som” e Yantra significa “símbolo”. Quando um Mantra é aplicado a um Yantra, de acordo com um *Tantra* (procedimento), ele permite a manifestação da divindade até o plano físico. Estes trabalhos são realizados para o bem-estar da humanidade, da sociedade e do mundo. O *Tantra* requer a presença de uma energia feminina. Isso é tudo. Nenhum mestre de *Tantra* jamais toca uma mulher. Para o mestre *Tantra*, todo o princípio feminino é a maternidade na criação. Esse é o status de um Iniciado tântrico. Ramakrishna Paramahansa é o grande Mestre de *Tantra* dos tempos mais recentes. Ele viveu na presença e com a presença

da Madre Sárada, sua esposa, com quem ele tinha feito um acordo de viver juntos como companheiros de vida, sem ter relações conjugais. Temos que ser respeitosos e humildes, sempre que pensarmos e falarmos sobre o *Tantra*. Também faz parte do trabalho de boa vontade lançar luz sobre este assunto, que é tão desvirtuado quanto as palavras “Yoga” e “meditação”.

O terceiro rufião que nos causa estragos é o sexo. Quando se tem desejo pelo outro sexo de forma ilícita, o discípulo avançado também cai. A queda é certa, quando o homem busca formas ilícitas de saciar seu impulso sexual.

Há um homem na mulher e uma mulher no homem e, enquanto o homem e a mulher em nós mesmos não estiverem equilibrados (*Adonai, Ardhanari, Andrógino, Hermafrodita*), o homem terá necessidade de uma mulher e a mulher de um homem. Essa é uma situação deficiente. Esta deficiência é compensada no discipulado, não pelo fornecimento do sexo, a partir da objetividade, mas é fornecido a partir do interior do homem. Primeiramente, ele é levado a entender que a mulher que escolheu e com a qual se casa é sua parceira de vida e também lhe é dito que não só está comprometido com ela, ética, moral e socialmente, mas também espiritualmente. E o mesmo acontece no caso da mulher. Ela é a mulher através da qual a Natureza fornece a ajuda necessária e também o treinamento necessário. A mudança de parceiros é desconhecida no Caminho do Discipulado.

A moda moderna de uma “esposa espiritual”, além da própria mulher, é uma farsa e um escárnio ao mundo feminino. Eticamente e, mesmo espiritualmente, ela é considerada como uma concubina e o homem como um libertino. Não me interpretem mal se sou tão severo, mas esta é a dura realidade da espiritualidade e as regras não podem ser alteradas para conveniência individual.

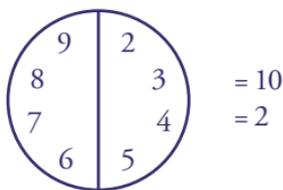
Viver em harmonia com o parceiro permite que os ajustes ocorram nos níveis psicológico, psíquico e físico, e que as necessidades biológicas sejam atendidas de ambos os lados. Não apenas isso, mas viver juntos, em harmonia, leva a dar corpos às almas que vão encarnar, a quem podem ser dados corpos saudáveis e harmoniosos, o que, em si mesmo, é um grande ritual. Quando a descendência trabalha, no seu devido tempo, para o bem geral, o ritual atinge sua plenitude. Esse é o primeiro passo.

O segundo passo é experimentar o companheirismo, mais do que o companheirismo de sexo feminino ou masculino, pelo qual o homem, gradualmente, eleva-se do estado emocional para o estado devocional, isto é, cada um é verdadeiramente dedicado ao outro, no coração. É o começo de um sublime companheirismo, mediante o qual o homem encontra sua mulher no coração e a mulher sente o homem no coração. Não se sente necessidade de outra mulher, quando se compreende gradualmente este companheirismo. O aspecto feminino é muito sentido no coração pelo homem e

vice versa. Nesta fase, o homem é aconselhado a contemplar a divindade como uma divindade feminina e a mulher é aconselhada a contemplar a divindade como uma divindade masculina. Na Índia, há muitos aspirantes masculinos que entraram no Caminho do Discipulado, meditando em Lalita, Durga, Laksmi ou Parvathi. Assim também, um grande número de mulheres ficou em sintonia com a divindade, ao contemplar próximo a Krishna, o Senhor. As inúmeras *Gopis*, tais como Mirabai e Sakkubai, são exemplos notáveis. Em Krishna, o Senhor, há uma energia masculina e feminina, tão completa, que até mesmo muitos homens se voltaram para o caminho do discipulado, contemplando próximo a Krishna, o Senhor. Krishna é considerado pelos hindús como o Mestre do Mundo, de todos os mundos. É por isso que os iogues de todos os tempos dizem: “KRISHNAM SAKALA JAGAD GURUHU”. Tão mágica é a música de sua flauta!

A contemplação na divindade permite ao homem ou à mulher elevar-se dos símbolos terrestres para a forma etérica desses mesmos símbolos no coração, onde a forma é radiante, com uma auréola dourada, em vez do símbolo material exterior. O aspirante se eleva do conceito físico de masculino e feminino ao conceito etérico, onde ele encontra nele o feminino ou nela, o masculino. Então, ele começa com a tendência de ser andrógino. As formas externas materiais já não lhe interessam mais,

mas as formas internas de Luz ocupam-no e o absorvem. Ele experimenta a divindade dentro dele, mais do que fora dele. Assim, ele conclui, gradualmente, as experiências externas e fecha a atividade de Libra, ascendendo, assim, do estado de 12 para o estado de 10 (Fig. 18).



Feminino 12 11 Masculino

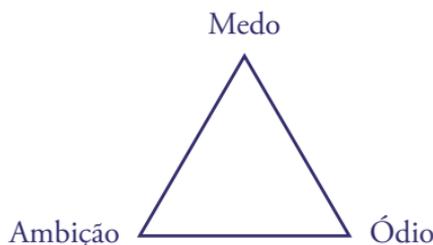
Tal é o trabalho de reverter o caminho involutivo e convertê-lo em um caminho evolutivo. O princípio planetário de Vênus contém todos os detalhes a este respeito (para mais detalhes ver o livro *Vênus: O Caminho à Imortalidade*).

Todos os Iniciados são andróginos. Dependendo do propósito de sua encarnação, às vezes eles têm uma vida conjugal e, em outros momentos, não se casam. Não tentemos distingui-los como aqueles que precisavam de um parceiro físico e aqueles que não precisavam. Os *iogues* de todos os tempos demonstraram ambas as maneiras. Ninguém é maior do que outro, por este motivo.

Neste contexto, vale mencionar também que o sexo está relacionado com a sensação do tato. Aquele que

supera o desejo do toque, não é mais condicionado pelo mundo objetivo. Krishna, o Senhor, diz: “O tato e o paladar prendem as almas à Terra. Aqueles que superaram seus condicionamentos ficam liberados da Terra”. Peço-lhes que ponderem sobre esta nobre declaração, do ponto de vista espiritual.

O segundo triângulo de rufiões (do corpo emocional) é ambição, ódio e medo (Fig.19).



AMBIÇÃO

A ambição é a faculdade de sempre desejar mais, mesmo depois de ter obtido o que é necessário. É como ter comido o suficiente para o café da manhã e começar a pensar no café da manhã seguinte. Essa maneira de pensar sobre o amanhã, chama-se ambição. Estamos perdendo o hoje, quando pensamos no amanhã. Há pessoas que pensam seis meses à frente!

As pessoas geralmente vivem no futuro. Isso é o que se chama ambição. Quanto deveríamos ter, quantas propriedades deveríamos possuir, quanto dinheiro deveria-

mos ter, que fama e reputação deveríamos ter? Tudo isso faz o homem viver mais em sentimento do que na realidade, desejando ter o que não é necessário no momento.

Uma pessoa ambiciosa tem dez fatias de pão em seu prato para o café da manhã e olha, ansiosamente, para a mesa de jantar, para ver se ainda há pão suficiente para comer mais, depois de ter comido aquelas dez fatias. Ele quer saber quanto sobra na mesa de jantar e fica feliz se ainda sobrar muito pão. Uma pessoa ambiciosa encontra satisfação na suntuosidade, mas perde um ponto, que é o que a Natureza dá, se não formos ansiosos nem ambiciosos. Nossa ansiedade sobre nossa ambição faz-nos perder o que existe no presente. Vejam como Alexandre o Grande e Napoleão foram ambiciosos. Suas vidas foram desperdiçadas. Jesus nunca pensou em anexar a terra de outros e o belo é que ele conquistou a Terra inteira. Jesus nunca conquistou fisicamente a Terra, mas, Alexandre o Grande e Napoleão quiseram fazê-lo. Muitas nações deste mundo pensam em estender suas asas sobre outras, não para protegê-las, mas para possuí-las. Há também líderes espirituais que possuem as pessoas. Eles querem, cada vez mais, gente ao seu redor e se uma pessoa deixa seu grupo, eles começam a odiá-la. A posse de dinheiro, propriedade, lugares e até mesmo de pessoas de outros deriva deste vício chamado ambição. Antes, as nações poderosas possuíam outras nações, juntamente com suas riquezas e, até mesmo, com seu povo. O homem

evoluiu e, como consequência, o colonialismo morreu, exceto em alguns casos em que o antigo costume continua. Agora, nesta segunda metade do século XX, o colonialismo econômico está ocorrendo. Bebidas como Coca-Cola substituíram o coco nativo do lugar e o jeans substituiu outras roupas, mais apropriadas ao lugar. Há outro tipo de invasão, que interfere com os próprios valores da vida humana.

Abusou-se da ciência, da tecnologia e do sistema de informação para fazer com que o homem deixasse de ser um ser natural. Tanto por dentro (com a comida) como por fora, ele é alimentado com produtos químicos e o resultado é um homem venenoso, que tende a ser venenoso com os seres ao seu redor. Qual é a utilidade de tudo isso? Para alguns membros superambiciosos da sociedade humana, que se alegram às custas de espécies inteiras do planeta. É isto que a ambição produz, tanto em escala individual quanto nacional. O chamado homem “avançado” do século XX deveria parar e pensar por um momento.

O Discipulado, portanto, recomenda a satisfação como um antídoto para a ambição. A ambição sempre aponta para o que ainda se tem que possuir. A satisfação aponta para a necessidade que se tem. Esta última retira o homem da roda da hiperatividade. Sua fome e sede pelas coisas e pelas pessoas cessa. Ele é uma pessoa satisfeita, que está agradecida à vida pelo que ela lhe deu. Ele procura ajudar os outros, em vez de cuidar,

incansavelmente, de si mesmo, de suas necessidades e de seus desejos. A satisfação também leva à cessação de uma atividade externa excessiva. No *Srimad Bhagavata* diz-se que um homem satisfeito é mais rico que os ricos, mais poderoso que o rei e mais sábio que os sábios, que ele é venerado nos três mundos, que, em todos os momentos, bons auspícios o cercam, que as pessoas se reúnem em torno dele, em absoluta confiança.

Em Escorpião, o desejo de alcançar é substituído pelo desejo de ser. “O senso de conseguir é *Rajas* (dinamismo) e o senso de ser é *Satva* (equilíbrio)”, diz o Mestre Djwhal Khul. O homem tende a ser dono de sua vida, se ele pretende a satisfação, mas, ele cai na miséria e na escravidão de sua vida, se ele tende a ser excessivamente ambicioso. Não esqueçamos que, neste caso, a ambição não se refere ao desejo de progresso, mas ao desejo de ganância (ambição excessiva).

ÓDIO

O ódio é o irmão gêmeo da ambição. Onde há ambição, há ódio. Quando nossas ambições não são cumpridas, odiamos as pessoas que se interpõem em nosso caminho de ambição. Onde não há ambição, não há ódio.

Há dois mil anos, havia um rumor de que uma criança nasceria e se tornaria “O Rei dos Reis”, o Imperador. Este tipo de rumor fez com que os reis da época sentissem ódio por aquela criança. O Iniciado aprecia

quando alguém é maior do que ele, mas o ambicioso fica doente e não se importa em matar a criança recém-nascida, só para que ninguém seja maior do que ele mesmo. Eles matam por ódio aqueles que atravessam no seu caminho. Os sacerdotes, assim como os governantes da época, desenvolveram ódio contra aquele grande Iniciado chamado Jesus e seu ódio os impeliu, tão implacavelmente, que todos eles tiveram que conspirar para condenar à morte aquele ser, que não podiam provar ser culpado. Não vemos tais manobras contra os justos, por aqueles que estão possuídos pelo ódio? O ódio exige a extinção das pessoas contra as quais ele é dirigido. É uma energia que se opõe à vida e é contrária a todas as regras do livre fluxo da vida. Viver e deixar viver é o princípio fundamental da vida humana. Matar outros para se sustentar é desumano. Roubar dos outros, privá-los de algo, suprimi-los, explorá-los, caluniá-los, falar mal dos outros, minimizar as virtudes dos outros são demonstrações comuns de ódio.

O Discipulado aconselha a simpatia como um antídoto para o ódio. Todos os aspirantes são ensinados a cultivar a simpatia como uma atitude, independentemente da atitude dos outros em relação a eles. Amor por amor e ódio por ódio é a qualidade do ser humano comum. A simpatia por tudo é o que vemos na vida dos Iniciados. Eles são os guias, para que os aspirantes alcancem o Caminho do Discipulado. O estudo da vida

dos Iniciados é, portanto, de grande importância, para causar o impacto necessário. Recordemos *Maitreya*, o Senhor. Ele é o Amigo do Mundo. *Mitra* é a palavra-raiz de *Mitreya*. *Mitra* em sânscrito significa “amigo”. Ele é chamado *Maitreya*, porque é amigo de todos os seres, independentemente de sua conduta. Façamos da simpatia ou amizade a qualidade de nossa vida, independentemente de os outros serem ou não amigáveis conosco.

MEDO

Medo de que alguém possa nos tirar de nosso lugar, medo de que alguém possa tirar nossas posses, medo de que não tenhamos tudo isso no futuro, medo de que algo possa ser roubado de nós, medo de que alguém possa nos ferir ou nos prejudicar e, finalmente, medo de morrer. Através do ódio, também passamos a ter medo. Aqueles que odeiam temem a quem odeiam.

Vou dar um exemplo para ilustrar como o ódio nos leva ao medo. Os sacerdotes de Jerusalém odiavam Jesus Cristo. Odiá-lo era tudo o que podiam fazer, pois nada mais podiam fazer contra Ele. Ele estava dando um ensinamento muito superior ao deles, um ensinamento vivo, um ensinamento refrescante. Ele também estava demonstrando um poder de cura muito superior e, também, estava dando uma inspiração muito superior. Por isso, os sacerdotes ficaram insatisfeitos e começaram a odiá-lo. E seu ódio chegou a tais extremos que fizeram

planos para assassiná-lo, mas, não tiveram coragem de enfrentá-lo e matá-lo e, assim, refugiaram-se no administrador local de Roma, Pôncio Pilatos.

Eles foram dominados pelo medo de que sua sobrevivência estivesse em perigo, se Jesus sobrevivesse. Jesus não tinha medo deles. Pilatos estava informado sobre Jesus e, a princípio, ele não se importava muito com Ele, mas os sacerdotes foram astutos e disseram: “Ele não é apenas um perigo para nós, mas também para você.” Os sacerdotes tiveram que injetar ódio contra Ele e disseram: “Diz-se que Ele é o Rei dos Reis. Um dia, Ele irá destronar o imperador romano. É melhor fazê-Lo desaparecer agora mesmo, caso contrário, Ele será um problema.” Então, Jesus foi levado a julgamento. Ele não tinha medo ou ódio, porque não tinha ambição alguma.

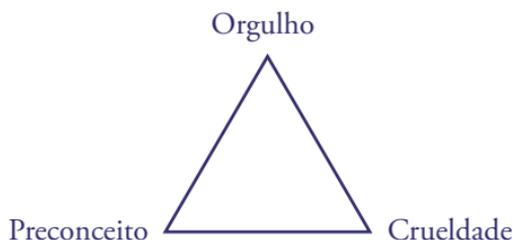
Pilatos perguntou a Jesus: “Dizem que você é um rei, isso é verdade?” Jesus respondeu: “Sim, eu sou.” Isso foi suficiente para que Pilatos dissesse: “Então, os rumores que ouvi são verdadeiros”, mas Jesus respondeu: “Meu reino é diferente do seu. Meu reino não é deste mundo. Eu não vim para governar o mundo, mas para reinar nos corações.” Pilatos teve dificuldade de entender tudo isso e achava que Jesus estava louco.

Em seu grupo de discípulos havia até mesmo um que estava conspirando para sua crucificação. É como carregar uma cobra no bolso, que pode atacar em qualquer momento, mas Jesus continuou a colocar Seus braços

sobre o ombro de Judas e caminhou com Ele, plenamente consciente do que Judas faria a Ele, em um ou dois dias. Jesus não tinha medo de forma alguma, porque Ele não tinha ódio, porque Ele não tinha ambição.

Se temos ambição, isso nos leva ao ódio e, se temos ódio, isso nos leva ao medo constante. É um triângulo muito importante que muito poucos podem superar. Uma vez estabelecido este triângulo, estes três rufões se sucedem e não podemos dizer qual deles é mais forte do que o outro. Isto se torna um círculo vicioso, no qual um ajuda o outro, de tal modo que os rufões se tornam cada vez mais fortes. É assim que este triângulo nos aprisiona. Temos que cortá-lo em algum lugar, mas não podemos cortá-lo começando pelo medo, porque se nos levantarmos de manhã e dissermos: “A partir de hoje não terei medo”, de nada adianta. Temos que começar no ponto certo e fazer desaparecer a ambição em nós. A maneira de fazer a ambição desaparecer de nós é estando satisfeitos.

O terceiro triângulo de rufões (do corpo mental) é preconceito, orgulho e crueldade (Fig. 20).



PRECONCEITO

Um dos rufiões que encontramos no terceiro triângulo é o preconceito. O preconceito surge a partir de conceitos concretizados. Nós concretizamos o conceito e qualquer coisa aparentemente oposta é considerada má, errada, incorreta, injusta, desleal, mal julgada etc. Isto é assim, porque estamos fixados com um ponto de vista. Os pontos de vista estreitam a visão. “A visão é feita de todos os pontos de vista”, diz o Mestre Djwhal Khul. O Oriente tem a impressão de que o Ocidente se equivoca. O Ocidente tem a impressão de que o Oriente não é prático, mas, a verdade é que há algo equivocado e algo certo em ambos os lados. Basta termos uma mente aberta para ver e nos encontrarmos no lado positivo: “Os aparentes opostos são complementares entre si”, diz Pitágoras. Na sabedoria, há sempre concordância, ou seja, a partir do plano búdico de consciência vemos qual o papel que cada coisa desempenha, mas, no plano mental, só temos a capacidade de ser analíticos e até mesmo críticos.

Há intelectuais de muito boa reputação que estão presos em seus próprios conceitos de certo e errado, que analisam ao extremo para provar suas opiniões, mas, de que adianta? Um pode ganhar intelectualmente sobre o outro. O vencido espera por uma oportunidade de conquistar a vitória. A solução não está tanto na análise como na síntese para compreender a idoneidade das coi-

sas e para agir, para ser inclusivo e não exclusivo, para pensar “no coração” mais que “na cabeça”.

Hoje, o preconceito baseado em antigos “ismos”, religiões e rivalidades, está tão profundamente enraizado na humanidade que a suspeita está presente em cada ação. As disputas raciais também atingem níveis muito altos. Há preconceitos baseados na língua, baseados na tradição, preconceitos culturais e outros. O homem está ficando tão dividido por inúmeros conceitos que se vê dividido em mil pedaços. Até mesmo as famílias se separam, por causa do preconceito. Há uma necessidade urgente, tanto em grandes como em pequenas escalas, de não permitir mais divisões.

O Discipulado exige que todos os preconceitos sejam acalmados e que estejamos abertos para receber e sintetizar os vários pontos de vista, para que eles entrem na única tela da Verdade. Há um pouco de Verdade em cada conceito. O serviço inteligente é juntar os pedaços da Verdade para compreender a Verdade, de uma forma ampla e completa. As variedades do *Yoga* são apenas ramos de uma *Yoga* única. A variedade de ensinamentos dos tempos antigos até hoje, também, difere na apresentação, mas não no conteúdo. Esta abordagem ajuda o aspirante a se transformar. Não há nada inútil na criação. Só pode haver coisas inúteis na criação, por causa da ignorância do homem. O começo para acabar com o rufião chamado “preconceito” é não ignorar, mas incluir.

ORGULHO

O orgulho é um problema relacionado ao corpo mental e está no topo da lista. A atitude separatista, a atitude esnobe é devida ao orgulho. Cada pessoa orgulhosa separa a si mesma dos outros. Cada pessoa, que se sente especial, exclui a si mesma dos outros. Jesus Cristo era muito especial. Ele era verdadeiramente especial. Não há dúvida de que Ele era especial e, mesmo assim, Ele disse: “Eu sou apenas um de vocês”. Eu sou seu irmão. Não pensem que Eu acabei de descer do céu. Vocês são filhos de Deus como Eu sou. Ele estava disposto a trabalhar com todas as categorias de pessoas, podendo até mesmo ir a uma taverna suburbana e beber com o povo. Um aspirante normalmente pensa duas vezes, antes de entrar em um lugar que não esteja cheio de boas vibrações. Jesus caminhou junto com uma prostituta, com um cobrador de impostos e com dois pescadores. Havia pessoas de todas as classes sociais com Ele e Ele estava disposto a trabalhar com todas elas. Ele poderia ter se sentido muito especial e exclusivo, por causa de tudo o que Ele sabia. Os seres realmente especiais não pensam em si mesmos como especiais. Somente aqueles, que não são especiais, sentem-se especiais.

Quando estamos em um grupo espiritual, sentimos orgulho de estar nele, mesmo sem saber nada sobre espiritualidade. Mas, aqui temos um homem que sabia tudo, que podia trazer os mortos de volta à vida, devol-

ver a visão aos cegos, multiplicar o pão e tantas outras coisas que Ele fez, que poderiam ter-lhe dado razões suficientes para se sentir especial. Mas Ele era apenas um exemplo de como ser normal e comum. Nada de sentir-se especial, nada de separatividade e, embora Ele fosse fora do comum, Ele parecia ser comum.

Há aqueles que querem encontros especiais com pessoas importantes, com exclusividade, mas, por que exclusividade? Porque eles querem obter mais do que os outros. Então, eles dizem: “Não, não, nós não queremos estar na convivência de grupo, queremos vê-lo somente quando você estiver descansando”. Mas por quê? Porque querem obter mais. Mas a verdade é que perdem, porque na vida de grupo há uma presença maior do Espírito. A alma está presente, de muitas maneiras, em uma vida de grupo. O que pode ser vivenciado no plano consciente, durante a vida de grupo, não pode ser explicado, porque é a presença “supraconsciente” ou Consciência Superior e é por isso que não podemos entender. Uma vida de grupo bem concebida faz muito bem aos níveis físico, emocional e mental e, até mesmo, além desses três níveis. Há indivíduos, grupos, raças e nações que se sentem especiais e, assim, isolam-se da corrente principal da vida e da Consciência. Eles se sentem exclusivos e, como consequência, são excluídos.

CRUELDADE

O antídoto para a crueldade é “*Ahimsa*”, a inofensividade. A inofensividade tem sido exaltada por todas as Escrituras sagradas do mundo de todos os tempos e, em particular, foi realizada como uma missão por Buda, o Senhor. Que ninguém sofra dor por nossa causa, não só os seres humanos, mas também outras espécies. O ensinamento é conhecido há 2500 anos, mas ainda tem que ser compreendido pela humanidade. A inofensividade é a joia de todas as virtudes que se pode possuir. O Discipulado exige firmemente esta qualidade, sem a qual todo o esquema de percorrer o Caminho da Verdade desmorona como um edifício.

A inofensividade é a nota-chave do discipulado. “Pratique a inofensividade com ânimo e compreensão”, diz o Mestre Djwhal Khul. A inofensividade é o ensinamento fundamental de Buda, o Senhor. Atingir a inofensividade, certamente, leva você a chamar à porta do Templo, para ser iniciado. Observemos nossa conduta diariamente para ver se fazemos mal a alguém mediante nosso pensamento, nossa palavra e nossa ação e quão inofensivos são os efeitos de nossa conduta em todos os três planos.

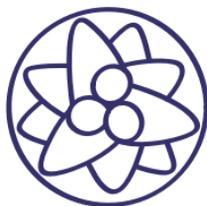
A inofensividade nos expõe diretamente à mudança, que é uma mudança para melhor. Se produzimos condições harmoniosas, estamos praticando a virtude.

Se somos a causa do conflito, estamos praticando a ofensividade. A inofensividade nos obriga a deixar de ser egoístas e nos afasta das tendências egocêntricas. A inofensividade nos leva a perceber nossa onipresença como alma. Seu método é inclusivo, pois nos permite ver todas as formas como véus do Ser Uno. Quando se alcança a inofensividade, tudo é perdoado no desejo de ajudar e colaborar.

“*Ahimsaparamo dharmaha*”, dizem os Vedas, significa que não há Dharma ou Lei mais elevada que a Inofensividade ou Ahimsa. Não é fácil falar exaustivamente sobre a virtude da inofensividade. É melhor assumi-la e trabalhar com ela.

O LÓTUS DO CORAÇÃO

É assim que os nove rufiões dentro de nós –começando pelo conforto e terminando com a crueldade– bloqueiam a consciência. Mas, quando há tantos rufiões ao redor da alma, o que a alma pode fazer? A alma não tem escolha, a não ser dormir por essa vida. Isto é descrito pelo Lótus do Coração, que tem 12 pétalas (Fig. 21).



Doze pétalas formam quatro triângulos. Temos o triângulo da alma, cujas três pétalas interiores representam as três qualidades da alma; temos outras três pétalas da mente, que estão relacionadas com os três rufões; temos outras três pétalas acima relacionadas aos três rufões de natureza emocional e temos mais três pétalas no nível físico. Portanto, ainda somos um casulo fechado no coração, um casulo que ainda não se desdobrou.

Quando você tiver trabalhado com os três rufões do conforto, dinheiro e sexo –relativos ao plano físico– as três primeiras pétalas se abrem. Quando você tiver trabalhado bem com o segundo conjunto de três rufões, que consiste em ódio, ambição e medo –relacionado ao plano emocional– você abre outro conjunto de três pétalas. Assim, seis pétalas foram abertas. Quando trabalhamos bem com os três rufões do plano mental, que são o orgulho, o preconceito e a crueldade, então, o terceiro conjunto de pétalas também se abre.

Quando todos os rufões tiverem sido trabalhados, nove pétalas do coração são abertas. Somente então, a décima, décima primeira e décima segunda pétalas de Luz, Amor e Vontade têm a possibilidade de se abrirem. Como as pétalas internas podem ser abertas, quando não se abriram as externas? As pétalas internas não podem se abrir, quando as externas estão firmemente fechadas. Temos que desdobrar pétala por pétala mediante um funcionamento sistemático. Devemos ver se temos

algum desses nove rufiões dentro de nós e trabalhar, simultaneamente, para queimá-los. O fogo é a melhor maneira de queimá-los.

QUEIMAR OS RUFIÕES

Queremos trabalhar para o Plano, mas ninguém pode trabalhar para o Plano, a menos que ele triunfe sobre as tentações. Recordemos as tentações que Moisés ou Madame H.P. Blavatsky ou Jesus passaram, que não foram registradas no Novo Testamento, porque queriam fazer dele um Deus, escondendo, para sua conveniência, a parte de sua vida, em que se explica a preparação de Jesus Cristo. Entre os 12 e 30 anos, Jesus desapareceu por 18 anos. Este desaparecimento era para morrer. É preciso desaparecer para poder morrer e voltar cheio de vida, o que se chama a consciência da alma.

Aqueles que desejam trabalhar para o Plano e aqueles que desejam cooperar com os Mestres de Sabedoria têm que enfrentar “os rufiões” e matá-los. Isso é misticamente chamado de “queimar os rufiões”, ou seja, eliminar as sementes relacionadas aos nove rufiões, com a ajuda do fogo da vontade. Na medida em que o fogo for mantido aceso, não é difícil queimar os rufiões. Assim é, como se diz misticamente, “queimar os rufiões”.

Há uma afirmação oculta que diz: “Oh fogo místico, eu queimo um rufião com sua ajuda!”, o que significa queimar um rufião com a ajuda da Vontade Divina.

GUERRA INTERNA

Queimar os rufiões dentro de si mesmo é uma guerra interna, uma guerra fria. É trabalhar consigo mesmo, o tempo todo, com uma vontade firme. Quando há guerra fria no interior, com todos esses rufiões, não podemos reclamar por fora. Como podemos falar mal de nós mesmos? Um pode dizer ao outro: “sou preconceituoso, sou cruel, orgulhoso, tenho medo ou odeio as pessoas?” Odiamos as pessoas em nosso interior, mas tentamos mostrar uma espécie de amor por fora. No Caminho para a Gruta-templo há muita escuridão, que precisa ser submetida a uma limpeza total. Mas antes de fazer a limpeza, ela tem que estar separada da atividade geral. O que se propõe é um retirar-se para o interior, mas não no exterior.

Em uma floresta de bambu, uma cana de bambu é arrancada (se desenraiza) e é cortada de ambos os lados, então, o interior da cana de bambu é limpo para que não haja mais material no interior. Depois, são feitos sete buracos, para que Deus possa tocar música com ela. Isto significa, simbolicamente, que temos que nos separar mentalmente do sucesso objetivo, arrancar-nos dos valores cotidianos, cortar-nos (o que significa não promovermos a nossa personalidade), começar a trabalhar, dentro de nós mesmos, para limpar o material indesejável da personalidade, experimentar os sete centros etéricos de nossa existência como consciência e passar a formar parte do Plano, isto é, ser uma flauta mágica nas mãos de Deus.

O CORTE

Mesmo que tenhamos uma vida muito ativa, temos que estar livres. O Mestre Djwhal Khul diz em um de seus livros: “Seja livre, enquanto você estiver cercado.” Não devemos fugir para sermos livres, mas permanecer onde estamos e permanecermos livres. Mesmo estando rodeados por muitos, podemos ser livres, estando por conta própria e trabalhando dentro de nós mesmos. Mesmo que estejamos trabalhando por dentro, as pessoas ao nosso redor não têm que saber, mesmo aquelas mais próximas, como nosso próprio cônjuge. Temos que nos isolar do exterior, enquanto estamos dentro de nós mesmos. Isto é o que se chama “o corte”.

Este corte é um processo subjetivo, mas não um processo explícito. Portanto, não é uma questão de informar as pessoas próximas, dizendo: “A partir de hoje fiz um corte.” Esta seria a maneira de agir de Touro, mas, um Escorpião não deixa ninguém saber o que ele está fazendo, enquanto tenta fazer o corte por dentro. Escorpião não expressa a dor de seu desapego interno às pessoas ao seu redor. Essa é a maneira sutil de agir. Não se trata de criar uma atmosfera de fazer mal ou causar ferimentos nem, muito menos, de fazer publicidade.

Qualquer dano que aconteça no exterior é um bloqueio para o processo interior e não nos permite avançar. Neste contexto, a história da cana de bambu é contada, que a menos que seja cortada, limpa por dentro e

esvaziada, a flauta não pode ter buracos. Os sete buracos na flauta são, simbolicamente, os sete centros etéricos ao longo da coluna vertebral. Nós podemos presumir que nosso Centro entre as Sobrancelhas ou nosso Centro do Coração estejam funcionando, mas, os sete centros do corpo funcionam, quando o interior está totalmente limpo, ou seja, a personalidade torna-se transparente. Assim, sempre que vemos uma flauta nas mãos do Grande Mestre, a quem chamamos de Pai, estamos recebendo a mensagem de que temos que superar os rufiões internos, se quisermos ser um canal do Divino.

LEMBRAR-NOS DA CONSCIÊNCIA DO EU SOU

Vamos pegando um rufião atrás do outro e trabalhamos com ele, mas há uma maneira mais simples de trabalhar com ele, que consiste em queimar três rufiões de uma só vez. Assim, ao queimar três vezes, os nove rufiões desaparecem ao invocarmos o Fogo da Consciência em nós. A lembrança contínua da consciência da alma nos permitirá, por muitos anos, superar os rufiões.

Quando recordamos a consciência do EU SOU, os rufiões esperam e não se atrevem a nos tocar. Se esquecermos da consciência do EU SOU, os rufiões nos devoram e nos usam. Se tivermos uma luz em nossas mãos, a escuridão não nos cerca. Se a luz se apagar, estaremos cobertos pela escuridão. A melhor maneira de manter os rufiões longe é invocar a Luz da Alma, lembrando o

nome do Senhor, a quem chamamos EU SOU. Os Iniciados dizem: “Eu sou o que sou, eu sou o caminho”. Nós, em vez de nos lembrarmos do EU SOU, lembramos o nome dos Iniciados. O nome original de cada um de nós é EU SOU. Basta simplesmente nos agarrarmos ao Eu Sou para enfraquecer estes rufiões. Em vez de lutar contra esses nove rufiões, o que fazemos é invocar continuamente a Luz dentro de nós. Enquanto tivermos Luz em nós, os rufiões não nos incomodam. Nós continuamos caminhando e, mesmo que haja um rufião esperando por nós, continuamos caminhando com a Luz dentro de nós. Então, chegamos ao ponto em que se encontra o rufião e ele permanece neutro. Isto significa que o rufião não está ansioso para lutar contra nós, porque temos a Luz em nós. Não é muito melhor que os rufiões não nos ponham obstáculos, para que não tenhamos que lutar contra eles? Eles nos deixam passar e, ao nos aproximarmos deles, eles dizem: “Por favor, passem”, apenas porque temos a Luz dentro de nós.

É melhor lembrar do EU SOU em cada situação da vida nos três planos. Quando fazemos isso, a entrada na Gruta-Templo se torna mais fácil. No momento em que esquecemos da Consciência do EU SOU, somos derrotados pelos rufiões. Quando levamos o “Amigo” conosco, os rufiões mantêm distância. Esse Amigo é a Consciência do EU SOU e é chamado de *Mitra* no *Bhagavatha*, de *Mitra* ou *Maitreya*. Caminhamos sempre com ELE.

Quando caminhamos de mãos dadas com a Luz da alma, não temos obstáculos no caminho. Quando encontramos ódio em nós, lembremo-nos do EU SOU. Quando encontramos um desejo terrível em nós, lembremo-nos do EU SOU e a intensidade do ódio ou do desejo em nós é neutralizado. Quando sentirmos medo, lembremo-nos do EU SOU e o medo desaparece. No sexto capítulo do *Bhagavad Gita* o Senhor diz: “Lembraí-vos de mim nos planos internos e os pensamentos e as emoções desaparecem. Só eu permaneço como você, na forma de luz”. Assim é, com cada um desses nove rufiões. Eles são chamados rufiões número um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito e nove.

O GIGANTE SAMBARA E O SENHOR

Rufião 1 CONFORTO	9	vezes mais poderoso do que nós	
Rufião 2 DINHEIRO	99	"	"
Rufião 3 SEXO	999	"	"
Rufião 4 AMBIÇÃO	9.999	"	"
Rufião 5 ÓDIO	99.999	"	"
Rufião 6 MEDO	999.999	"	"
Rufião 7 PRECONCEITO	9.999.999	"	"
Rufião 8 ORGULHO	99.999.999	"	"
Rufião 9 CRUELDADE	999.999.999	"	"

Cada rufião é 10 vezes mais poderoso do que o próximo, nesta ordem. Esta é a sabedoria que resulta dos números.

Há uma chave do número chamado “o gigante Sambara” no *Vishnu Suktas* do *Rig Veda*. Este gigante multiplica sua força de pétala em pétala (do Lótus do Coração) de 9 a 999.999.999 e torna o Caminho impermeável para o buscador do Ser (da Luz). Sua força cresce à medida que o buscador avança para seu interior. Ele não pode ser devorado por nenhuma força pessoal, pois esta é inadequada para enfrentá-lo. É por isso que se sugere invocar a Vishnu, o Senhor –a Luz Penetrante– cujo número é 1. Sempre que o número 1 toca o número 9, ele se torna 10, 100, 1.000, etc. O Gigante desaparece e o estado perfeito de 10, 100, 1.000, etc., permanece. A mensagem do Sukta é lembrar-se da Consciência do EU SOU a Alma Universal ou a Luz em tudo o que existe, dentro e fora de nós. Somente a Luz permanece e nada mais. Se nos esquecemos de lembrar, são muitos os que aparecem na tela de nossa mente.

Agora, trazemos dentro de nós a Luz ou a Consciência do EU SOU, cuja potência numérica é 1. O que acontece quando entramos em uma caverna escura com luz? A escuridão é transformada em luz. Assim, quando caminhamos para a caverna com a Luz do EU SOU, que é o número 1, encontramos o primeiro rufião e ele se arredonda. Quando o 1 toca o 9, ele se torna 10 e só o 1 permanece, sendo todo o resto arredondado. Nós permanecemos como Luz e o rufião se arredonda.

Rufião 1 CONFORTO	9+1 EU SOU ou LUZ é absorvido pelo 1
Rufião 2 DINHEIRO	99+1 EU SOU= 100
Rufião 3 SEXO	999+1 EU SOU= 1.000
Rufião 4 AMBIÇÃO	9.999+1 EU SOU= 10.000
Rufião 5 ÓDIO	99.999+1 EU SOU= 100.000
Rufião 6 MEDO	999.999+1 EU SOU= 1.000.000
Rufião 7 PRECONCEITO	9.999.999+1 EU SOU= 10.000.000
Rufião 8 ORGULHO	99.999.999+1 EU SOU= 100.000.000
Rufião 9 CRUELDADE	999.999.999+1 EU SOU= 1.000.000.000

Vejamos, simplesmente, como uma Luz pode transformar qualquer grau de escuridão. Tudo se reduz a zero e apenas a Luz permanece. Também nós não permanecemos, porque somos a Luz! Nós permanecemos como Luz e todo o resto é arredondado. Assim é dito no *Rig Veda*: “A descida do Senhor arredonda os rufiões”. Não é insensato lutar contra os rufiões por nós mesmos?

Mesmo na pior situação está a chave da sabedoria. Devemos carregar a chave. Se caminhamos em direção à porta sem chave, a porta ri de nós e pergunta: “Onde está a chave, meu filho?”. Eu não tenho nenhuma chave. A porta diz: “Se você não tem chave, é melhor você voltar ao lugar de onde veio”. Assim, a única chave é a alma, que está conosco como nosso Ser. Lembrar permite a disponibilidade da chave mágica. Se procuramos esta chave no mundo objetivo, não a encontramos. A chave está em nosso bolso. Como podemos encontrá-la

lá fora? Há loucos que buscam a Verdade fora deles, nas cadeias de montanhas. A busca tem de ser no interior e não fora. A chave é “*Smriti*”, o que significa *lembrar* em sânscrito. Patanjali diz: “Lembrar é uma chave maravilhosa para a Verdade”. O *Bhagavad Gita* e o *Bhagavata* dizem, repetidamente, a mesma coisa.

Se não temos a chave, não podemos pensar em trabalhar com a sabedoria. Krishna, o Senhor, disse no capítulo IV do *Bhagavad Gita*: “O que quer que você faça no campo do conhecimento, não terá nenhuma utilidade, se você não levar a MIM com você”. Este MIM significa EU SOU. Nós queremos lutar contra um homem 9 vezes mais poderoso que nós. Somos capazes de lutar contra os rufiões do conforto, do dinheiro ou do sexo? Impossível. Mas, se temos a Consciência do EU SOU, tornamo-nos mais poderosos que os rufiões. Esta é a beleza da chave explicada no *Bhagavata*, que na era moderna é chamada de *Agni Yoga*.

Os nomes são novos, mas os conceitos são antigos. Se dissermos a alguém para ler o *Bhagavata*, a sensação é a de pensar: “Ah, isso é algo antiquado”. Por isso, é dado um novo nome, “*Agni*”. Então, a sensação é: “Ah, isso é algo muito interessante”. É a mesma sabedoria que vem dos tempos antigos e consiste em lembrar-se do UNO em tudo. Essa é a mesma chave usada pelos Iniciados de todos os tempos, incluindo Jesus. Jesus trabalhou com a *Agni Yoga*, como fizeram todos os Iniciados, antes e

depois dele. Não há outro caminho. EU SOU é o único caminho, a única chave.

A MORTE EM ESCORPIÃO

Desta forma, vamos nos agarrar ao EU SOU e entrar na Gruta-templo, então, nós nos aproximaremos da morte. Uma vez que tenhamos entrado em nosso próprio coração ou gruta, veremos o mundo objetivo como a casca. Não precisamos da casca, mas do grão. O homem que entra na gruta percebe que toda a atividade frenética do mundo objetivo é como a casca que, em comparação, é de pouco valor e de pouco alimento para ele. Então, ele desperta de um sonho pela primeira vez. As pessoas, que estão absortas no mundo objetivo, vivem em sonhos, segundo aqueles que vivem no mundo subjetivo. Os Iniciados veem o quanto vivemos em sonhos. Estamos perseguindo coisas sem vida, acreditando que há muita vida nelas. Estamos cozinhando e comendo a casca, deixando o grão. Onde está nossa inteligência? Do ponto de vista de um Iniciado, os meros intelectuais, que não contribuem com nada de valor para a sociedade, são como cascas. O intelectual se orgulha da casca, o homem do mundo objetivo se orgulha da casca, acreditando que está procurando o grão. É por isso que sua fome de felicidade nunca é satisfeita.

A fome é satisfeita quando comemos o grão, não a casca. O Iniciado tem nele os grãos da vida e o homem

do mundo terreno tem nele a casca do grão. Uma vez provado o grão, pensamos em degustar a casca? O homem que está acostumado a comer a casca, nunca mais vai querer prová-la se ele provar o grão. Isso significa que a casca não existe mais para ele. Essa é a morte que ocorre com o discípulo. O que tem muito valor para o homem do mundo objetivo, não é nada para o Iniciado. O Iniciado tem os grãos que podem se reproduzir, que podem criar. O Iniciado não só tem nele o poder gerador, mas também o poder criador.

A morte em Escorpião é tripla. A tripla personalidade, com seus fortes valores mundanos nos planos mental, emocional e físico, dá lugar à tripla qualidade da alma, que é composta de Vontade, Amor e Luz. Os valores mundanos se desvanecem, gradualmente, o que é semelhante à remoção da polpa dentro da cana de bambu. O “eu sou” da personalidade se desvanece e o EU SOU, a Consciência, impregna e prevalece. O discípulo não sente mais sua antiga identidade mundial e adquire, proporcionalmente, a identidade eterna. Ele não está mais consciente de nenhuma outra identidade do que a de ser o “Filho”, Kumara. Ele percebe que é parte do Todo e é inseparável d’ ELE.

Seus valores de vida parecem opostos às pessoas comuns e, para ele, os valores do mundo parecem invertidos. As pessoas parecem estar de cabeça para baixo com seus pensamentos, entendimentos e ações. As pessoas, por sua vez, consideram-no como estando fora das normas

sociais usuais. A personalidade é transformada e, gradualmente, infundida de alma. Assim, ele se torna um canal para a transmissão da alma da atividade tríplice de Amor, Luz e Vontade. Tal é o desaparecimento da personalidade mundana, esotericamente chamada de morte, que leva ao nascimento da alma, em níveis perceptíveis. Escorpião também fala da morte como comumente entendida, o que está relacionado com o aparente desaparecimento da alma pelo crescimento excessivo da personalidade. Este processo sutil é descrito nas Escrituras como a morte do Filho do Homem, para que o Filho de Deus possa nascer. Em outras palavras, o homem em Deus entrega-se a Deus no homem. É um processo de incubação, em que as mudanças acontecem em segredo, em silêncio e com simplicidade. O mundo objetivo o vê como sacrifício, mas não há um pingão de sentimento de que seja um sacrifício para aquele que está no processo. O processo é muito parecido com o processo do verme que se transforma numa borboleta, mediante um processo de incubação. Pode-se imaginar que a borboleta, que é tão bonita, tão leve, capaz de voar e ser um deleite para os outros, já foi um verme? Da mesma forma acontece com o homem que, sendo mundano até agora, transforma-se, em absoluto segredo e silêncio, por meio do triunfo interior e atinge a Luz, o voo e o deleite da vida.

É por isso que Escorpião é suficiente para que possamos compreender, porque para aqueles que realmente

desejam percorrer o Caminho, Escorpião apresenta o programa a ser seguido. Trabalhemos com este programa, façamos os exames e tiremos notas para nós mesmos. Ninguém mais avalia nossos exames, mas nossas próprias operações constituem uma avaliação de nosso próprio entendimento. Essa é a beleza de se trabalhar consigo mesmo. Essa é a beleza da guerra fria. Consideremos mais detalhes de seu funcionamento de muitos ângulos, para que tenhamos uma impressão mais profunda e comecemos a trabalhar com nós mesmos.

ESTAR LIVRE, AINDA QUE RODEADO

O aspirante deixou agora de estar apegado às atividades dos três planos. Ele não parou de trabalhar, mas não tem nenhum apego, quando atua. Há uma diferença entre os dois. Sob o pretexto de entrar na gruta, nós nos esquecemos dos deveres normais da vida. A pessoa se ocupa dos deveres normais, mas sem paixão. Anteriormente, o aspirante costumava servir à família e à sociedade com paixão, com o objetivo de ganhar algo no mundo objetivo. Agora, ele continua a servir à família e a à sociedade, mas sem buscar ganhos pessoais e sem paixão. Isto é o que se chama “estar livre, ainda que rodeado”, como disse o Mestre Djwhal Khul.

Geralmente se acredita que agir com a Luz torna uma pessoa pouco atuante no mundo objetivo, mas não é assim no Caminho. No mundo exterior, uma pessoa

permanece prática, mas a profunda paixão com a qual a família e a profissão se realizam passa por uma mudança. A paixão morre, mas o dever permanece. O dever não morre. Se o dever morre, o aspirante torna-se impraticável. Enquanto se é ativo na vida familiar e social, há uma retirada gradual para o seu próprio ser. É uma retirada sutil, que é feita com muito cuidado e diligência. O aspirante torna-se mais equilibrado e mais prático que as pessoas comuns e ainda mais radiante e magnético.

Nesta encruzilhada, o aspirante confuso, geralmente, comete erros. Ele se esquece de seus deveres familiares devido a sua maior inclinação para atividades consideradas espirituais e, em vez de ganhar em espiritualidade, ele perde em materialidade. Ele não ganha na vida subjetiva, mas há perda na vida objetiva. Este é um vazio que tem que ser superado. O que está estável, não deve ser alterado por outras atividades. A vida objetiva, que está estabilizada até então, tem que continuar estável, enquanto há uma retirada gradual para a vida subjetiva. Não se deve desviar a consciência do dever, pelo contrário, elimina-se a paixão nela envolvida.

ESCORPIÃO: A OITAVA CASA

Escorpião representa a oitava casa no zodíaco. Escorpião é o número 8 e o número 8 representa a morte. Há dois tipos de morte que acontecem em Escorpião. Quando ocorre a involução do Espírito para a matéria, produz-se

a morte do Espírito e o nascimento da matéria em Escorpião e é assim que a serpente desce até o interior de seu buraco. A consciência é coberta pela matéria e isso é o que indica o fato de que a serpente entra em seu buraco.

Há também uma serpente dentro de nós a que chamamos de *Kundalini*, que está dentro, mas enterrada no fundo da matéria. O ato de levantar a Kundalini é pedir à serpente que se eleve. Esta oitava casa, no processo de involução, produz a morte da consciência. O Homem Divino está morto e o homem material está vivo. Assim, o Homem Divino é sacrificado para que o homem material possa viver. Isto significa que Deus se sacrifica para converter-se nos seres e isto é experimentado como uma perda de consciência, que é chamada de “o vazio de consciência”. Diz-se que o Escorpião cria a morte da consciência. Assim, temos a morte da consciência e o nascimento da personalidade. Isto é o que normalmente acontece, quando se produz a involução. A consciência morre e a personalidade emerge para a vida objetiva.

Então vivemos como tumbas em movimento. A matéria é pesada e a consciência é enterrada.

VENCER A SERPENTE

Agora, durante o processo evolutivo, chega-lhe a morte à personalidade e o nascimento à alma. Na Gruta-templo se produz a morte da personalidade e o nascimento da consciência. Desta forma, o retorno à consciência se

dá mais uma vez. Quando a consciência (representada pela ave ou águia) morreu por causa do material, a ave alada tornou-se uma serpente rastejante, que desce profundamente na terra. Este simbolismo está muito bem documentado. O homem enterra a si mesmo cada vez mais na matéria e na vida objetiva e a consciência se torna, proporcionalmente, sujeita à morte. Mas agora, através do processo do Discipulado, este processo anterior é revertido e a serpente se torna novamente uma serpente alada. Isto é chamado de “vencer a serpente”.

Dizem que Hércules, Krishna e Apolo derrotaram serpentes. Em verdade, todo discípulo tem que superar a serpente em seu Caminho para a Verdade. Os Iniciados e Avatares são um exemplo disso para os demais. Não é uma questão de matar a serpente no mundo objetivo, como o homem venenoso faz agora, mas é uma questão de superar as próprias atitudes internas venenosas (prejudiciais), para permitir o despertar da consciência interior desde o centro material (o Centro Base inferior) até o centro espiritual (o Centro entre as Sobrancelhas).

Uma afirmação ocultista diz: “Ele derrotou a serpente e foi levado pela águia”. Isto equivale a dizer que o homem se tornou divino e é capaz de voar através do ar com asas divinas. A morte é para o material, para a personalidade, para os pensamentos individuais, para as emoções e para o apego à objetividade. O homem vive na consciência e trabalha de forma desapaixonada

no mundo objetivo e progride com grande interesse na Gruta-templo, para alcançar o “Sanctum Sanctorum”.

Ali, nas grutas-templo, ele estuda as Escrituras Sagradas. Na Gruta-templo há também bibliotecas que estão bem guardadas por Escorpião. Essas bibliotecas estão guardadas por serpentes, que têm uma pedra preciosa na testa. Aqueles que são amigos das serpentes estão autorizados a usar a biblioteca. Foi assim que Madame H.P. Blavatsky foi autorizada a ler as Escrituras sagradas nas grutas-templo. Isto, também, é o que se chama “*Vencer a Serpente*”.

Há uma serpente chamada *Hydra* que tem 9 cabeças. Hércules a derrotou. O que são essas 9 cabeças? Elas são os 9 rufiões. No momento em que vencemos os nove rufiões, a serpente de nove cabeças, *Hydra*, torna-se nossa amiga. Diz-se que Hércules derrotou a serpente. Isto está relacionado com a história de Escorpião. Há histórias semelhantes nas quais Apolo dança na cabeça de uma serpente. Há também uma história no *Bhágavata*, onde Krishna dança na cabeça de uma serpente. A vitória sobre os rufiões é simbolizada pela dança sobre a cabeça da serpente. Então a serpente coopera conosco e nos permite dançar sobre sua cabeça.

Normalmente, é a serpente que dança sobre nós, mas aqui temos um caso em que nos é permitido dançar na cabeça da serpente. Este é um grande ritual, no qual a serpente é transformada em águia ou no qual o homem

dança na cabeça da serpente ou no qual o curso descendente é invertido e se torna um curso ascendente. Todas estas são revelações que ocorrem em Escorpião. Este é um conceito importante a ser lembrado.

Quando o homem entra na Gruta-templo e supera a serpente de nove cabeças, ele está morto em relação ao exterior e vivo em relação ao interior. Sua maneira de ver a vida objetiva é diferente da maneira como os outros a veem. Quando ele está ganhando no mundo subjetivo, ele adquire as dimensões relativas à Verdade.

O DIA DO YOGUE É NOITE PARA O HOMEM COMUM

As pessoas do mundo exterior pensam naqueles que estão no processo de serem Iniciados como raros, como se algo neles não estivesse certo: “Ele poderia ter se tornado alguém muito importante na sociedade, mas está buscando coisas misteriosas, negando sua fama e seu nome e negando sua prosperidade”. Quando um homem, à beira do sucesso, limita esse sucesso objetivo e entra no mundo subjetivo, então a sociedade pensa que ele está errado. Leva algumas centenas de anos para que a sociedade entenda que ele estava certo.

O trabalho de um Iniciado não pode ser apreciado pelo homem contemporâneo, porque sua medida de sucesso é diferente da medida dos Iniciados. Assim é como o Iniciado trabalha com a objetividade. Para ele o mundo objetivo é a noite, para nós, o mundo objetivo é

o dia. Para um ser humano comum, tudo o que importa é o sucesso no mundo exterior e, quanto mais ele adquire, mais ele pensa que está tendo sucesso e se torna cada vez mais apaixonado para conseguir mais ainda. Toda essa luta constante pelo poder, para conseguir mais, parece ser uma atividade louca para aquele que se voltou para seu interior, mas, para aqueles que ainda estão na constante luta pelo poder, aquele que se voltou para seu interior é considerado um louco fora de lugar.

A sociedade considera “aquele que está em processo de se tornar um Iniciado” como um louco e o Iniciado olha a sociedade como um grupo de pessoas que não sabe. Porque o que o Iniciado começa a ver, a sociedade não vê e o que a sociedade vê, o Iniciado percebe que é uma casca. É por isso que ele sorri para as pessoas que sorriem para ele. A sociedade sorri para ele, pensando que ele é um perdedor, mas o Iniciado sorri para a sociedade, porque eles são os verdadeiros perdedores. O que é a vida para um ser humano comum, não é nada para o Iniciado e o que é a vida para o Iniciado, é escuridão total para o ser humano comum. Assim, o dia de um é noite para o outro. Há uma afirmação no *Bhagavad Gita* que diz: “O dia do yogue é noite para um homem comum e o dia de um homem comum é noite para o yogue”. Assim são as inversões.

O Iniciado inverteu uma inversão, que consiste em ver a Luz, onde o homem comum não pode vê-la. Todas

aquelas coisas que o homem comum vê, o Iniciado não vê. Um Iniciado não olha para a forma, mas vê a Luz dentro da forma e, se necessário, olha para a forma. Seu olhar normal é dirigido para a Luz da forma. O olhar do Iniciado mede a Luz da forma. O homem comum mede a forma e nem sequer sabe o que é ver a Luz. O homem comum mede a tumba, o Iniciado mede a Luz da tumba. Esta é a diferença entre os dois.

O MOVIMENTO ASCENDENTE DAS ÁGUAS

O Iniciado adquire criatividade, porque ele deixa de ser reprodutivo. Um homem comum tem seis canais de reprodução e toda sua reprodução se dá no mundo objetivo. A energia flui para fora, sob a forma de desejo por coisas externas que foram vistas, ouvidas, degustadas, tocadas e cheiradas. Além dos cinco sentidos para o fluxo exterior de energias, existe um sexto canal, que causa um tremendo fluxo de energias para o exterior e isso é o que chamamos de sexo. O homem flui para fora através desses seis canais, quando ele é um prisioneiro do mundo objetivo. Então, ele é espremido como uma laranja, totalmente espremido. Tudo se foi e ele parece muito seco, muito embotado e fraco. Isto é porque as energias estão fluindo para fora, que é o que representa o fluxo descendente das águas. Este fluxo é de cima para baixo, do centro para a circunferência e do sutil para o denso. Como resultado, o homem perde-se no tempo,

mas, mediante o processo de reversão que o aspirante assumiu, ele converge as cinco sensações e o instinto reprodutivo. Agora, as energias convergem nele em vez de divergir. Consequentemente, há um aumento da energia para os planos superiores. Isto provoca o movimento das águas em direção ascendente. É por isso que se fala muito sobre a regulação dos sentidos e da sexualidade. É uma questão de utilizar as águas da energia em nós. Diz-se que, enquanto permitirmos que as águas fluam para fora, até esse ponto não temos sido sábios. A sabedoria permite que o homem faça o uso correto das energias. O uso correto das águas é construir uma represa com o fluxo e desviá-la para os campos internos, para o cultivo. O campo é o corpo que é cultivado e que adquire vitalidade, ao invés de perder o fluxo pelos seis canais. Diz-se que, enquanto as águas do rio puderem fluir para o mar, até esse ponto, o homem tem desperdiçado seus recursos naturais. O rio tem que ser usado para cultivar os campos. As represas e diques que são construídos destinam-se a regular a água para os campos. Os reservatórios de água coletada são utilizados para o cultivo e o mesmo acontece com as energias conservadas mediante um processo de regulação dos sentidos, permitindo que o homem faça uso das águas para o movimento ascendente. Quando as energias se movem para cima devido à convergência, há o movimento ascendente da energia para o Centro Laríngeo e, ainda

mais alto, até o ponto do centro entre as sobrancelhas, que está abaixo do Centro *Ajna*, formando um lótus de duas pétalas e esperando que a glândula da graça (a pineal) desça mediante a secreção.

A partir do momento em que o casulo do lótus de duas pétalas é formado, ocorre a descida dos fluidos luminosos da graça, que permitem o casamento entre o Homem do Céu e o Homem da Terra. Muito se realiza em Escorpião por um processo de morrer para o exterior e viver no interior, fazendo as coisas por meio dos níveis escuros do material e chegando à Música da Alma. Este processo é representado sob a forma de um caminho em espiral. O Espírito se densifica na matéria mediante um processo cíclico e, assim também, você pode libertar a si mesmo da matéria para o Espírito, mediante esse mesmo caminho em espiral. Assim, o símbolo do caracol permaneceu no campo da sabedoria.

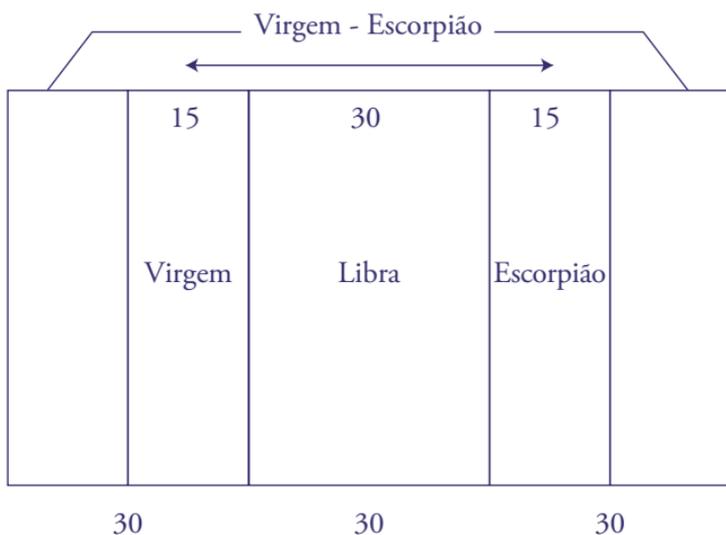
Além do símbolo da serpente e da águia, há o símbolo do caracol, no qual encontramos a cabeça muito larga e a cauda muito estreita. A cauda do caracol representa o espírito convertendo-se em matéria, e a consequente perda de consciência na matéria está representada pelo estreitamento descendente dos anéis na cauda do caracol, que seguem um caminho em espiral descendente. Mas se invertermos a direção do caminho em espiral, vemos que é o mesmo caminho que conduz ao Espí-

rito e que vai alargando sucessivamente os anéis, o que representa a liberação do Espírito da matéria (Fig. 22):



O conceito sublime de Caminho Espiral e dos rituais correspondentes está representado na 17^a constelação do zodíaco, a chamada “Ritual Espiral”, cujo nome original em sânscrito é *Anuradha*. Esta constelação está situada na segunda metade de Escorpião, na qual “se muda a direção” ou as rodas se invertem, isto é, o Caminho do Retorno do homem ao Homem Celestial. Muitos são, certamente, os mistérios de Escorpião.

Recordemos que a primeira metade de Escorpião e a segunda metade de Virgem constituem um signo zodiacal do zodíaco perfeito de 10 signos, a *Mandala*. Libra (o símbolo da paixão) separa as duas metades do signo único “Virgem-Escorpião” e, assim, adiciona mais 60° ao círculo, ou seja, 15° da segunda metade de Virgem, 30° de Libra e 15° da primeira metade de Escorpião (Fig. 23):



A primeira metade do Escorpião é, portanto, considerada mundana, enquanto a segunda metade é considerada divina.

Esotericamente, todos os Templos – e não as lojas – estão, portanto, fechados na primeira metade de Escorpião, para serem reabertos na segunda metade de Escorpião. O ano ritualístico começa na última parte de Escorpião, para fechar na primeira metade de Escorpião. Os Templos esotéricos, as grandes Lojas esotéricas da Fraternidade Branca, atuam em total sintonia com os ciclos do tempo e suas chaves pertinentes estão ocultas nos mistérios de “Escorpião-Sagitário”. Tal é a profundidade do segredo de Escorpião.

SACRIFÍCIO E RITUAL

Touro é o primeiro braço da Cruz Fixa, no qual a parte objetiva é ordenada. Escorpião é o segundo braço da Cruz Fixa, onde a parte subjetiva é ordenada e onde ocorre a morte da individualidade e da personalidade. Todo o trabalho da morte ocorre por meio de uma única ferramenta, que se chama sacrifício.

Quanto mais nos sacrificamos, mais nos libertamos da personalidade. O caminho do Escorpião é o caminho do sacrifício. É o sacrifício altruísta e incondicional nos três planos da existência: no plano físico (propriedade, dinheiro, conforto e recursos em benefício dos outros), no plano emocional (de paixão pelas pessoas, lugares, línguas, costumes, tradições, “ismos”, etc.) com o objetivo de alcançar um ideal. Todos os recursos são direcionados para fazer com que o ideal se torne verdade. Mesmo os pontos de vista e raciocínios individuais também são sacrificados no plano mental, no altar da sabedoria. Isto é o que se chama em sânscrito “*Yaja*” (iaya) ou sacrifício. A pessoa se submete com seus recursos ao sacrifício, nos três planos. Não se trata de pedir aos outros que se sacrifiquem pelo que nós fazemos. Quando um homem trabalha no âmbito de Touro, ele quer que a sociedade faça doações e sacrifícios para seu bom trabalho, mas ele não sacrifica nada, porque ele é simplesmente inteligente, mas não sábio. Sua inteligência lhe diz para guardar suas coisas para si mesmo e pedir às pessoas que contribuam.

Isso não lhe permite entrar no Templo e vivenciar os mistérios da Gruta-templo (o coração). A menos que sacrifique tudo o que tem e se sacrifique a si mesmo, não pode entrar no Templo. A morte é pelo sacrifício e é o sacrifício de tudo o que se tem, isto é, que ele seja despojado de tudo. “É despojado de todos os metais” e, só então, tem a capacidade de entrar no Templo. Não podemos ter milhões de dólares no banco e nomear duas pessoas que digam: “Este homem está despojado de todos os metais e merece entrar no Templo”.

No templo maçônico diz-se: *“Venerável Mestre!, este homem foi encontrado na rua. Não tem nada, está sem um cêntimo, não tem sequer roupas decentes, nada para comer e perdeu tudo. Ele merece entrar no templo. Nós dois o recomendamos”*. Isto não significa que ele seja uma pessoa tão ignorante que tenha perdido tudo, mas que sacrificou tudo, voluntariamente, para poder ser um candidato a estar diante do mestre do templo. Se entrarmos no templo sem sacrifício, estaremos apenas enganando a nós mesmos. A necessidade de sacrifício é muito elevada se tivermos que fazer uma entrada no templo da vida real. O sacrifício tem que ser de tudo o que temos. Em Escorpião é o sacrifício de tudo o que se tem.

Quando chegamos ao próximo passo em Leão, temos que sacrificar não só tudo o que temos, mas, também, a nós mesmos. Sacrificar algo nosso é uma coisa, mas sacrificar a si mesmo é algo diferente que permite a autorrea-

lização da alma. O que se exige em Escorpião é o sacrifício da personalidade, dos pensamentos que acreditamos serem nossos e da lógica que acreditamos ser nossa. A religião que temos como muito sagrada é algo que temos que sacrificar, porque é também um pensamento e uma crença. Não podemos levar conosco as molduras de nossos próprios pensamentos, porque nos serão dadas molduras melhores, no interior. Não levamos conosco nada que nos pertença, quer seja pensamento, emoção ou propriedade. A única coisa com que nos permitem entrar é com nosso nome, que será mudado dentro do Templo. Quando entramos no Templo, temos um nome, que é mudado dentro do Templo. No Templo temos um nome, fora do Templo temos outro nome. No Templo, nosso nome original é trazido à nossa memória e, a partir daí, agimos com dois nomes!

Em todas as atividades do Templo temos um nome e para a vida objetiva temos outro nome. Assim, adquirimos um nome espiritual para as atividades espirituais. Por exemplo, o nome que conhecemos como Mestre Djwhal Khul é conhecido por aqueles que conhecem o lado espiritual do Mestre Djwhal Khul. Em todo o trabalho que ele está realizando no planeta em relação com o Plano, é muito bem conhecido como Mestre Djwhal Khul ou Mestre D.K., mas ele vive numa parte do planeta no plano físico e, ali, seu nome é diferente. As pessoas que o conhecem fisicamente não sabem que ele é o Mestre Djwhal Khul

e as pessoas que o conhecem como Mestre Djwhal Khul, não o conhecem fisicamente. Esse é o plano!

Esta é a beleza do desempenho de um Iniciado. Onde as pessoas estão fisicamente ao seu redor, ele não revela sua identidade espiritual. Embora as pessoas estejam se relacionando com ele, elas não sabem que estão se relacionando com o Mestre Djwhal Khul. Todos os Mestres agem desta maneira. Para todos os fins da vida familiar, social e econômica, eles têm outro nome que muda de reencarnação para reencarnação. Mas, dentro do templo, eles têm sempre só um nome. Ao longo da série de ciclos de nascimentos e mortes, o Iniciado conhece a si mesmo por este nome, enquanto que, para fins externos, ele tem nomes diferentes para encarnações diferentes. Nada é permitido no Templo, exceto o nome. Da mesma forma, Madame Blavatsky tem seu próprio nome no Templo. Ouvimos dizer que seu nome no Templo é “Upásika”, enquanto que, para fins externos, é H.P.B. Assim, também, o nome espiritual daquele que conhecemos como O Tibetano é Djwhal Khul. Ele pode ter muitos outros nomes, em muitos outros ciclos de tempo, mas ele ainda terá o nome Djwhal Khul. Da mesma forma, aquele que realizou seus trabalhos em Escorpião, chega a conhecer seu nome dentro do Templo.

Quando falamos de Escorpião é inevitável que falemos dos Templos e é inevitável que mencionemos os conceitos sagrados da maçonaria, porque Escorpião representa o

ritualismo secreto. É toda a alquimia que se inicia dentro do ser. Este é um aspecto do funcionamento com os 7º e 4º raios. Estes dois raios tornam-se os instrumentos nas mãos do discípulo. Quando ele começa a agir com sua própria personalidade, ele está em terrível conflito consigo mesmo. Todo o conflito tem que ser superado por um processo de serviço e sacrifício. O discípulo enfrenta a energia do 4º raio dentro dele e, muito frequentemente, é derrotado. A fim de superar nossas próprias derrotas, enquanto trabalhamos internamente, temos que nos agarrar ao 7º raio, com muita firmeza. O funcionamento do 7º raio permite que ele obtenha forças para sobreviver em situações de conflito.

O trabalho do Escorpião é trabalhar de crise em crise. Este produz momentos de crise a cada momento e enfrentamos situações muito perigosas. Portanto, para enfrentarmos os movimentos das crises, temos que nos agarrar à energia do 7º raio. A energia do 7º raio significa funcionamento ritualístico. O agir ritualmente e o sacrifício como nota chave vão juntos. Ritual sem sacrifício não significa nada. Todo ritual é um sacrifício e todo sacrifício é um ritual. Se separarmos o ritual do sacrifício, então, o ritual é uma farsa.

H.P. Blavatsky ri da maçonaria no livro *Isis Sem Véu*. Ela ri em voz alta, protesta e zomba da maçonaria, com a única intenção de fazer uma fissura na massa de ignorância e estimular a ação correta. H.P.B. demoliu muitos

conceitos antigos, tentou estimular a maçonaria, tentou estimular o cristianismo, tentou estimular a ciência e tentou trazer à tona uma dimensão que é eternamente verdadeira e, nesse processo, ela ganhou a ira das pessoas. Mesmo que atuemos no caminho do discipulado, o tipo de atividade em que empreendemos nos expõe, às vezes, a críticas, a escândalos e ao ridículo.

Não há um Iniciado que nasça sem levantar oposição. O Iniciado é conhecido por suas faculdades de levantar oposição na sociedade contemporânea cheia de superstição, de ideias concretizadas relativas à tradição e, até mesmo, da ciência da época, dos rituais sem vida, etc. Jesus, frequentemente, levantou uma tremenda oposição por parte dos sacerdotes, porque quebrou o dogma deles em pedaços. O Iniciado levanta oposição na sociedade. Por acaso, Moisés não levantou oposição no Egito? Uma vida de miragem tornou-se uma vida de crises, quando ele entrou no Caminho. O caduceu de Moisés, a propósito, é uma serpente rasteira, mas é o caduceu de Aarão quando é vertical, e os dois arcos produzem os fenômenos necessários. Cada um de nós tem nele o caduceu de Aarão, desde que a serpente rastejante se eleve verticalmente. Como Moisés tinha nele o poder do caduceu, ele desafiou o faraó egípcio e não era brincadeira desafiar o faraó do Egito, pois isso requer o poder necessário, que surgiu nele, quando ele foi expulso do reino. Após a preparação, quando voltou, ele lutou. Tal é o poder de Escorpião,

no que diz respeito à preparação interior. Assim também foi o trabalho de Jesus, quando ele preparou seu caduceu de Aarão, entre os 12 e 30 anos de idade, sendo este caduceu a luz do sistema cérebro-espinhal. Com a luz da cabeça acesa, Jesus voltou novamente às margens do rio Jordão. Ele trabalhou para quebrar os conceitos ignorantes dos sacerdotes e tentou destruir o mal da sociedade. O mesmo aconteceu com H.P.B., que também se retirou para a gruta e retornou à sociedade como uma Iniciada. Muitas pessoas, que trabalharam com ela, presumiam ser tão boas quanto ela e, ela não negou, mas continuou com seu trabalho. Ela mostrou como era diferente dos demais por meio de suas ações.

Dentro das grutas-templo ocorre uma preparação. Essa preparação é ritual e exige o sacrifício da personalidade, pois só assim ela é eficaz. Neste processo, é muito importante trabalhar com o 7º raio. Os momentos de crise na vida, não devem terminar com nossas práticas ritualísticas, caso contrário, seremos desarmados. Em tempos de crise, temos que nos agarrar mais à energia do 7º raio.

É nisto que consiste a atuação em Escorpião e que é chamado o ritual do “Deus que morre”. O mês de Escorpião é usado de duas maneiras: uma é o Deus que morre como Criação e a segunda é o homem que morre, para renascer como Deus. Este é um ritual que tem sido realizado, desde os tempos mais antigos. A pessoa é aconselhada a assumir a postura fetal da criança no útero.

O templo ritualístico é construído estritamente de acordo com a fórmula do ventre materno. A pessoa é orientada a adotar esta postura recolhida e a viver dentro do Templo, construído na forma do ventre materno. Ali, ela não tem um centímetro de espaço para esticar seus membros. Tudo o que está ao seu redor está fechado, de tal forma que ela tem que permanecer imóvel. Do mesmo modo que a criança no ventre materno é conectada pelo cordão umbilical, há um tubo que entra em sua boca através do qual ela recebe alimentos líquidos. Enquanto está nessa postura, pede-se que ele volte em sua memória sob a orientação de um Guru ou Mestre que conhece o ritual. Isto se chama processo de lembrança, para morrer como homem e nascer como um Iniciado.

Uma vez que se passa por este ritual durante três dias e três noites, a pessoa sai lembrando seu nome original. Este é um dos rituais avançados, realizados nos Templos. O ritual de Hércules é representado e nele é preciso derrotar a Hidra, a serpente. No Oriente, existe o ritual de “*Sávitri*”, que é realizado para experimentar em si mesmo o conceito de morte.

Sri Aurobindo, um dos grandes iniciados deste século, fez uma grande contribuição a este planeta ao escrever em inglês os conceitos védicos de *Sávitri*. Se *A Doutrina Secreta* é a Sagrada Escritura do século XIX, então, *Sávitri* é a Sagrada Escritura do século XX. Estas escrituras sagradas sobrevivem aos ciclos do tempo e ser-

vem às pessoas que estão tentando trilhar o Caminho da Verdade. O ritual de *Sávitri*, em resumo, consiste em um homem se casar com uma mulher chamada *Sávitri*. O homem é chamado de “Portador da Verdade” e é profetizado que o homem morrerá dentro de um ano. Isso significa que o “Portador da Verdade” vai perder a Verdade e quando perdemos a Verdade, morremos.

Na verdade, nós estamos todos mortos, mesmo que pensemos que estamos vivos. Nós estamos vivos, quando carregamos a Verdade em nós, caso contrário, somos os mortos vivos. Foi profetizado que este homem morrerá, isto é, que perderá a Verdade e, por causa disso, ele morrerá. E, assim, aconteceu que ele morreu. Morrer significa ser enterrado na matéria. O regente de Plutão leva-o ao mundo inferior, que é um processo de escavar, muito profundamente, nossa própria sepultura, mas, sua esposa *Sávitri* o segue. Isso significa que a consciência em nós –que é chamada de Savitur e que invocamos todas as manhãs por meio do mantra de Gáyatri, a Luz da alma– também segue a alma, que está enterrada no fundo da matéria. Mesmo quando estamos enterrados no fundo de nossa vida objetiva, a consciência está sempre conosco. A consciência é identificada com a Mãe do Mundo nas Escrituras Orientais, enquanto que o Deus Absoluto é identificado como masculino. A Consciência feminina nos segue, mesmo quando estamos mortos para a vida. O “Portador da Verdade” é seguido por

Sávitri que o traz de volta à Luz através dos ciclos do tempo. Conseqüentemente, o homem encontra a Verdade novamente e a carrega. O “Portador da Verdade” perdeu a Verdade e a encontrou, novamente, devido à companhia contínua da Consciência.

Todos os dias, quando o sol se põe e mesmo depois do pôr do sol, há luz. Uma vez que o disco do sol se põe, desaparecendo de nossa vista no horizonte, há uma bela luz e essa luz chama-se *Sávitri*. A luz que prevalece, após o pôr do sol, promete-nos o seguinte: “Não se importe de entrar na escuridão. Daqui a algumas horas, eu trarei aquele que desceu tão profundamente”. Cada pôr do sol é uma promessa de amanhecer. Assim, a luz que permanece, após o pôr do sol, comunica aos seres o seguinte: “Eu estou aqui. Não se preocupem com a obscuridade que surge. Eu lhes devolverei a luz.” É por isso que a Mãe é chamada de “a Mãe que marca a Luz na escuridão” ou *Sávitri*. Cada momento de escuridão é seguido pelo amanhecer. Todos os que estão na escuridão recebem a assistência da Madre *Sávitri*, chamada por outro nome nos Vedas –Gáyatri. O ritual de Gáyatri é um dos rituais védicos. Assim, a Verdade é representada em forma de ritual por todo o planeta e, tudo isso, é obra de Escorpião.

SATURNO, MARTE E VULCANO

Saturno como planeta é o Mestre que nos guia em assuntos relacionados com Escorpião. Saturno nos ajuda a

superar nossas limitações, oferecendo-nos, através do tempo, muitos eventos, que não são do nosso agrado. Coisas de que não gostamos, decepções e demoras nos são apresentadas como complementares e somos obrigados a esperar. Ter que esperar é a pior coisa para uma pessoa. Saturno age até que se aprenda a esperar. É o mesmo que acontece com a decepção. Onde há expectativa, há decepção. Saturno não quer que soframos a limitação de ter expectativas. É por isso que o planeta que atua em Escorpião é Saturno, que trabalha com nossas limitações. Quando aceitamos nossas limitações e tentamos trabalhar com elas por nós mesmos, seja sob a orientação de um Mestre ou sob a orientação pessoal de si mesmo, Saturno afrouxa. Quando Saturno afrouxa, a matéria também levanta seu condicionamento e a alma respira o ar da libertação, pela primeira vez. Por isso, o verdadeiro Mestre no Oriente desempenha o papel de Saturno no início e ensina o Caminho para a sublime experiência de Vênus, quando o discípulo sabe como se governar por completo. O Mestre CVV diz, por isso, simbolicamente: “Eu trabalho primeiro com Saturno e depois com Vênus.” Isto é verdade, no caso de todo verdadeiro Mestre.

Enquanto continuamos o trabalho com Saturno, a função de Marte também está unida, porque Marte realiza a guerra no interior, com sua vontade ardente. Com a vontade como ferramenta, as limitações são quebradas. Assim, o 7º raio, Saturno, o 1º raio, Marte e Vulcano agem, quando estamos

no Caminho do Discipulado. O trabalho de Vulcano é o da ignição, o trabalho de Marte é a aplicação contínua do fogo da vontade e o trabalho de Saturno é o de nos apresentar nossas limitações. Uma vez que quebramos uma limitação, ele nos apresenta outra. Isto é o que acontece dentro do Templo, até que o homem se torne responsável de si mesmo. Não há ajuda externa. O discípulo não pode depender de apoios externos, mas tem que se sustentar, tirando confiança de dentro de si mesmo. Só o Ser prevalece e todos os outros suportes são quebrados. Os instrumentos do ritual são quebrados, porque não há mais necessidade de suportes para trabalhar. Diz-se que o ritualista quebrou todos os instrumentos e, agora, está sozinho e de pé. Ele não pode procurar por nenhuma muleta externa, mas ele é seu próprio apoio. Ele não pode olhar para o céu em busca de ajuda, ele não pode olhar para o chão em busca de ajuda, não pode olhar ao redor para procurar ajuda, mas ele é seu próprio apoio. O trabalho de Escorpião ocorre até esse ponto. É assim que funcionam estas três energias planetárias.

Este trabalho inicial de Saturno, Vulcano e Marte leva a uma melhor compreensão da sabedoria (Mercúrio) e a uma melhor experiência no mundo supramundano dos Seres de Luz (Vênus). Assim, o discípulo entra em contato e trabalha com Mercúrio e Vênus, com os princípios planetários internos, conduzindo o discípulo para Júpiter, que abre as portas da autorrealização.

O trabalho fica assim completo, quando o ser humano se dá conta da síntese da cor azul (do 2º raio) de Júpiter, no *Sanctum Sanctorum*. A partir desse momento, é Urano. O homem volta, novamente, da gruta para o exterior e sai com a energia de Urano, para quebrar o antigo sistema e dar, novamente, a Lei que está em sintonia com a Natureza. A partir de então, ele volta a dar, novamente, o sistema natural. É nisto que consiste o trabalho no Caminho.

A sequência de princípios planetários, que o neófito vai assumindo é a seguinte: Saturno, Vulcano, Marte, Mercúrio/Vênus, Júpiter e o Sol. As cores que, como consequência, ele experimenta em si mesmo são: violeta, vermelho, vermelho alaranjado, esverdeado e amarelo dourado, água-marinha, azul e a Luz. Em estágios mais avançados, experimenta-se, também, os centros etéricos e os sons sementes correspondentes. Este é um tema muito amplo que não abordaremos agora.

RESSURREIÇÃO

O homem se eleva da energia do autossacrifício da própria personalidade, que é descrita, simbolicamente, como “distribuição de seu sangue”. A ressurreição ocorre, enquanto tal sacrifício tem lugar em nosso interior. À parte do sacrifício, segue a ressurreição. O sangue foi derramado e o homem brilha. Esta segunda parte foi esquecida no cristianismo e, em vez de se focalizar no Cristo ressuscitado, permaneceram com o Cristo crucificado. A

parte da ressurreição, que é mais esplendorosa, foi deixada de lado e, apenas a parte da crucificação, como a mais suprema. Uma espécie de tristeza envolve o sistema cristão, por causa deste costume e o Jesus sorridente por natureza foi substituído por um Jesus crucificado.

Se trabalhamos o Caminho apenas até a parte de nossa crucificação e, se não for seguido, como é natural, pela ressurreição, não há triunfo, quando o triunfo é o passo supremo do Escorpião. Jesus demonstrou triunfantemente ao sair do túmulo. É aí onde, segundo os Mestres de Sabedoria, grandes danos foram causados à vida de Jesus e à sua mensagem de imortalidade.

O aspirante torna-se um discípulo em Escorpião e, depois disso, é uma questão de agir com suscetibilidade ao Plano. O Plano lhe é revelado e ele desenvolve a suscetibilidade necessária para entender o Plano e continua agindo de acordo com ele. A suscetibilidade ao Plano não é alcançada na fase de Touro, mas no braço da Cruz Fixa relativa ao Escorpião. O aspirante passou por um processo de alquimia e saiu como um metal precioso. Ele sai com uma língua diferente, com uma voz diferente, porque quando entrou no Templo sua língua foi arrancada e sua garganta cortada e, agora, foram substituídas por outra língua e outra voz, a Língua Divina e a Palavra, respectivamente.

Sua cabeça foi mudada. Em Escorpião há um ritual relativo à mudança da cabeça. Nas Escrituras Sagradas há histórias simbólicas, a cabeça é retirada e em seu lugar é

colocada uma cabeça de elefante. Trata-se de substituir a cabeça humana pela cabeça da sabedoria. Há também uma outra forma de substituição –que tem sido ritualizada como outro drama– onde a cabeça é cortada e substituída por uma cabeça de cordeiro. Quando a cabeça de um cordeiro é colocada no lugar da cabeça humana, isso significa que a tendência egoísta e separativa é cortada e o homem se torna humilde para cumprir o Plano. Quando chegamos a Escorpião existem inúmeros rituais, e todos eles têm a ver com a morte da personalidade e o nascimento da consciência. A partir daí, o trabalho de libertação se realiza. Muito é o que acontece no interior.

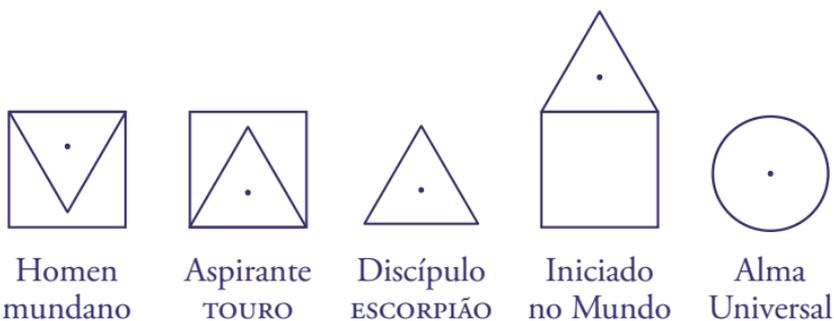
O caminho do Escorpião no discipulado é um caminho de sacrifício contínuo em todos os níveis, para nascer de novo como um *Kumara*, um ser em processo de se tornar um filho de Deus, tornando-se suscetível ao Plano e, em seguida, sendo solicitado a trabalhar novamente no exterior. Este é o retorno do Iniciado após o desaparecimento do homem. A história de Escorpião é o desaparecimento do homem e a aparição do Iniciado.

O homem que desapareceu é diferente do homem que saiu da gruta. Depois ele olha para a sociedade e trabalha com ela. Mas, mais do que apreço, ele recebe críticas. A sociedade espera para encontrar falhas nele, mas ele sorri e prossegue com seu trabalho.

Seu trabalho beneficia aqueles que estão procurando o Caminho. Sua saída da gruta é para o bem daqueles que

estão tentando encontrar a entrada do Templo. O Iniciado começa a reunir os touros e todos os outros animais que foram mencionados anteriormente, como o cão, o burro, o elefante, a vaca, o rato e o gato. Todas as almas se reúnem em torno dele aspirando à Luz, mas com tendências animais. Ele trabalha com eles com muito amor, expondo-os a um processo de purificação e os deixa na porta do Templo e, depois, eles têm que realizar o processo de Escorpião por si só.

O trabalho de Escorpião está completo quando os rufões são superados e as três qualidades da alma são experimentadas. É uma questão de entrar no quarto triângulo do Lótus do Coração, onde experimentamos as pétalas da Luz, do Amor e da Vontade. Não há mais quadrado da objetividade, ou seja, a objetividade não influencia o discípulo e não o vincula mais, ao contrário, é ele quem começa a influenciar o mundo objetivo. Este processo é descrito geometricamente da seguinte forma (Fig. 24):



O triângulo simboliza a tríplice existência sutil, enquanto que o quadrado simboliza a existência física densa e material. A ascensão do quadrado ao triângulo indica encaixar o quarto estado, a fim de experimentar o sutil. Depois disso, o discípulo preparado aparece no mundo para cumprir a Vontade Divina, que é o que o triângulo sobre o quadrado representa. Ele é o templo móvel. Quando o trabalho é feito, ele se recolhe para entrar no depósito da consciência, que é descrito por um ponto central cercado pela circunferência, respectivamente a alma individual (o Filho) e a Alma Universal (o Pai). A finalidade de Escorpião é interiorizar-se para experimentar a Vontade de Deus. Quando isso é feito, o período de incubação ou desaparecimento termina e ele retorna ao mundo. Por esta razão, o discípulo passa mais tempo em meditação e equilibra seu serviço e o estudo de si mesmo com a meditação no ápice (Fig. 25):





LEÃO: A LUZ DO INICIADO

A gruta é representada pelo glifo do símbolo de Leão. O símbolo representa a Gruta do Coração, que é a morada do Iniciado. Ele vive nela e sai para realizar os atos da Vontade Divina de acordo com o Plano e se retira, para dentro dela, toda vez que realizou um ato.

Agora, o Iniciado sai da Gruta-Templo, quando está totalmente preparado para o sacrifício e a crucificação. A próxima tarefa que lhe é confiada é alcançar a Consciência Universal. Agora, ele atingiu a consciência da alma e sai, voluntariamente, para se sacrificar. Ele mesmo se converte em vareta de madeira que servirá como combustível, a ser oferecido no ritual do fogo. Ele se oferece à sociedade e se queima, o que é chamado de crucificação e, por esta queima de si mesmo, ele se torna imortal.

Agora vamos considerar os detalhes do funcionamento em Leão, no qual encontramos como os Iniciados agem. Porque o aspirante saiu triunfante e tem conduzido bem a guerra associada à consciência do EU SOU, ele é agora um

instrumento nas mãos de Deus, para espalhar a Palavra de Deus e mostrar o caminho para aqueles que o buscam. Assim, ocorrem os passos no progresso espiritual.

As adversidades e provações de Escorpião terminaram e a preparação dentro da Gruta-templo está quase completa, tendo superado os nove rufiões e tendo, assim, preparado o veículo da personalidade e o veículo físico para o trabalho de boa vontade, o discípulo está como um leão na gruta. Ele está em uma viagem ao mundo objetivo para realizar atos de boa vontade, para influenciá-lo com a Palavra Sagrada. A tarefa doravante é espalhar a Palavra e, assim, reorganizar o sistema no plano objetivo e, também, dar um exemplo às pessoas, inspirando-as assim a entrarem no Caminho da Luz. Essa é a tarefa confiada, pela qual o discípulo se transforma gradualmente e se torna um Mestre.

Quando os rufiões foram vencidos, quando o triunfo resulta da adversidade, o discípulo no Caminho adquire as virtudes, devido às regras austeras que observa. O Maharshi Patânjali diz:

- I) Aquele que pratica a inofensividade supera a inimizade para com todos os seres.
- II) Aquele que alinha seu pensamento, palavra e ação e adquire a capacidade de dar plenitude a seus esforços, seus trabalhos não são incompletos. As coisas valiosas se reúnem em torno de quem superou o instinto de roubar.

III) Quando o sexo é regulado como recomendado anteriormente, o homem adquire a capacidade e habilidade de ação.

IV) Quando se supera o instinto de desejar (coisas, lugares e pessoas), conhece-se a chave do nascimento e da morte, assim como a fonte de origem do próprio ser.

V) Quando se pratica a pureza (dos sentidos) como parte da vida diária, supera-se o apego do corpo e se neutraliza o desejo pelos corpos dos outros.

VI) Quando se adquire a pureza mental, o equilíbrio é experimentado e o discípulo é candidato a realizar o Ser.

VII) Quando a alegria se estabelece no coração por meio do equilíbrio, as portas da bênção se abrem.

VIII) Quando a contemplação é bem estabelecida, a pureza se estabelece em todos os planos, permitindo a manifestação da vontade para regular os cinco elementos.

IX) Quando estabelecido bem o autoestudo, a conexão com o Divino ou com o Mestre é estabelecida de forma tangível.

X) Quando a vontade individual se subordina à Vontade Divina, experimenta-se a existência plena de bênção (*Samadhi*).

Estes são os passos que se alcançam durante a permanência na gruta do coração, que é o estado de um discípulo ao entrar na gruta e sair para o serviço do mundo. O discípulo se transforma em Mestre (ou a Terceira Inicia-

ção), antes de deixar de ser um rei dos homens (embora não um rei de um reino terreno).

O REI DOS HOMENS E O REI DOS REIS

O Iniciado é como um leão saindo da gruta. O leão é o rei dos animais e o Iniciado é o rei dos homens. Assim, como o leão, por sua presença, controla todos os animais, o Iniciado, por sua simples presença, controla as pessoas ao seu redor. Há um belo processo nisso. O Iniciado influencia, mas não abusa nem realiza o ato de influenciar, mas sua própria presença causa a influência necessária. O Iniciado não abusa da ação, pois o abuso deriva da falta de conhecimento e a influência é a impregnação da Presença do interior.

Quando o leão anda, os animais se comportam melhor. Assim também quando o Iniciado passa por lugares, os seres comuns se comportam melhor. Na presença de um Iniciado, os seres comuns regulam a si mesmos, sem serem avisados. Mesmo quando ele está entre as pessoas, ele não deixa que elas abusem dele nem se deixa influenciar. Seu trabalho não é o de influenciar as pessoas ou prevalecer sobre elas. Ele não prevalece sobre as pessoas, não impõe seus pensamentos nem tem opiniões e não quer parecer que as tem.

Ao sair da gruta, ele caminha com a Luz e, aonde quer que ele caminhe, a Luz caminha com ele. Ele não deixa a gruta sem levar a Luz com ele. É a Luz que influencia cons-

tantemente, mas ele permanece impessoal, sem influenciar nem abusar. No entanto, a Luz que tem nele, constantemente, influencia as pessoas e as coloca em ordem. Assim como um ímã, onde quer que ele esteja, o magnetismo emana dele. Da mesma forma, onde quer que o Iniciado esteja, a Luz continua impregnando a partir dele.

A beleza do Iniciado é que, em sua presença, as coisas se encaixam, assumem uma ordem natural. É por isso que ele é chamado de o rei dos homens, que está a caminho de ser o Rei dos reis. Quando ele sai da gruta, depois de ter concluído sua preparação, ele sai como o rei dos homens e quando ele conclui sua jornada, transforma-se em Rei dos reis. Assim é como o rei dos homens se torna o Rei dos reis.

A LUZ DA ALMA

Os atos de um Iniciado são nobres e diretos e têm uma compreensão amorosa. Estas são as três qualidades que ele tem dentro de si, que são as três qualidades da Luz que ele carrega dentro de si. Seu trabalho é permanecer sempre na Luz, seja na gruta ou fora dela. Ele vive na Luz e a Luz vive nele. Essa é a beleza. Seu contínuo viver é na Luz, da qual ele nunca se desconecta e, por isso, a Luz vive nele. Do mesmo modo que a onda vive no oceano, ao mesmo tempo, o oceano vive na onda. Não há onda sem oceano e não há Iniciado sem luz. Sem a Luz ele não é um Iniciado e é por isso que, aonde quer que ele vá, ele vai como Luz e não como qualquer outra coisa.

Muitas coisas acontecem ao seu redor, mas ele não as faz. As pessoas veem todas essas coisas sendo feitas por ele, mas ele permanece na Luz e essa Luz é que vai fazendo tudo. Ele serve como um instrumento para a Luz, permitindo que a Luz aja através dele. Foi assim que Jesus andou pelo Vale do Jordão e pelas regiões da Galiléia. Aonde quer que Ele fosse, havia o movimento da Luz. A Luz penetra, ilumina e se expande constantemente. Estas são as qualidades da Luz. É a Luz da alma que se expande de dentro para fora, pois a personalidade, agora, está limpa e o corpo purificado. Para a alma se expressar através do corpo, o grande obstáculo é o grande bloco da personalidade que tem uma variedade de pensamentos, desejos e emoções pessoais. Somos todos essencialmente a alma e a alma é envolvida pela personalidade do pensamento e o pensamento é envolvido pelo corpo. No caso do Iniciado, a alma impregnou toda a personalidade, que se tornou pura, e a personalidade age através do corpo, que se tornou puro.

A MORTE DA PERSONALIDADE

Quando os nove rufões morrem dentro do próprio ser, a personalidade é integrada com a alma e, portanto, a alma pode agir através da personalidade.

Isto significa que a personalidade existente até este momento, morreu. A morte da personalidade é o que se chama de morte verdadeira. A verdadeira morte que tem

que acontecer a todos é a morte da personalidade e não a morte do corpo. Antes que o corpo decaia, a personalidade tem que morrer. Então, pode atuar através do mesmo corpo como um Iniciado.

Há duas variedades de morte: a morte do corpo e a morte da personalidade. Para muitas pessoas, o corpo morre antes da personalidade. A personalidade é a soma total dos pensamentos, emoções e desejos pessoais. Esta é a soma total da personalidade. Desejos pessoais, emoções pessoais, tais como gostos e desgostos, conforto e desconforto, benefícios e perdas, atração e repulsa, raiva e irritação, preocupação e depressão são propriedades da personalidade humana, que são derivadas de seus instintos animais. Emoções e desejos surgem da vida animal vivida no passado. Agora, tendo assumido um corpo humano, o homem desenvolveu alguns pensamentos e, a partir desses pensamentos, desenvolveu sua própria lógica e raciocínio, mas tudo isso está cristalizado em seu intelecto. Isto é o que ele é como uma personalidade, como um bloco: um compêndio, um conglomerado de muitas e variadas coisas.

Este bloco se interpõe entre o corpo humano e a alma. É um grande obstáculo para que a alma se expresse através deste bloco. Acima do bloco está a alma e abaixo dela está o templo a que chamamos de corpo humano. Este grande bloco da personalidade é o obstáculo para que a alma funcione através do templo do corpo humano. Isto

é o que causa o enigma da vida humana. Os problemas da humanidade foram construídos por ela mesma (sua individualidade e personalidade). Se a personalidade permanece e o corpo desaparece, o ser humano assume, novamente, um corpo para satisfazer desejos e emoções insatisfeitas. Quanto mais desejos insatisfeitos temos, mais queremos voltar. Se deixamos um trabalho inacabado em casa, temos que voltar e terminá-lo.

No final desta vivência de grupo não podemos fugir para o Polo Norte. Uma vez que a vivência tenha terminado, se perguntarmos a qualquer pessoa para onde ela vai, ela responderá: “Para minha casa” e se lhe perguntarmos novamente para quê, ela responderá: “Deixei muitas coisas sem terminar.” Da mesma forma, mesmo quando deixarmos o corpo, voltaremos, porque deixamos muitas coisas para fazer ou inacabadas. A lista de desejos e a lista de emoções se manifestam eternamente e, assim, inevitavelmente, voltamos ao corpo para satisfazer a lista interminável de desejos e para dar curso às emoções intermináveis. Aqueles que morrem aos desejos e às emoções pessoais são os que terão superado a morte. Eles se libertaram da personalidade, agem através do corpo e não são obrigados a retornar, porque não há obrigação de fazê-lo. Mas eles podem retornar, se quiserem. A escolha de voltar ou não ao corpo está na mão do Iniciado, mas para quem está condicionado pela personalidade, não há escolha. Ele passa pelos nascimentos

e mortes, o que implica um nascimento e uma morte física, mas sua personalidade fica intacta. Consequentemente, há uma série de nascimentos e uma série de mortes e o ser humano vive no caminho cíclico, condicionando-se mediante sua própria personalidade.

Quando temos uma personalidade tão grande e deixamos nosso corpo, mesmo que o enterremos em algum lugar, a personalidade escapa para encontrar outro corpo. Isto é o que se chama reencarnação. Nós voltamos a entrar em um corpo físico, porque temos coisas a fazer. Podemos gostar de viver com nossa própria gente, podemos gostar de satisfazer mais alguma emoção, podemos gostar de adquirir mais alguma propriedade, podemos gostar de ter mais poder, mais dinheiro, mais renome ou mais fama. Então, quando temos tantas coisas, como podemos estar apenas dormindo no cemitério? O corpo decai na matéria, mas nós saímos e tomamos outro corpo. Foi assim que os antigos entenderam a teoria da reencarnação.

Mesmo que não queiramos pensar em nossa casa, se fecharmos os olhos, enquanto estivermos aqui, vamos pensar nela. Não está em nosso poder parar de pensar em nossa família, nossa profissão e nossa casa, a menos que tenhamos matado a personalidade. O fim do carma individual chega com o fim da personalidade e isso tem que acontecer antes de deixar o corpo. Aquele que vive na personalidade está vivendo como um morto vivo. Aquele que terminou com sua individualidade e sua

personalidade (e ainda está vivendo no corpo) superou a morte, porque estará vivendo depois de ter terminado com a personalidade. Então, ele é chamado de imortal.

A GRUTA DO CENTRO DO CORAÇÃO

O Iniciado sabe viver como Luz e agir por meio do corpo, sem se distorcer pelo prisma da personalidade. O prisma da personalidade causa refração no raio branco. Uma vez que a personalidade se tornou limpa, o raio brilha através do corpo e o Iniciado é iluminado e continua a se expandir, porque o grande bloco desapareceu. Uma vez livre do bloco da personalidade, ele sai da gruta do seu coração, na qual preparou a si mesmo. A preparação do discípulo se dá na Gruta-templo do coração. Por isso, o símbolo de Leão é como o de uma gruta.

Recordemos que a preparação do discípulo nunca ocorre no cérebro. Esse é o caminho errado que só fará dele um estudioso que não tem nenhuma utilidade para si mesmo nem para a sociedade. A preparação do discípulo não está no cérebro, mas no coração.

Há um canal subterrâneo da Gruta até o cérebro. Há uma estrada na superfície, mas não nos leva a entender as coisas corretamente. Há outra estrada subterrânea, que também nos leva da coluna vertebral até o sistema cérebro-espinhal, através da Gruta. Por isso, diz-se que o planeta está bem conectado por meio de grutas. Os Iniciados viajam através da Gruta e chegam mais rápido.

Todas as grutas sagradas do planeta estão bem conectadas por meio de canais subterrâneos. Isto é bem conhecido, porque está escrito no livro de Madame Blavatsky *A Doutrina Secreta*. O lado esotérico citado na obra *A Doutrina Secreta* diz: “Entramos em nossa própria gruta e, dali, temos pleno acesso a todas as partes do sistema, a todos os ashrams, a todos os centros.”

Assim, os sete Centros e os sete Ashrams são acessíveis, quando sabemos como entrar em nossa própria gruta. A preparação é feita na gruta chamada Centro do Coração.

PENSAR “NO CORAÇÃO”

Não podemos entrar no centro da gruta, a menos que tenhamos superado as adversidades e provações de Escorpião. Não podemos chegar à gruta, a menos que comecemos a pensar “no coração”, que é o oposto de pensar “na cabeça”. As pessoas que pensam “na cabeça” terão que adotar o processo de pensar “no coração”. Quando pensamos “na cabeça”, tendemos a nos tornar mais analíticos e mais críticos o tempo todo. Se começarmos a pensar “no coração”, em vez de sermos analíticos, viveremos na síntese.

A análise dá lugar à síntese, quando comecemos a pensar no coração. Cessam as críticas e desenvolve-se uma compreensão amorosa. Quando comecemos a pensar no coração, alcançamos a síntese e a compreensão amorosa. Por meio destes dois instrumentos, entraremos na Gruta-

Templo e, quando sairmos do Templo, já sairemos com a Luz. Há um quadro, nas pinturas de Nicholas Roerich, no qual um Iniciado sai da gruta com a Luz em seu coração.

Quando saímos da gruta, saímos com a Luz. É assim. Essa Luz é vista por um Mestre de Sabedoria. O Mestre olha para os aspirantes no Ashram, por apenas um segundo por ano e ele olha para ver se a Luz na cabeça está acesa ou não. Se há Luz na cabeça, é dada a ele, subconscientemente, alguma responsabilidade e, se não há, ele o ignora momentaneamente. O Mestre olha a Luz do discípulo na cabeça, porque ela age no Centro do Coração e brilha no Centro entre as sobrancelhas. Quando está acesa no Centro do Coração, também é vista no Centro entre as sobrancelhas. Assim, o Mestre observa a Luz na cabeça para encomendar trabalho; e para conseguir esta Luz na cabeça é preciso entrar na gruta do coração.

AS QUATRO TENTAÇÕES DE UM INICIADO

Uma vez que saímos da Gruta para realizar as tarefas, ficamos expostos a certos tipos de testes. Ninguém de fora nos põe à prova, mas nós mesmos estamos expostos a certas coisas na vida objetiva. Isto é o que se chama de tentação do Iniciado.

Há quatro tentações para o Iniciado. A primeira tentação é por causa do magnetismo que ele emite. As pessoas se reúnem em torno dele e, quando ele começa a ter renome e fama, ele pode ficar condicionado por esse

renome e essa fama, que o seguem como sua sombra. A segunda tentação é o dinheiro. Muitos Iniciados sucumbem ante esta energia. A terceira tentação é o poder e a quarta é “a mulher”. Cair em qualquer uma das quatro é chamado o Iniciado no ciclo escuro. Tendo trabalhado tão bem dentro da gruta, quando sai fresco, ele fica exposto a esses quatro fatores da vida objetiva. É isso que ele tem que superar, mais uma vez, com a ajuda da Luz que ele tem. Quando ele entrou na gruta e enfrentou os rufiões, ele foi capaz de superá-los com a ajuda da Luz. Com a ajuda da Luz, ele foi capaz de se preparar dentro da gruta e, quando ele volta, novamente para servir a humanidade, ele deve invariavelmente aderir à Luz da alma, que é ele mesmo ou, então, existe a possibilidade de que a personalidade cresça como um grande monstro.

O monstro da personalidade tem pé para ressuscitar. Em vez de ele ressuscitar, é o monstro da personalidade, que já havia morrido antes, que ressuscita. Isto é o que também pode ser visto na vida dos Iniciados. Há instrutores e gurus que se deixam levar pela fama. A simplicidade é perdida para ganhar pompa, mediante muita publicidade e gastos exagerados. O dinheiro flui como água para manter um guru. O guru dá suas bênçãos a partir de um avião e viaja em Rolls Royces. É assim que o nome e a fama podem colocar um Iniciado em ciclos escuros.

Da mesma forma, o dinheiro flui como água ao redor de um Iniciado, mas ele tem que saber que a água é para

saciar sua sede, mas não para afogá-lo. Ele tem que saber como usar o dinheiro que lhe chega. Muitos instrutores ou gurus se afogam no fluxo do dinheiro e aparecem discípulos muito bons, que se reúnem ao seu redor, para encontrar maneiras e meios de roubar o seu dinheiro. Eles se juntarão para dizer: “Mestre, nós o ajudaremos a organizar o dinheiro.” Mas eles, não apenas organizam o dinheiro do mestre, mas, também, organizam-no, dizendo-lhe como deve se comportar, para onde deve ir, o que deve fazer e como ele deve responder aos ricos. Pouco a pouco, uma organização é construída em torno dele e essa mesma organização tenta controlá-lo. É de se esperar que a organização trabalhe para o mestre, mas não que o controle. O que acontece é que os membros do comitê da organização começam a sugerir outras coisas “melhores” para ele. Eles começam a ver as coisas do ponto de vista organizacional e deixam de ver as coisas do ponto de vista do mestre. O mestre não tem posição, é apenas a posição da Luz. O Mestre age do ponto da Luz e do ponto do Amor, mas os organizadores o veem do ponto da organização e, gradualmente, tentam consumi-lo. Uma facilidade começa a se tornar condicionamento. Quando estamos adquirindo nome, fama e dinheiro, a palavra se espalha, gradualmente, começamos a ter poder, altas personalidades começam a nos visitar. Essas altas personalidades tentam se encontrar com o Iniciado, a partir de suas posições e não a partir

da posição dele. Os magnatas do poder se reúnem em torno dele para ganhar mais poder. Estas são as pessoas que querem fazer uso do Iniciado. Assim, em torno do guru, uma prisão dourada é construída e, nela, ele vive condicionado por sua própria criação.

COMO USAR O MESTRE CORRETAMENTE

Usar o Mestre, como fazemos normalmente com a Natureza, é uma exploração. O homem sabe como usar as coisas ao seu redor e ele pensa que pode fazer uso de um Iniciado. Há uma frase oculta que diz como usar corretamente um Iniciado, Mestre ou Instrutor. Antes de usar o Mestre, um discípulo pensou: “É melhor perguntar-lhe como devo utilizá-lo.” Pobre Mestre! O que ele deveria dizer? O discípulo já decidiu fazer uso dele; assim, tudo o que ele está perguntando é um questionamento limitado, dizendo: “Como você será útil para mim?” O Mestre respondeu: “Não use; seja útil.” Não tente usar o Mestre. Se você quiser caminhar com ele, é melhor ser útil para ele. Essa é a melhor maneira de usar o Mestre. Isto é o que Madame Blavatsky disse na invocação da “Escada de Ouro”: “Sentimento leal de dever para com o Mestre”, porque ela foi submetida a um uso terrível, por parte das pessoas ao seu redor. Ser útil para o Mestre é o uso correto do Mestre.

ADULAÇÃO

Cria-se uma situação em que as pessoas ao redor de um Mestre utilizam-no e ele entra em um ciclo escuro. As pessoas se reúnem em torno dele para bajulá-lo e colocá-lo nas nuvens. Até Júlio César não foi exceção à bajulação. Shakespeare disse: “Até César sucumbe à bajulação.” Júlio César era uma pessoa Leonina, nascida no mês de agosto. Ele era um Iniciado por direito próprio, mas, até ele, sucumbiu à bajulação. Nós elogiamos muito alguém, para que nos seja útil. Os empresários conhecem isso melhor e o fazem bem. Se eu quero pedir emprestado 100 dólares a Rafael e se eu, realmente, quero consegui-lo, então, começo a elogiar Rafael, dizendo: “Oh, Rafael, você é muito caridoso. Em Buenos Aires, estão falando de suas obras de caridade e também em Posadas. Você sabe que eu fui ao Rio de Janeiro e encontrei um amigo que me contou sobre sua disposição caridosa? E creio que, quando você veio à Índia, você também deu muito dinheiro para as pessoas.” Com cada afirmação, seu ego cresce, depois, ele sorri e, por causa do sorriso, ele se torna mais generoso. É a hora de entrar e dizer: “Você poderia me dar 100 dólares?” Depois de ouvir tanto sobre sua atitude caridosa, você não pode se negar, quando lhe pedem 100 dólares. É muito fácil lisonjear uma pessoa, para que ela nos seja útil.

A QUARTA TENTAÇÃO

A energia da mulher na Natureza é algo que nunca pode ser superada. Um homem é insensato se pensa que pode superar a energia da mulher. Sempre que pensamos em superar esta energia, somos superados por ela. Há um ditado oculto que diz: “Se você tentar superar, você será superado.” Sempre que pensamos em superar algo, isso nos supera e isso é cem por cento verdade, no caso da mulher.

A energia da mulher existe até o Absoluto. Como podemos superá-la? É nossa necessidade que nos faz pensar desta maneira. Se quisermos permanecer como um homem em paz, é melhor fazer um pacto com a mulher e não tentar superá-la. Um pacto é um acordo para que haja paz. Quando o homem acredita em dominar a mulher, essa é a queda do homem. O homem não tem que dominar ou ser subordinado pela mulher, pois a Natureza não tem a intenção de nenhuma dessas duas coisas, e sim a de esperar que eles sejam parceiros. O parceiro não é superior nem inferior. Isso é o que se chama de “manter-se no nível”. Se dermos igual importância à outra energia, não seremos superados por ela.

Ouvimos histórias de Iniciados que caem como presas da mulher. Ao dizer isto, não pense que há algo errado com a mulher, mas que há uma deficiência em nós e esta é a razão pela qual nos tornamos escravos da mulher, do dinheiro e do poder. Não há nada de errado

no poder, no dinheiro ou na mulher, mas sempre que tentamos possuí-los, eles nos possuem. Pensamos que somos nós que estamos segurando a caneta na mão, mas a verdade é que a caneta é que está segurando nossa mão. Temos a sensação de que estamos agarrando a caneta, mas há outra dimensão, pela qual a caneta está segurando também a nossa mão. De que forma a caneta está agarrando a mão do homem? Ao não nos permitir fazer mais nada com aquela mão, com a qual a seguramos. Se agarramos algo mais com a outra mão, não podemos fazer mais nada. Se quisermos ser liberados, temos que deixá-las. “O que nós agarramos nos mantém agarrados”, esta é uma verdade.

Somente o iogue conhece o dourado ponto médio. É por isso que a Yoga é chamada de “o dourado caminho do meio”. A partir do momento em que nos agarramos ao dinheiro, o dinheiro nos tem agarrado; a partir do momento em que nos agarramos ao poder, o poder nos tem agarrado; a partir do momento em que temos uma mulher, a mulher nos tem; e a partir do momento em que temos nome e fama, nome e fama nos possuem.

Quando o Iniciado sai da gruta, ele corre o perigo de cair nessas tentações que encontramos no Novo Testamento como no diálogo entre Jesus e Satanás. Não existe uma entidade como Satã que se aproxime de cada um de nós e nos pergunte por essas quatro coisas, mas é o Satã que emerge de nós e nos sugere, por exem-

plo: “por que você não cobra um pouco de dinheiro, com todo o bom trabalho que está fazendo? Por que não deixa que algumas pessoas o elogiem? O que há de errado com as mulheres ao seu redor?” A personalidade, no ser, custa muito a morrer e tenta emergir sempre que tem a oportunidade. Ela pode emergir até a 4^o iniciação.

OS DOZE SUPERIORES

A posição de um Iniciado é como estar no meio-dia, quando a sombra está debaixo dos pés. Mas só porque a sombra está sob os pés, não podemos dizer que a conquistamos, pois às três horas em ponto a sombra volta a ser bastante visível e, ao chegar a tarde, ela terá se tornado muito grande. Devemos entender que a superação da personalidade não significa sua morte total, mas permanece insignificante em nós, como a sombra ao meio-dia.

Pitágoras denomina essa situação de “os Doze Superiores”, que é uma situação em que não há sombra ao nosso redor, mas, ainda há sombra sob nossos pés. Isso significa que ela pode crescer. Não pensemos que já a superamos, porque não mais sentir isso nos ultrapassa. O Iniciado não pensa, não sente, mas vive na consciência da alma e, conseqüentemente, onde quer que ele trabalhe, ele é todo iluminação e expansão. O trabalho que ele faz inclui as ferramentas com as quais ele deixa a gruta e seu modo de vida se torna o ensinamento.

A VARIEDADE DAS TAREFAS DOS INICIADOS

O ensino é um aspecto que ocorre através dele e a cura é outro aspecto que ocorre, por causa do resplendor e luminosidade de sua alma. Trata-se de ensinar e curar. Nem todos os discípulos estão empenhados no ensino e na cura, mas agem de diferentes maneiras. Na verdade, aqueles que ensinam e aqueles que curam são considerados pelo mundo como Mestres, mas, há outros que contribuem muito mais para a vida do planeta e não são reconhecidos como tais. Eles não estão preocupados, pois não saíram da Gruta-templo para serem reconhecidos como Mestres. Seu objetivo é sistematizar, em sintonia com o sistema natural. As pessoas, que ensinam e curam, entram em um sistema no qual são reverenciadas e, por causa deste perigo ao qual estão expostas, têm que se purificar diariamente para não cair nele.

Há uma terceira variedade que atua em prol da causa social. Todo este trabalho é feito com simplicidade e sem pompa. A simplicidade prevalece em torno do Iniciado e não a pompa nem a excitação e a emoção. Não há excitação ao redor dele nem ele a promove. Não há emoção a seu redor nem ele permite que haja. Há simplicidade em tudo o que ele faz na vida. O ensino é simples e a cura é sutil e imperceptível. Ele não ostenta a cura. Muitas vezes, aqueles que são curados não sabem que foram curados pelo Iniciado, porque ele está interessado na saúde dos outros seres e não em fazer um nome com isso.

A simplicidade é a nota chave e, com ela, eles trabalham no sistema social para restabelecer a ordem. Eles trabalham silenciosamente para a reconstrução da sociedade, para a recuperação dos valores naturais no sistema social. Há muitos Iniciados que agem desta forma, em prol da causa social. Há Iniciados que trabalham no sistema econômico, tentando reestruturá-lo para o benefício da humanidade. Hoje, o sistema econômico é tal que o homem se tornou um escravo do sistema. Eles o reestruturam para que o homem ganhe supremacia sobre a economia.

Existem Iniciados atuando nos aspectos culturais da vida e não nos surpreendamos que existam Iniciados atuando como atores em filmes. Normalmente, temos uma visão muito estreita dos Iniciados e acreditamos que somente aqueles que curam e ensinam são Iniciados. Através de filmes e peças teatrais, as pessoas recebem a inspiração de levar um modo de vida mais natural e melhor.

Há Iniciados trabalhando para trazer nova vida e nova compreensão no campo da religião. Por exemplo, há Iniciados trabalhando dentro do sistema do Vaticano e seu trabalho consiste em reestruturar o cristianismo. E isso é feito silenciosamente e com simplicidade. Há Iniciados trabalhando no campo da ciência. Quanto nos beneficiamos de Iniciados como Einstein, Madame Curie, os irmãos Wright e todos aqueles que deram as fórmulas para fazer um melhor uso das energias! Todos

aqueles que inventaram a eletricidade, a fotografia, o automóvel, o avião, todos são pessoas que deram um impulso à humanidade, para um modo de vida melhor. Todos eles são Iniciados, mesmo que não sejam reconhecidos pelas mentes mesquinhas.

Há Iniciados trabalhando pela ordem racial e eles estão trabalhando entre uma raça e outra para estabelecer harmonia, como por exemplo, no conflito entre israelenses e palestinos. São necessários iniciados muito fortes para trabalhar em níveis sutis, para dissolver o atrito. Podemos não reconhecê-los, mas há Mestres e discípulos atuando em todas essas áreas citadas, trabalhando no campo da medicina, da saúde e trabalhando pela integridade internacional.

De acordo com a qualidade da alma, ao Iniciado é dada uma tarefa correspondente a cumprir, que ele realiza sob o lema da simplicidade e trazendo nele, o tempo todo, toda a Luz da alma. É assim que os Iniciados atuam.

LEMBRA O REI NO TRONO ESTÁVEL

O Iniciado está sempre sobre o trono. O rei governa sentado no trono, que é o diafragma, no que diz respeito ao ser humano. O rei senta-se sobre o trono e nunca sob o trono. Se alguém se senta sob o trono, podemos chamá-lo de rei? Não podemos chamá-lo de rei, se ele se sentar sob o trono ou se ele abraçar o trono, como vemos as pessoas fazendo hoje. Os reis são substituídos

por primeiros-ministros. O sistema de governo por reis degenerou e é por isso que o desaparecimento dos reis ocorreu. O verdadeiro rei é aquele que se senta no trono e ele tem que agir com as energias do Centro do Coração, do Centro da Laringe e do Centro entre as Sobranças, não só em seu interior, mas também quando ele trabalha. Ele trabalha somente nestas áreas sublimes.

O Iniciado não trabalha com o Plexo Solar nem com o Centro Sacro dos outros, pois as pessoas que lhe são próximas já estão ocupadas com estes dois centros. Seu trabalho é elevá-las desses centros. Simbolicamente, é dito que “o rei senta-se de maneira estável no trono”. Esta é uma declaração importante nas escrituras, que diz: “Lembre-se do rei sobre o trono estável”. Ele é estável e o trono é estável. Sentado em seu trono, ele executa todas as suas ações com equanimidade e está fora de questão que ele se deteriore ou se desequilibre, mas ele dá equilíbrio aos outros e não perturba o equilíbrio alheio. O objetivo é permanecer na equanimidade e fazer as coisas em equilíbrio, atraindo cada vez mais pessoas para a equanimidade e o equilíbrio...

ERA UM ANÃO, QUANDO ELE SAIU...

A segunda afirmação é: “Ele era um anão, quando ele saiu.” O Iniciado é relativamente desconhecido, enquanto está trabalhando. Muitas vezes, o trabalho de um Iniciado é conhecido alguns séculos depois de ele ter partido. A

grandeza de um Iniciado nunca pode ser visualizada por pessoas contemporâneas de seu tempo. Isto porque os iniciados trabalham com simplicidade. Eles trabalham com absoluta simplicidade e silêncio, como a germinação da semente sob a terra, e seu trabalho não é visto de cima ou da superfície. Aqueles que têm uma perspectiva superficial não podem ver o trabalho de um Iniciado. É por isso que se diz que ele era um anão quando saiu. Quando o Carpinteiro trabalhava, ninguém sabia que ele era um Mestre. As pessoas diziam: “Ah, ele é carpinteiro!” Na Índia, há Iniciados que trabalham como sapateiros e as pessoas dizem: “Bem, ele é sapateiro!” “O que há de tão grande nele?” As pessoas que buscam o grande não podem ver os Iniciados. As pessoas que procuram o bom têm uma chance de conhecer os Iniciados. Nas ações dos Iniciados não existe grandeza, mas só existe bondade.

Uma mãe nunca é grande, mas boa. Um Iniciado é também como uma mãe para aqueles com quem trabalha. Os tolos correm atrás da grandeza, os sábios trabalham pela bondade. Quando o Iniciado trabalha com bondade e simplicidade, muitas vezes, ele passa despercebido. Eu conheço um Iniciado na Índia que é açougueiro. Ninguém pode imaginar que possa haver Iniciados entre os açougueiros. Esse é um método de ocultação, para que as pessoas que estão em busca de grandeza não venham perturbá-los e somente reconheçam aqueles que estão em busca de bondade possam vê-los.

Os Iniciados se escondem e não dizem em voz alta: “Eu sou um Iniciado. É melhor que me reconheçam”. É por isso que, muitas vezes, eles vêm como vaqueiros, carpinteiros, sapateiros ou como açougueiros, para que possam se esconder atrás dessas profissões e fazer as coisas com simplicidade. Se ele levanta emoções e excitação ao seu redor, ele não pode agir, porque as emoções e a excitação das pessoas dificultam seu trabalho. É por isso que ele continua sendo um anão. É por isso que se diz que “ele era um anão, quando saiu da Gruta”. Ele é simplesmente um anão que coloca o manto da simplicidade, um véu da simplicidade, para que as pessoas não o possam ver e ele possa realizar seu trabalho. O Anão conquista os três mundos ou planos de existência através de seu trabalho.

EM TRÊS PASSOS, ELE PERCORREU OS TRÊS MUNDOS

A terceira frase diz: “Em três passos, ele percorreu os três mundos.” “Lembre-se do rei no trono estável. Ele era um anão quando saiu e, em três passos, percorreu os três mundos.” Esta é uma passagem dos mais antigos rituais, que sobrevivem em algumas partes do planeta.

Com apenas três passos, ele percorreu os três mundos. *Vámana*, o Senhor, o Avatar das Escrituras Sagradas, desce na forma de um anão e, em três passos, percorre os três mundos. Este é um exemplo. Houve também outro que percorreu os três mundos em três anos. Ele veio, trabalhou por três anos e, agora, é reconhecido como um grande

Mestre, nesses três mundos. Há outros que trabalharam durante trinta anos e percorreram os três mundos. A chave está no número 3, e a chave mais importante para ele é continuar sendo um anão. Quanto mais as atividades vão crescendo ao redor, mais se deve seguir sendo sempre um anão.

Continuar sendo um anão, enquanto tudo cresce de forma construtiva é muito importante. Se alguém começa a crescer em personalidade, as atividades não crescem ao seu redor. É por isso que o Filho de Deus permanece sempre um anão, porque desceu para lavar os pés e não para que os dele sejam lavados. Seu trabalho consiste em limpar as coisas e este trabalho de limpeza pode ser feito melhor, quando há simplicidade. Assim, ele trabalha desta maneira e, nas horas de descanso, permanece na Gruta.

A VOZ DO SILÊNCIO

A morada do Iniciado é a Gruta. Se ele não tem trabalho, entra no coração por meio da respiração e da pulsação e permanece nele. Ele descansa dentro da Gruta e, quando não tem trabalho, não começa a idear vãos pensamentos. O Iniciado está em sua Gruta ou no trabalho e, quando seu trabalho termina, ele imediatamente se retira para a Gruta. Mas, quando há trabalho, ele não hesita em sair. O Iniciado vive continuamente na Gruta e, quando sai dela, ele age com a Luz.

O Iniciado permanece na Gruta da Luz e, enquanto lá está, ouve a Voz do Silêncio. O que ele ouve é o Silêncio. É a Voz do Silêncio que é ouvida no Centro do Coração. É um processo de aquisição de sensibilidade ao Plano. Dentro de seu coração, o Iniciado recebe o Plano de trabalho, dia a dia, e o coloca em prática todos os dias. O Plano é concebido em silêncio. Dependendo do tipo de instrumento que ele tenha desenvolvido no seu interior, o Iniciado primeiro concebe o Plano, na forma de uma impressão. Alguns recebem essa impressão na forma de visões, outros na forma de sons ou na forma de visão umas vezes e, outras vezes, na forma de som e, sobre essa base, ele recebe a impressão.

Ser impressionado pelo Plano é o que se chama de “o processo de percepção”. A palavra é muito bem percebida tal como é pronunciada e é chamada de visualização ou audição. A percepção é um processo de impressão ou impregnação. Toda vez que o Iniciado se propõe a contemplar, ele recebe o Plano e age de acordo com esse Plano. Como ele não tem nada de pessoal para realizar, ele age de acordo com o que é indicado e não faz, por saber, projeções pessoais. Este é o ponto mais importante.

O Iniciado não se projeta para conhecer o Plano, mas o Plano se projeta nele, pois se ele se projeta, ele estará criando um obstáculo. É uma questão de recolhimento silencioso e de comunhão com a Luz, para que, se houver algum trabalho, este possa ser impresso nele.

Com muita frequência, ele, geralmente, recebe uma impressão, porque um Iniciado não pode ficar sem trabalho a fazer. Ele não pode dormir nem ele o quer, mas se retira em silêncio e recebe a impressão correspondente. A impressão pode ser pela escuta da Voz do Silêncio ou pela visualização. A impressão é canalizada e se transforma em visão ou som. Isso é o que se chama ouvir a Voz do Silêncio. O silêncio é ouvido em três níveis e recebido em sete escalas. O som atua em três níveis, em sete escalas. Os tons baixo, médio e alto são ouvidos nos sete centros do corpo. Assim, 3×7 é a chave para ouvir a Voz do Silêncio. Este é um passo avançado e está disponível para todos aqueles que se comportam respeitosamente com o som e observam as regras do uso da fala e do som (ver o livro *O Som: A chave e sua aplicação*, do Mestre K.P.K.).

O GRANDE CÃO

Cada vez se aprende a ouvir com mais atenção. É por isso que o Iniciado é comparado ao cão, que está sempre atento ao som. O cão é capaz de ouvir coisas que nós não somos capazes de ouvir e tem capacidades auditivas adicionais. O cão tem capacidades auditivas. O ser humano médio não tem tanta capacidade, porque fala muito e ouve pouco. O cão escuta muito e fala pouco. É por isso que o cão é considerado um animal sagrado, no sentido espiritual. O Iniciado é como um cão de guarda, que está sempre alerta para ouvir, daí, sua grande capacidade de

ouvir. O Iniciado é capaz de ouvir o silêncio e recebe comunicações, por meio do silêncio e dos símbolos.

Os cães da Terra têm algo em comum com o Grande Cão, que também é conhecido como Sirius. Desta forma misteriosa, os Iniciados estão conectados com o sol do sistema de Sirius. Leão, segundo a astrologia, está intimamente ligado ao Grande Cão. O sol central da constelação de Leão, que se chama Régulus, está diretamente ligado a Sirius. Aquele que aprendeu a viver no Centro de Leão, também chamado de “a Gruta do Coração”, está ligado a Sirius através de Régulus e, por isso, sabe, acima de tudo, escutar.

O Plano para nosso sistema vem de Sirius e nossa Terra é membro desse sistema. O Iniciado se conecta com esse ponto, ao realizar suas atividades. A capacidade de ouvir o Grande Cão se torna realidade no Iniciado que aprendeu a ouvir o silêncio em três níveis e em sete escalas. É assim que o Iniciado fala e escuta. Desde que o Iniciado entrou na Gruta-templo como discípulo, *sua garganta foi cortada e sua língua arrancada* e, como consequência disso, há outra língua que desce sobre ele, enquanto ele está ativo na Gruta. Essa é a língua que o Iniciado usa para falar de acordo com o Plano e o Plano se expressa, por meio de sua língua e de suas ações.

O trabalho com o som é um estado mais avançado do que o trabalho com a cor e o símbolo. A Palavra (o Verbo) se exterioriza como Som e manifesta a Luz que,

por sua vez, é fragmentada na forma de cor. Os sons, em sua forma original, ainda existem, efetivamente, na Cordilheira do Himalaia, mas, em outras regiões, eles estão totalmente ocultos. Há um total de 35 “sons sementes” capazes de transformar o mundo dos cinco elementos, se devidamente pronunciados. Sua versão diluída são os *mantras*, que podemos ouvir hoje. Outra versão mais diluída deles são os elaborados hinos e uma versão totalmente diluída deles são os *bhajans*. Todas estas são gradações relacionadas com o poder do som. A concepção será raquítica se forem considerados como uma versão oriental, sânscrita ou hindu, dado que são universais. Fantasiosa é a opinião que, fazendo um juízo de valor, considera-os como “coisas antigas que não servem mais para esta era moderna”.

É preciso respeitar o Som, antes de começar a trabalhar em planos mais sutis. Mestre D.K. diz: “Aquele que conhece o Som conhece tudo.”

A energia de Leão está indissoluvelmente ligada ao Som Silencioso chamado *Anahata*, o nome sânscrito para o Centro do Coração. É preciso aprender a ouvir este som, que se expressa na forma de um zumbido ou som sibilante. Os Iniciados se sintonizam com ele, entrando na “Gruta do Coração”, que está fisicamente situada no oco entre os ossos das costelas que circundam os pulmões e acima do diafragma. Nos Himalaias, há Iniciados que vivem em completa sintonia, durante séculos, imersos

na musa do Som da Música da Alma. Começando com as notas musicais no centro de *Anahata*, os Iniciados impregnam completamente os sete centros e escutam as notas musicais nos três níveis ou tons. Assim são aqueles que estão conectados com a Hierarquia avançada, que guia tais sistemas, como nosso sistema planetário e solar, Sirius, as Plêiades e a Ursa Maior.

Não vamos, portanto, presumir contatar tais sistemas sem ter experimentado em nosso ser os princípios fundamentais do Som. Durante minhas viagens pelo mundo, encontro pessoas que se orgulham de ter tais contatos e comunicação com os sistemas superiores, mas, ao olhar para suas vidas, vejo que elas estão em ruínas. Eu não interfiro em suas vidas, mas passo longe e me desvio delas.

A FIRMEZA DA PROTEÇÃO

Quando o Iniciado fala e age, o Amor emana por si mesmo e, como consequência disso, produz-se a elevação dos seres, do estado individual para o estado da Alma. O Iniciado eleva com seus ensinamentos e com suas ações e, com frequência, tudo o que diz e faz é para manter os outros nesse estado elevado.

Todas as ações e palavras do Iniciado são para elevar os seres através do Amor. Aqueles que estão próximos a ele, geralmente, recebem grande inspiração e reconhecem que é muito diferente de quando estão sozinhos e de

quando estão na presença do Iniciado. Por isso, reúnem-se com frequência ao seu redor para alcançar esse estado, que é um estado elevado. O Iniciado, que é um ser nobre, oferece a firmeza de sua proteção e este é um aspecto importante. A firmeza de sua mão é forte, de acordo com a saúde de seu dedo polegar. Se seu polegar não for saudável, sua firmeza não será suficientemente forte.

Há um centro correspondente no cérebro e se esse centro for forte, a firmeza também será grande. O centro inferior correspondente a essa capacidade de firmeza está ao redor do Plexo Solar. O ser humano médio usa este poder para se apegar ao material e seu poder é tão forte que não quer perder nada do mundo exterior.

O Iniciado usa esse mesmo poder de firmeza para proteger aqueles que o seguem. Muito intensa é a proteção que o Iniciado proporciona. Uma vez que um ser cai sob seu olhar ou atrai seu olhar, ele é protegido “desde sempre e para sempre”. O Iniciado protege seus seres irmãos, vida após vida, com uma firmeza que nunca cessa. Com esse tipo de firmeza, o Iniciado eleva os seres e os prepara nos ashrams. Ele mantém um vínculo sutil com seus seres irmãos, deixando-os agir de forma autônoma, mas, sempre os protege, quando estão imersos em terreno perigoso. Ensinando-lhes lições de maneira subjetiva, o Iniciado trabalha, pacientemente, com eles, durante 12 vidas, antes de dar sua presença aos estudantes.

Podemos imaginá-lo? Um vínculo firme e contínuo de proteção durante 12 vidas, cuidando, continuamente, de seus irmãos! Tal é o grau de Amor que o Iniciado demonstra. Tanto é assim que ele está disposto até a oferecer sua vida, se for necessário, para proteger aqueles que o seguem. Quanto mais ele estende este vínculo de firmeza aos seres para protegê-los, mais firmemente ele é protegido pelos Círculos Superiores. Assim se estabelece o vínculo entre o extraterreno e o terreno. “Aquele que sustenta é sustentado.” Isto é válido, tanto para a vida objetiva quanto para a vida divina. Se nos agarrarmos ao dinheiro, posses, poder ou outras coisas, essas mesmas coisas, por sua vez, agarrar-nos-ão, mas, se nós oferecermos nosso firme laço de proteção aos outros, alguém também nos oferecerá esse firme laço de proteção. Por outro lado, se olharmos para trás em busca desse laço e afrouxarmos nosso firme laço de proteção para com nossos irmãos, o laço firme, que nos sustenta, também se afrouxa. Se perdermos o vínculo de proteção firme para com nossos seres irmãos, na mesma proporção direta, também perderemos o vínculo de proteção firme da parte dos Seres Elevados. É por isso que o Iniciado nunca olha para o céu, mas para seus companheiros e amigos, a quem ele vê como seus próprios irmãos e segue ajudando continuamente e, ao fazer isso, nunca pensa em si mesmo.

O INICIADO NUNCA PENSA EM SI MESMO

Não há lugar para se pensar em si mesmo. Pensar em si mesmo é ver as coisas ao contrário, é o caminho da fumaça, que leva a certas regiões astrais, onde se perde a clareza, onde se perde a visão e se confunde e, nessa confusão, começa-se a pensar ainda mais em si mesmo. Então, as dúvidas o assaltam e ele começa a pensar que é o próprio Cristo ou algum ser vindo de Sirius ou da Ilha Branca. A partir do momento em que começamos a pensar em nós mesmos, tornamo-nos completamente astrais. É por isso que o Iniciado permanece sempre simples e pensa no que deve fazer pelos outros. Está continuamente envolvido em atos de serviço, proteção e Amor e não tem tempo para pensar em si mesmo. Toda vez que ele pensa em si mesmo, produz-se um curto-circuito e, como consequência, a conexão com a energia se corta. É por isso que ele sempre realiza suas ações em conexão com ELE, por um lado e, por outro, está sempre preocupado com seus irmãos. Tudo o que ele faz é curar, ensinar, amar e proteger seus irmãos, permanecendo sempre em conexão. Ele canaliza o Divino e sempre segue sendo um discípulo do Divino. Isso é tudo o que ele sabe e esse é o vínculo firme que ele oferece aos outros. O Iniciado nunca abandona no caminho aqueles que dependem dele. Aqueles que dependem dele são aqueles que o seguem, seus irmãos menores.

A HISTÓRIA DO INICIADO LEONINO

No *Mahabharata* há uma história muito bonita sobre um Iniciado Leonino. Havia um Rei Iniciado com o nome de Yudhistira. Este rei tinha quatro irmãos e uma esposa muito bonita e, juntos, governaram o planeta. Quando seu propósito de vida foi cumprido, eles decidiram retornar. Eles tinham estabelecido a Lei em toda a Terra e tinham decidido voltar para casa, pois seu propósito tinha sido cumprido. Uma vez cumprido o objetivo, não faz sentido ficar.

Naqueles dias, no *Dvápara Yuga*, quando um homem tinha cumprido seu dever no mundo objetivo, ele costumava se retirar para a selva ou para os Himalaias e costumava deixar seu corpo no caminho. Então, ele não ia aos hospitais para morrer, mas eles costumavam andar e deixar seu corpo no caminho. Foi assim que eles entenderam a aposentadoria. Também não existia tal coisa, como viver do dinheiro da aposentadoria, porque viver da aposentadoria significa viver dos frutos de nossas ações passadas.

O homem era mais masculino nos tempos antigos e oferecia os frutos de suas ações aos outros, como um jardineiro e, então, quando terminava seu propósito, ele se afastava caminhando e não queria ser um fardo pesado para os outros. Yudhistira era uma pessoa de caráter leonino, uma pessoa que sabia se governar e que mostrou como se deve governar a si mesmo. Se todos governam

a si mesmos, de acordo com a Lei da Natureza, não há necessidade de governo algum. Esta mesma coisa foi visualizada por um grande Iniciado no *Dvápara Yuga*.

Vasudeva, o pai de Krishna, o Senhor, adotou este conceito de autogoverno. O pai de Krishna, que também era um rei, disse: “Não quero governar vocês, pois espero que vocês saibam se governar.” Assim, ele abdicou do trono e demonstrou como se pode governar a si mesmo. Naqueles dias, este era um conceito muito popular, embora não fosse do agrado dos que estavam ocupando cargos no governo, porque ficavam sem poder. Se cada pessoa governava a si mesma, o que restava para os funcionários do governo fazerem?

O Iniciado é um ser que governa a si mesmo e não deixa oportunidade para que ninguém o governe, pois suas ações indicam que não é preciso que ninguém o faça.

Este mesmo conceito voltou a ser visto, novamente, na Grécia antiga, com Sócrates e Platão e o autogoverno foi defendido, mas, até hoje, não temos conseguido nos livrar dos governos.

Precisamos do apoio externo do que chamamos de governo, enquanto não formos capazes de governar a nós mesmos.

Então, Yudhistira, o Rei Iniciado, que sabia governar a si mesmo tão bem, disponibilizou a técnica para governar o reino, instaurou seu neto no trono e disse a seus irmãos: “Vamos sair e caminhar”. Tanto os irmãos

do rei Yudhisthira quanto sua esposa também eram seres iluminados, por isso, não tinham objeção de partir e não disseram: “É melhor você ir”, mas, disseram: “Se você for, nós o seguiremos”.

Eles começaram a caminhar para o norte, em direção ao Monte Kailash, o que significa que eles estavam caminhando em direção à Luz. Enquanto caminhavam para o norte, sua esposa Draupadi foi a primeira a cair no chão e, ao cair, ela perguntou: “Por que deixo meu corpo antes de ti? Por que não posso caminhar contigo até a meta?” Ao que o rei respondeu: “Tu és uma encarnação da Luz, mas resta em ti um pequeno pensamento, o de acreditares que és a mulher mais bela da Terra, o que é verdade, mas, mesmo sendo verdade, tu ainda pensas nisso muitas vezes. Esta ideia que você guarda sobre si mesma é a causa de sua queda. Entretanto, eles cuidarão de você. Os *Devas* da Luz cuidarão de ti.”

Os cinco irmãos seguiram em frente. Então, o mais jovem deles caiu ao chão e perguntou: “O que fiz para cair assim?” Sahadeva, o quinto dos irmãos, possuía o conhecimento do Tempo. Ele podia ver através dos ciclos do tempo e conhecia o Plano dos tempos vindouros. O Rei Iniciado Yudhisthira também sabia de tudo isso, mas nunca lhe deu tanta importância como Sahadeva. O Rei Iniciado Yudhisthira estava interessado apenas em fazer bem o seu trabalho e nada mais, mas o irmão mais novo se considerava um excelente astrólogo

e astrônomo. Como resultado, ele teve que cair ao chão, na metade do caminho.

Quando começaram a viagem, havia cinco irmãos, a esposa do rei e um cão, e este cão também estava testemunhando como eles estavam caindo, um após o outro. O irmão mais novo sucumbiu, porque pensava ter muito mais conhecimentos das ciências ocultas do que os outros. Depois disso, o quarto irmão também caiu ao chão e também perguntou o porquê. O quarto irmão, Nakula, era muito hábil. Sua destreza era sem precedentes e foi dito que ele era capaz de caminhar por entre as gotas de chuva, sem que uma gota tocasse seu corpo. Observemos o quanto este homem era hábil. Se alguém tivesse essa capacidade, não pensaria nisso? O Rei Iniciado lhe disse: “Teu problema é que você pensa em sua destreza”. Não há dúvida de que você é a pessoa mais hábil e, se eu fui capaz de estabelecer a Lei na Terra, é por causa da excelente cooperação por parte de vocês quatro e minha esposa, mas, seu problema é que você pensa em sua habilidade.

Depois foi a vez do terceiro irmão, Arjuna. No *Mahabharata* diz-se que Arjuna visitou as terras que hoje são conhecidas como América do Norte e América do Sul. Arjuna é o filho da Mente Cósmica e a mente é o princípio lunar ou “a prata”. Por todo o mundo, sabia-se que Arjuna era um grande discípulo, no entanto, seu irmão mais velho Yudhistira era um discípulo muito mais

avançado do que ele. O próprio fato de não ser conhecido o demonstra, porque ele permaneceu simples. Por isso, era difícil para as pessoas perceberem que ele era um Iniciado. Draupadi era conhecida como a mulher mais bela do mundo, Sahadeva era conhecido como a melhor ocultista do mundo, Nakula era conhecido por sua destreza e capacidade e Arjuna era conhecido por sua capacidade de vencer guerras com seu arco e flechas. Quando ganhou a Grande Guerra do *Mahabharata*, toda a fama da vitória foi para Arjuna. Arjuna acreditava que a guerra havia sido ganha por ele e, por isso, começou a acreditar que era o melhor guerreiro da Terra. É por isso que ele também sucumbiu na metade do caminho.

Depois, foi a vez do segundo irmão, Bhima, que foi considerado o “Hércules do Oriente”, por causa de sua grande força. Bhima é o filho do ar, o homem de Aquário. Para o homem de Aquário, a matéria não é inconveniente, pois ele é capaz de fazê-la perder seu peso e jogá-la como se fosse uma bola. Bhima, que muitas vezes havia provado sua força e que com um punho podia matar cem inimigos, também se deleitava em pensar em sua força. Assim, todos eles caíram ao chão e apenas Yudhistira e seu cão permaneceram e continuaram a caminhar.

O Rei do céu ficou extremamente satisfeito com o rei Yudhistira e lhe enviou sua carruagem celestial. A carruagem celestial apareceu diante do Rei Yudhistira e o cocheiro convidou o Rei a entrar. O cocheiro se apresen-

tou, explicando o convite do Rei do Céu, dizendo que Yudhistira fora convidado a entrar no Reino dos Céus. O rei Yudhistira agradeceu e convidou o cão para entrar na carruagem, mas o cocheiro disse: “Os cães não. Não há cães no Reino dos Céus. O convite é para você, mas não para o cão, afinal, ele é apenas um cão e você é um Rei Iniciado. O Rei dos Céus quer homenageá-lo. Você não pode trazer cães com você nesta carruagem. Deixe o cachorro e entre na carruagem.” O Rei Yudhistira respondeu: “Sinto muito, mas se este cão não pode entrar na carruagem, eu não posso entrar no Reino dos Céus e estar com o Rei dos Céus. Este cão é tão importante para mim quanto o Reino dos Céus. Este cão me seguiu o caminho todo até este ponto e, agora, não posso deixá-lo sozinho, não posso abandoná-lo.” Como um rei poderia fazer isso?

Essa é a beleza do vínculo de firmeza. Não se trata de aproveitar-se de uma oportunidade, quando ela se apresenta, deixando de lado todos os demais. Quando aquela grande oportunidade se apresentou a este rei, ele escolheu ficar na Terra, por um cão. Quando ele se recusou a entrar, a carruagem desapareceu. Yudhistira disse para si mesmo: “Deixa pra lá, eu vou continuar andando. O cão está aqui comigo.” Tal era a amizade que o Iniciado estendia a um cão! O Rei estava disposto a ficar na Terra por causa de um cão. Assim que a carruagem desapareceu, Yudhistira olhou para o cão e fez-lhe uma breve

carícia. O cão estava muito feliz por seu dono não tê-lo abandonado. Então, o cão se transformou no Senhor de Plutão e disse: “Eu te abençoo. Isto é o que espero de todo ser humano, se ele quiser entrar no Reino de Deus. Ele entrará no Reino dos Céus sem a necessidade de uma carruagem. Por este ato de boa vontade que você demonstrou, todos os seus irmãos e sua esposa também entrarão no Reino.”

Esta é uma história clássica sobre o laço protetor de firmeza, da proteção proporcionada pelos Iniciados.

A QUALIDADE DE SER FILHO

O Iniciado não abandona ninguém no meio do caminho e, mesmo quando sai do plano físico, ele continua a guiar e a assegurar que a consciência nasça em seus semelhantes. De fato, o Iniciado *gera* muitos filhos. Isto é representado, simbolicamente, por Leão, que representa a 5ª casa do zodíaco.

A 5ª casa em astrologia representa os filhos. O astrólogo olha para a 5ª casa, quando alguém quer saber se vai ter filhos. Olha também para os aspectos da 5ª casa e os aspectos do regente da 5ª casa e, depois, diz se ele vai ter filhos ou não.

A 5ª casa cósmica é Leão. É por isso que o Mestre *gera* muitos filhos, que nascem de sua consciência e é por isso que se diz que são “filhos”. Entre o Mestre e o discípulo existe o que é chamado de relação de pai e filho.

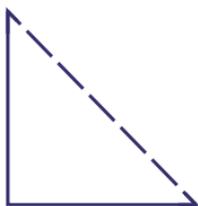
Essa relação é um status especial conferido ao discípulo. Esta relação de filiação entre os discípulos significa que se nasce da Consciência do Mestre e significa que, por meio deste discípulo, o Mestre age mais completamente. Desta forma, o Iniciado *gera* filhos. O Iniciado impregna o interior de seus irmãos e, assim, atinge a consciência de grupo. O Iniciado já não é mais um ser agindo por meio de um corpo, mas uma consciência agindo por meio de muitos corpos. O Iniciado age por meio de todos os seus discípulos, porque a consciência do discípulo e sua consciência encontraram um acordo mútuo. Há comunhão entre o Mestre e os discípulos e, portanto, uma só consciência, em forma de consciência de grupo, prevalece sobre o grupo. Assim, o Iniciado atinge o status de Pai, que também é chamado de status de Mestre.

O signo astrológico de Leão é a quinta casa, se contarmos no sentido anti-horário, mas, se contarmos no sentido horário –de Peixes a Aquário, Capricórnio, Sagitário, Escorpião, Libra e Virgem– Leão se torna a 8ª casa. De modo que, através da consciência de grupo, o Mestre se transforma em Cristo.

A 5ª casa do zodíaco é Leão e a 8ª casa é Escorpião. Se invertermos a roda, a 5ª casa é, agora, Escorpião e a 8ª casa, Leão. Assim, Leão e Escorpião estão interconectados no trabalho. O trabalho de Leão é completado por Escorpião. Um começa e o outro completa. É uma combinação de ordem superior. Os astrólogos mundanos afirmam que

estes dois signos estão em quadratura, mas a Astrologia Esotérica nos dá a diretriz de que o ângulo de 90° dá uma oportunidade para a hipotenusa, que pode manifestar um trabalho criativo. Recordemos neste contexto o teorema de Pitágoras, que diz: “O quadrado da hipotenusa é igual à soma total do quadrado dos lados verticais e horizontais (os catetos) de um triângulo de ângulo reto.” Não é verdade? Portanto, o trabalho de Leão e Escorpião é complementar e não concorrente.

Aqui, mais uma vez, estamos invertendo uma inversão (Fig. 26):



O Mestre Djwhal Khul diz que depois que o trabalho é feito, Leão desaparece de novo em Escorpião para reaparecer em Capricórnio, a 10^a casa, como Salvador. Recordemos que o número 5, como número e como potência, está relacionado com o número 10. Já vimos que Leão e Escorpião têm como potência numérica o número 5 e, por isso, estão conectados com Capricórnio, o Salvador, o Cristo, Krishna ou Maitreya, o *Bodhisatva* Maitreya. O Mestre Djwhal Khul nos dá a chave de que o cami-

no para as iniciações superiores é de Leão a Escorpião, de Escorpião a Capricórnio e de Capricórnio a Peixes. Trataremos deste assunto em nossas aulas futuras, se nos for permitido.

Quando um homem chega simbolicamente à 10ª casa, ele é um homem perfeito, que enche completamente seu ser de consciência. A consciência está preenchendo completamente a coluna. A coluna está completamente preenchida com a luminosidade de seu ser. Ele percebe que a coluna não é mais adequada para ele e se rompe, porque não pode suportar tanta iluminação. É assim que ele se liberta do corpo e impregna todo o entorno e se expande no nível médio do ar.

A coluna de consciência se rompe e ele, simplesmente, impregna todo o ar, rompendo a coluna. Diz-se, então, que ele é espalhado pelo ar, enchendo-o.

Assim, ele se une à Energia de Aquário, que é a energia do ar. Depois disso, ele pode ser contatado através do ar, pois o impregna todo e, conseqüentemente, quando invocado, sua presença é sentida. Seu nome se converte em uma chave de som, para invocar sua presença. No momento em que se pronuncia esta chave de som, o Chela (discípulo) sente a presença. Assim, desde Leão, entramos no signo de Aquário.

O iniciado, que é consciente de si mesmo, atingiu o estágio de consciência de grupo e também alcançou a Consciência Universal. Então, diz-se que ele é ativo no

ar e se difunde no nível médio do ar. O Iniciado mais elevado se difunde no nível médio do ar e está disponível para aqueles que o invocam, porque ele se tornou ilimitado. Todos os Iniciados, que agem através de Leão, chegam ao estado de Aquário. Este é o caminho que se abre para nós, através da Cruz de Aquário.

O FESTIVAL DE LEÃO

Muitos Iniciados, relacionados ao trabalho da Hierarquia, nasceram no signo zodiacal de Leão. O primeiro e principal é Krishna, o Senhor, que instalou Maitreya como Mestre do Mundo e constituiu a Hierarquia, para este ciclo de tempo (ver o livro *A Música da Alma*, escrito pelo Mestre E.K.). Krishna, o Senhor, nasceu no mês de agosto. O Mestre CVV, o Mestre M.N., o Mestre E.K., Sri Aurobindo e Madame H.P. Blavatsky nasceram todos no mês de agosto. Agosto se tornará a “Lua Cheia dos Discípulos” no futuro. O Festival de Leão, que é o festival atual entre os Iniciados, será o festival do futuro.

Hoje conhecemos o festival de Touro, que é chamado de “Festival de Vaisakh”, e o festival da Lua Cheia de Vaisakh é celebrado. É o festival dos aspirantes que tem sido exteriorizado nos últimos 100 anos e, agora, tem sido exteriorizado por toda a Terra, mas era conhecido antes disso. Na Índia, os 4 festivais de Vaisakh, Escorpião, Aquário e Câncer são celebrados, desde a antiguidade. Estes festivais são celebrados durante as horas de

lua cheia, pois são especialmente observados por aqueles que seguem a prática espiritual. Embora seja verdade que cada lua cheia é celebrada como um festival para experimentar o Espírito, a “Festa do Espírito” é experimentada durante a lua cheia da Cruz Fixa.

Agora, a lua cheia de Leão será o principal festival para a posteridade. Isto se deve à sintonia de nosso sistema solar com o sistema de Sirius. Todas as energias para a evolução do nosso sistema são recebidas de Sirius, porque nosso sol está cada vez mais orientado para ele. Sirius, por sua posição, está com Escorpião, mas age através do signo de Leão. O Festival de Leão terá prioridade absoluta no futuro, quando a síntese tiver sido bem experimentada.

A humanidade tem que passar da análise para a síntese. Para chegar à síntese, existe a invocação do “Avatar de Síntese”. O Avatar é a descida da Energia de Síntese, que nos chega através de Sirius. Sirius, formando um triângulo com a Ursa Maior e as Plêiades, é aquele que traz a descida das Energias de Síntese ao nosso sistema solar e à nossa Terra e, como consequência disso, a humanidade chegará à unidade. Naturalmente, isto levará mais alguns milhares de anos. Jesus já demonstrou, há 2000 anos, a chegada da Era de Aquário. A Era de Aquário é percebida por aqueles que desenvolveram uma sensibilidade mais além da sensibilidade terrestre, mas, para que ela possa ser experimentada no plano físico, ainda levará longos ciclos de tempo.

A PERFURAÇÃO

A unidade se torna realidade mediante nosso exemplo de unidade e não mediante nossa fala sobre unidade. Em nossas conversas, muitas vezes, falamos de unidade. Isso significa que ela desceu ao nosso Centro Laríngeo, mas tem que passar pelo nosso Plexo Solar –onde temos nossas opiniões pessoais– e depois tem que passar pelo nosso Centro Sacro –onde nossas emoções são ainda muito fortes, até que, finalmente, chegue ao Centro da Base para se ancorar sobre a Terra.

O atraso na descida se deve à humanidade e a humanidade representa o Centro Laríngeo. Quando a respiração é cortada em nossa garganta, não podemos experimentar nada. A Hierarquia está trabalhando com o *Ajna* e com o Centro do Coração. Os sistemas acima deles estão funcionando em *Shambhala*, o Centro Coronário, mas a humanidade é o grande bloco que os impede de passar. É um bloco quadrado de concreto que é muito difícil de atravessar. É o amor dos Seres Superiores que os impede de esmagar esse bloco, embora eles tenham o poder de fazê-lo. Esmagar não é tarefa dos Seres Superiores, por isso, eles tentam perfurar, da melhor maneira que podem.

A perfuração é o processo para preparar um canal e consiste em limpar tudo e, simultaneamente, canalizar. Isto é o que está sendo feito e a preparação da humanidade é o que permitirá que isso ocorra. O bloqueio está no Centro Laríngeo. A humanidade representa o

Centro Laríngeo da Terra, o reino animal representa o Plexo Solar, o reino vegetal representa o Centro Sacro e o reino mineral representa o Centro Base. Os três centros superiores são o *Sahasrara* ou Centro Coronário, o *Ajna* ou Centro entre as sobrancelhas e o *Anahata* ou Centro do Coração, no qual a síntese é encontrada.

O Centro Laríngeo, o fiel da balança, é representado pela humanidade, que é a que precisa descongestionar-se. Está ocorrendo um processo de perfuração para assegurar-se de que chegue ao Plexo Solar e passe através dele. Quando você quer cavar um túnel, você começa a perfurar pelas extremidades opostas. Há um processo de perfuração que está ocorrendo do Centro da Base para cima e outro processo de perfuração do túnel do Centro *Ajna* ou Centro entre as Sobrancelhas para baixo. O túnel é escavado a partir das duas extremidades. O trabalho dos ashrams do Grande Cão, que são todos os ashrams do Sul, teve início a partir de baixo com a perfuração do túnel, para cooperar a fim de que o trabalho se realize mais rapidamente. É assim que o trabalho de Sirius está se realizando, por um lado, e o trabalho da Hierarquia, por outro. Todo este trabalho agora se intensificou. Isso significa que estamos ganhando tempo para entrar na síntese.

O ESTADO DE NASATYA

Vimos como uma pessoa entra na síntese. Vimos como se abriu caminho do Centro Laríngeo pela via do Coração.

Em Touro estava trabalhando com o Centro Laríngeo e, em Escorpião, canalizou-se para a Gruta-Templo. Preparou-se na Gruta-templo e, daí em diante, saiu e agiu, conectando-se com os Seres Superiores, na coluna de consciência. Desta forma, estendeu-se por toda a coluna vertebral e se tornou cada vez mais expansivo, até que descobriu que sua coluna vertebral era insuficiente como local de moradia para ele. Consequentemente, rompeu a coluna vertebral e se uniu ao éter, que é um aspecto do ar. Esta é a história de um homem que se torna um Mestre. A partir desse instante, o homem não tem mais nada a fazer.

Quando consideramos o quarto aspecto da cruz de Aquário, trata-se mais de uma descida do outro lado do que nossa própria ascensão. É um Avatar que desce e se difunde até o plano físico. Culminamos no quarto aspecto da cruz, sobre o qual não se pode dizer muito. Na quádrupla existência, temos Leão no segundo estado, que é a percepção. Há o ser que percebe algo e ele percebe a Luz ao seu redor. Quando aquele que percebe se torna Luz, não há nada para dizer e nada para ver. Isto se chama Existência Pura, na qual não há mais nada a vivenciar. Algumas deduções podem ser feitas sobre o assunto, mas nenhuma descrição elaborada pode ser feita. Compreende o caminho que vai do zero negativo ao zero positivo, o caminho do zero ao um e a viagem do nove ao zero. A Verdade Suprema, que se experimenta

no estado supremo da Iniciação, é como a consciência se funde na Existência e como surge dela.

A experiência de despertar do sono profundo e a experiência de adormecer no sono é a parte da viagem que guarda os segredos de Aquário. É um estado de “ser e não ser”. É chamado de *Nasatya*, o que significa que não é não-verdadeiro, o que é uma dupla negação. Isso significa que não podemos dizer que estamos existindo enquanto dormimos, porque não há ninguém que possa observar nossa existência, mas, não podemos dizer que não estamos existindo. Não podemos dizer que estamos existindo nem podemos dizer que não estamos existindo. Esse é o passo mais elevado. Sabemos que existimos, enquanto estávamos dormindo, somente depois de despertarmos. Sabemos que estamos existindo, enquanto estamos dormindo? Se o sabemos, significa que não estamos dormindo e, se não o sabemos, significa que estamos dormindo, mas não sabemos que estamos existindo, quando é um fato que existimos.

É por isso que os antigos sábios videntes diziam: “É verdade e não é verdade, portanto, não é não-verdadeiro.” Os seres que estão nesse estado são chamados de “seres que não são não-verdadeiros”, porque estão e, ao mesmo tempo, não estão. O espaço entre nós existe nesta sala e também não existe para muitos, porque não o veem. Nesta sala há e não há ar. Quando ele se move, sabemos melhor de sua existência, mas quando não se

move, não sabemos de sua existência. Da mesma forma, a Existência é encontrada neste estado. É uma Existência tão pura que não se pode formar ideias sobre ela. A ideação e a percepção são coisas que vêm em segundo lugar, em relação ao estado de Existência Pura. Nos Vedas, eles são chamados: “Os Deuses Gêmeos”. Há um caminho que parece dar-nos a entender que está, mas, se olharmos de um ângulo inferior, parece não estar. Ele está e não está. Ambos, juntos, compõem o que se chama O Ser. Assim é como se diz que é. Em sânscrito eles são chamados de Asvins ou os Deuses Gêmeos.

O OLHO DE SHIVA

No que diz respeito ao caminho do homem, ele deve ser de Touro a Escorpião e de Escorpião para Leão. A partir daí, é o caminho das energias de cima para baixo. Estas representam o funcionamento das energias de um centro chamado “O Olho de Shiva”, que está situado no topo da testa em relação ao centro chamado “O Terceiro Olho” ou Centro *Ajna*. O Terceiro Olho ou Centro *Ajna* é o centro até o qual podemos crescer. Shiva, O Senhor, manteve seu centro em nós, para olhar através dele. Portanto, não é para nós, mas para Ele. É o centro da Energia Cósmica no ser humano. Se a Energia Cósmica decide agir através de uma unidade humana, então, este centro é estimulado e ocorre a descida.

Nosso Terceiro Olho é diferente do Olho de Shiva em nós. A Energia Cósmica, a que chamamos de Shiva, raramente utiliza este centro no ser humano para fazer a energia descer. Quando o Olho de Shiva está em conexão com o Terceiro Olho, o homem conhece os segredos da morte. A passagem da morte para a Existência Pura e a passagem da Existência Pura para o estado consciente é o que percorre a Energia Aquariana.

Em nós, está o Centro de Shiva e o Terceiro Olho. Há um conduto entre o Terceiro Olho e o Olho de Shiva que efetua a dissolução dos mundos. Assim, também existe um conduto do outro lado, isto é, do Olho de Shiva ao Terceiro Olho, mas não é o mesmo conduto. Existem dois condutos, por um dos quais se ascende do Terceiro Olho para o Centro de Shiva e, pelo outro, Shiva desce de seu Centro para nosso Terceiro Olho. Estes dois condutos são chamados de *Mithra* e *Varuna* em um estágio de consciência. Em nossa invocação aos Mestres dizemos: “*Samnho Mitraha Sam Varunaha...*”, são os nomes (sons) relacionados com os planos supra-cósmicos, mais além dos quais se encontra a Existência Pura. Eles também são chamados de *Vena*, a Energia Descendente, e *Markandeya*, a Energia Ascendente. Estes são alguns dos conceitos encontrados nos capítulos iniciais de *A Doutrina Secreta*, onde Madame H.P. Blavatsky dá uma descrição da aparente não-existência. Do estado de aparente não-existência há o surgimento

da consciência e a consciência desenvolve o mundo. Isto nos fala da Verdade incipiente, que é tão sutil de entender, mas que pode ser compreendida de alguma forma.

OS APARENTES OPOSTOS TOURO E ESCORPIÃO

Uma vez alcançada a consciência de Leão, o equilíbrio entre a subjetividade e a objetividade é alcançado. Uma vez que este equilíbrio é bem alcançado, a objetividade e a subjetividade são vistas como as duas asas da mesma ave. A menos que as duas asas estejam bem organizadas, não poderá haver voo. Assim, o voo de Leão surge do equilíbrio entre a asa da objetividade e da subjetividade. É o estado de Yoga, onde as correntes negativas e positivas são bem vivenciadas.

Agora, o homem está centrado e encontra o propósito que a parte esquerda e direita de seu corpo cumprem. Ele o vê como um só corpo e não como a parte esquerda e direita. Da mesma forma, ele não vê o Espírito e a matéria separadamente, mas vive como consciência e usa o Espírito e a matéria com idêntica compreensão. Ele entende que os aparentes opostos são apenas dois lados da mesma moeda. Compreende que os dois lados, aparentemente opostos um ao outro, nada mais são do que as duas colunas do mesmo arco.

Ele também entende que as duas faces ou opostos são os dois pratos da mesma balança. Quando os dois pratos oscilam, a atenção do homem é direcionada para um dos

dois, mas, quando eles estão prestes a se equilibrar, sua atenção é direcionada para a agulha da balança ou o ponto central da balança. Quando ele encontra o centro equilibrado, ele não vê mais os dois pratos separadamente, mas vê os dois pratos ou os dois lados da mesma balança, as duas colunas do arco e os dois lados da moeda como uma coisa só. Ele entende a noite e o dia como um dia, a lua cheia e a lua nova juntas como um mês, o sol ascendente e descendente como um ciclo ou um ano e experimenta os aparentemente opostos como um só, em seu aspecto superior. É por isso que, na consciência de um Iniciado, não existem matéria nem Espírito, separadamente.

O Iniciado vê o Espírito na matéria e a matéria (sutil) no Espírito. Desta forma, ele vê a inseparabilidade de ambos os aspectos e os equilibra dentro dele. Assim, ao fazer um equilíbrio entre os dois, ele evita seu condicionamento. Isto significa que ele está andando entre as duas colunas e não opta por nenhuma das duas em particular. Isso surge como resultado de ter ganho a dimensão superior.

Dois números, que não parecem concordar um com o outro, encontram seu acordo em um número mais alto. Por exemplo, os números 3 e 4 não concordam um com o outro, porque 3 é uma energia triangular e 4 é a energia do quadrado. No entanto, ambos encontram acordo no número 12. Isto significa que, à medida que crescemos cada vez mais em consciência, podemos ver a compatibilidade do incompatível. É por isso que

Pitágoras disse: “Os números inferiores encontram sua concordância nos números superiores”.

Quando crescemos cada vez mais em consciência, conhecemos o lugar que cada coisa ocupa na Criação. Caso contrário (se não crescemos em consciência) chegamos a pensar: “Por que Deus criaria as serpentes?” Mas elas servem a um propósito na Criação. Da mesma forma, elas podem sentir e se perguntar: “Por que Deus deveria criar o homem?” É tudo uma questão de crescer para uma consciência mais elevada, que permita a compatibilidade do incompatível. Isto é o que se ganha, quando se entra na Gruta e se faz um contato entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo.

O Coração é o Centro, onde se encontram o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Uma vez que aprendemos a viver no Coração, podemos ver a idoneidade dos opostos. Assim como as correntes negativas e positivas fazem com que a Luz se manifeste, toda a Criação é a rede de conexão da mesma consciência, que é canalizada sob a forma de energia negativa e positiva.

Durante a viagem através do terceiro braço da cruz fixa, toda a personalidade é completamente preenchida com a Luz do Alto. Neste ponto, pode-se afirmar que a alma individual está sendo “guiada” pelo Divino, pois o canal foi limpo e preparado, inteiramente, para que o Divino possa agir através dele. A isso o Mestre Djwhal Khul chamou de o estado da Terceira Iniciação. O tra-

balho em Escorpião pode ser equiparado à Segunda Iniciação e o trabalho em Touro à Primeira Iniciação.

O buscador da Verdade adquire a visão do que está por vir e está em condições de reconhecer seus irmãos, os que se tornarão irmãos e os novos ingressantes. A intuição espiritual é despertada e ele será capaz de criar formas de pensamento, de preenchê-las com vontade espiritual, para que continuem a inspirar durante muitos anos, mesmo após sua saída do plano físico. Sua criatividade está em sintonia com o plano geral da Fraternidade Branca. “Duro e incessante é o trabalho dele”, disse o Mestre Djwhal Khul. A Terceira Iniciação é a Primeira Iniciação, do ponto de vista da Hierarquia. Este Iniciado aprendeu, agora, a cooperar com o Plano da Hierarquia e é a Luz no campo, para ancorar a Divindade na matéria. Ele é o soldado da linha de frente da Hierarquia. Sua mente agora é divina. É o diamante que permanece firme como uma rocha em seu trabalho, uma vez que sua personalidade foi infundida pela Luz. A alma, agora, assume uma posição dominante e as limitações da forma são transcendidas.



AQUÁRIO: A LUZ DO MESTRE

Tentaremos entrar no aspecto mais sublime da sabedoria, que está além de toda concepção. Está além da concepção da consciência, porque é a fonte da qual procede a Consciência. A Consciência procede d'AQUELE e desenvolve a Criação. É um estado em que a Consciência ainda não está presente. O que conhecemos ainda não está, o conhecedor ainda não está, o conhecimento ainda não está e o conhecimento só existe, quando o conhecedor existe. É um estado em que o conhecimento e o conhecedor estão “unidos”, mas não estão um para o outro. É o que se chama, no Veda, de o estado de “Para”.

O VERBO ERA DEUS

O verbo e Deus não são duas coisas distintas. É por isso que o Veda o chama de “TAT”, AQUELE, e também diz: “AQUELE que está além”, o Absoluto além da escuridão. Não é sequer a Luz Absoluta, mas é o Absoluto, abstrato além da escuridão. Nesse estado, não há observador que

possa observar nada, porque está fundido no que deve ser observado.

Para entender isto melhor, nosso sono é um excelente exemplo. Enquanto estamos dormindo, estamos fundidos, mas em quê? N'AQUELE que não conhecemos. Quando despertamos, sabemos que saímos de um estado chamado sono. Assim, o conhecedor sai de uma fonte, mas não pode saber disso, porque só sabe depois de acordar. Quando todos os Devas ou Inteligências do Cosmos despertam, eles sabem que despertaram, mas não sabem como despertaram, assim como nós não sabemos de onde viemos, quando despertamos. Onde estavam os Devas antes de despertarem? Os Devas contemplaram, contemplaram e contemplaram, para conhecer sua fonte de origem e, quando entram nessa fonte de origem, não conhecem sua existência; quando saem da fonte eles existem, mas não conhecem a fonte, ou seja, a Existência Pura. Se existe consciência da existência, isso nos diz que já é um segundo estado.

A consciência pura é um segundo estado em relação ao estado de Existência Pura. Na consciência pura, experimentamos a existência. Assim, a existência inclui a consciência e ambas se manifestam ao mesmo tempo, mas, antes disso, não podemos dizer que qualquer uma delas existisse. Na Bíblia diz: “No princípio era O Verbo e O Verbo estava com Deus e O Verbo era Deus.” O que é primeiro, O Verbo ou Deus? No início, a Bíblia

diz que é O Verbo e diz que O Verbo é Deus. Portanto, quer o chamemos de Deus ou o chamemos de Verbo, são apenas nomes que damos. Se há Deus, Deus está em O Verbo e se há Verbo, O Verbo está em Deus. Esta é uma reflexão muito importante.

O ABSOLUTO

Quando estamos despertos, nós pronunciamos e a palavra sai de nós. Isso significa que a palavra sai de nós se estamos, porque se não estivermos, a palavra não poderá sair de nós. Por acaso, nós podemos dizer que estamos primeiro e que depois segue a articulação da palavra? Quando acordamos, sai de nós a pronúncia da palavra.

Imaginemos, por um momento, que somos Deus e que O Verbo sai de Deus. Isto significa que só por que estamos, O Verbo sai de nós. Nós articulamos, mas quem nos pronunciou? Quem nos pronunciou em primeiro lugar? Depois de despertarmos, dizemos muitas palavras. Após o despertar do Universo, muitas séries de palavras são produzidas, mas quem pronunciou o despertar? Há a pronúncia daquele que despertou. Assim, O Verbo é pronunciado em forma de consciência e a consciência, mais uma vez, pronuncia O Verbo. Não podemos decidir qual dos dois é o primeiro e qual é o segundo.

Quando despertamos, aquele que desperta pronuncia a Palavra. Nosso próprio despertar é uma pronúncia

da Palavra. Um supera o outro. Desta forma, não podemos alcançar o Absoluto. O Absoluto se manifesta, simultaneamente, em forma de dois. Quando há consciência, ela é a consciência da Existência e a Existência já existe antes da consciência. Como podemos saber isso? Porque saber é um estado de consciência e como podemos conhecer o estado anterior, estando no estado de consciência? Para saber, deveríamos estar lá, mas não estamos lá. Então, como podemos saber o que está além, se não sabemos o que está aqui? Então os *Devas* começaram a dizer: “AQUELE, ISSO ou ISSO É”, mas nós não sabemos.

O CRIADOR

No sonho nós existimos, mas não sabemos que existimos. Somente quando despertamos é que entendemos que estivemos dormindo. Quando uma abertura se produz, a consciência sai e, só então, sabe-se que saiu de alguma coisa. Esse foi o mesmo problema que o Criador teve quando saiu.

O Criador despertou, mas não sabia de onde havia despertado. Ele olhou para baixo, mas não havia nada como abaixo nem acima, porque nada havia sido criado, exceto ele mesmo. Então, ele começou a entrar profundamente no interior, para ver se havia algo, do qual ele pudesse ter saído. Ele entrou muito profundamente e começou a sentir que estava caindo

em um abismo e, assustado, voltou a subir. Então, ele começou a subir e seguiu adiante para cima, mas aquilo não tinha fim. Então, ele concluiu que este não era o método. Ele fechou os olhos e se perguntou: “Quem sou eu?” e, no seu interior, surgiu a resposta: “Tu és o amanhecer”, o que significa: “Tu és o meu despertar”. Mas, “quem é este MEU?” E ele não conseguiu encontrar nada, mas apenas conseguiu ouvir a Palavra. Novamente, ele fechou os olhos e perguntou: “Quem sou eu?” Então, veio a resposta: “Tu és o amanhecer” –e, com isso, acabam de surgir o tu e o eu. Então perguntou: “Onde estou?” E a resposta foi: “No Leste.” Estar no Leste significa que o ponto onde a Luz surge é no Leste. O Criador perguntou novamente: “O que devo fazer?” E a resposta foi: “Permita-Me pronunciar através de ti. Eu te pronunciei com a única intenção de pronunciar-Me, a Mim mesmo, através de ti.” É assim que AQUELE faz uso de todos nós.

Nós acreditamos que despertamos, mas somos despertados e não para nossos propósitos particulares, mas para os propósitos d’AQUELE que nos desperta e vive em nós, sem ter nome ou forma. Foi dito ao Criador: “Tu, simplesmente, ficas onde estás e EU agirei através de ti.” Portanto, esta é A Palavra ou O Verbo que age através de quem a pronuncia. Há a pronúncia e há aquele que pronuncia. Quem a pronuncia é o veículo da coisa pronunciada e quem a pronuncia impregna tudo mediante

essa pronúncia, de tal modo que a pronúncia possa ir além dele. Uma precede a outra e a outra sucede a anterior. O que havia antes das duas? As duas existem juntas, mas nós não o sabemos.

ADVAITA

Temos o dia e a noite que, segundo nós mesmos, duram 24 horas. Pode haver um aumento ou diminuição da noite, mas ainda é um ciclo de 24 horas, enquanto ainda estivermos nesta Terra. Haveria talvez dia e noite, se fôssemos retirados da Terra? Onde estaria a noite se não estivéssemos na Terra? A noite é relativa para nós, porque vivemos na Terra, mas se estivéssemos fora da esfera deste planeta, estaríamos face a face com a Luz e não haveria noite. Se não houvesse noite, não haveria dia, mas apenas Luz. A noite e o dia existem para os seres da Terra, porque o planeta gira sobre seu eixo e essa é a causa do dia e da noite. A Terra também faz com que haja luas novas e luas cheias, por meio da lua. Se saíssemos da Terra e ficássemos entre a Terra e o Sol, estaríamos na luz o tempo todo e não haveria dia nem noite, não haveria fases ascendentes e descendentes da lua.

Esta dualidade só existe quando descemos, pois a noite e o dia se fundem na Luz. É por isso que se diz que não há noite nem dia. Também é dito que há noite e dia em estado de fusão. Alguns filósofos começaram a dizer: “É e não é”, e alguém disse: “Não é a não-existência”. Não é

a não-existência nem é existência. Não é nenhuma, mas o pano de fundo das duas. Krishna, o Senhor, definiu-o assim: “É, não é, e é o pano de fundo de ambos.” Por isso, diz-se que é O ABSOLUTO.

Na filosofia hindu chama-se: “o estado de não dois”, ou seja, *Advaita*. *Dvaita* significa “dois” em sânscrito e *Advaita* significa “não dois, mas um só.” O Verbo e Deus não existem separadamente. É Deus e é O Verbo, mas não há Verbo em relação a Deus nem há Deus em relação a O Verbo. Sankaracharya o define assim: “Não há duas coisas. Não o veja como Espírito e matéria, mas que desce como Espírito e matéria, como Pai e Mãe. Existe o Pai do Universo e a Mãe do Universo, mas eles não são duas entidades, eles são um só.”

A PASSAGEM DE AQUÁRIO

O Uno desce como dois e, a partir daí, a interação ocorre. Essa interação não vem de nenhum lugar. O conhecedor e a coisa a ser conhecida surgem e ambos desceram de algum lugar. A passagem daquele, o desconhecido, para isto, o conhecido, chama-se Aquário.

Do desconhecido ao conhecido, há uma passagem: a passagem do sonho à consciência. A passagem do estado absoluto de despertar chama-se Aquário e isso é o que estamos tentando conhecer. A sabedoria dos Vedas tenta explicá-lo, mas não pôde fazê-lo completamente. Apenas pôde dar uma ideia para ser usada com fins intuitivos.

Esta passagem é para ser experimentada em si mesma e não para ser vista, porque a visão ou visualização vem depois de muitas transformações desse estado. Este vazio entre o desconhecido e o conhecido é o que se nos mostra como o cântaro do símbolo de Aquário.

A água sai do cântaro, mas o cântaro também está aberto do outro lado. Se olharmos para o outro lado não há nada, mas quando olhamos para este lado do cântaro, há um fluxo contínuo de água. Este é o símbolo de Aquário. Nós não sabemos de onde vem esta água. De acordo com o simbolismo das escrituras, a água representa a energia primordial. A fonte de onde sai este fluxo de energia não é conhecida e parece que vem do “nada”. A passagem entre o desconhecido e o conhecido é conhecida pelos grandes Iniciados. A passagem ou o ponto de retorno do Espírito à matéria é Aquário. A passagem de 9 para 1 é Aquário ou o que é chamado de zero. O Zero dá a impressão de negatividade, mas nas Sagradas Escrituras é dado outro nome; chama-se *Purnam* ou zero completo, não um zero nulo. Nós não o chamamos de zero, de vazio, mas o chamamos de cheio. Por que não chamamos a lua cheia de zero? Sempre que vemos a lua cheia, deveríamos chamá-la de lua nula, mas não o dizemos, porque ela está completamente cheia. A plenitude é chamada *Purnam* em sânscrito e a lua cheia chama-se *Purnima*. É um estado de plenitude e não um estado de quietude negativa. Não é um zero positivo

nem um zero negativo, mas ambos. É assim que tem que ser entendido.

O zero está entre o 9 e o 1. Os números 1, 2, 3, 4 até 9 expressam a continuidade dos números. É o que pensamos, mas entre o 1 e o 2 há muitos números, como 1.1, 1.2, 1.3, 1.4, até 1.9. Depois, entre 1 e 1.1 há uma série de números como 1.11, etc. Entre 1.1 e 1.11 há outra série de números como 1.111, etc. Nós não somos capazes sequer de chegar a 1.2. Quem realiza a continuidade entre um número e outro? Nesta sala de aula eu vejo Oscar e, ao seu lado, Rafael. Do outro lado vejo Alberto e digo: “Eles estão um ao lado do outro”, porque não vejo o que existe entre cada um deles. Se pudéssemos ver o que existe entre nós, então, teríamos visto AQUELE (Deus).

Se somos capazes de ver o que existe perto de nossa pele, então teremos visto Deus. Este é o estado completo do UNO, mas vemos apenas as coisas intermitentes e não vemos o que há entre elas. Assim como dizemos 1,2,3,4..., assim, também, o que está em Alberto permeia Alberto em toda sua volta e permeia além de Alberto até chegar a Oscar. Mas o que é Oscar? É AQUELE que permeia Oscar por todas as partes. Só há plenitude na qual vemos alguns pontos. A plenitude é eterna e nela ocorrem os produtos da Criação ou do Universo.

Agora os cientistas estão tentando comprovar o estado de zero e estão entrando no zero negativo e no zero positivo, mas não são capazes de chegar ao ponto

zero exato. Se chegamos ao ponto exato de zero, tudo é absorvido; o positivo e o negativo são absorvidos por AQUELE e, então, deixamos de estar aqui. A existência é formada de zero positivo e zero negativo, juntos. No estado neutro, não há nem positivo nem negativo. Não há quem pronuncia nem a pronúnciação. Isto é o que o Mestre CVV chamou de estado de “*Nil, None, Naught*”.

O “*Nil, None, Naught Levels*” é a descida do desconhecido ao conhecido. Esta é uma passagem governada por Aquário, que não pode ser explicada por completo, mas cada um tem que encontrá-la mediante sua própria intuição. Até os *Devas* disseram: “Sentimos muito. Tentamos, mas falhamos, porque sabemos quem somos apenas quando saímos d’ISSO. Nós o conhecemos melhor, quando estamos fora d’ISSO, mas quando estamos n’ISSO não estamos presentes, mas, apenas ISSO está presente. Como podemos explicá-lo? Só podemos explicar por dedução.”

A passagem entre o que está além e o que nós conhecemos como despertar é o que tentei explicar. É a Ponte Superior (the Higher Bridge) segundo o Mestre CVV, que disse: “*Higher Bridge Beginning*”, que é o primeiro eixo do desconhecido ao conhecido. Há uma ponte do desconhecido para o conhecido e ela é a passagem pela qual o Universo é pronunciado. Esta ponte existe em nós como uma linha vertical na testa. Nosso Terceiro Olho ou Centro Ajna é o polo sul e há também, em nós, o Terceiro Olho do Senhor, que é o

polo norte. Quando ambos estão conectados, então, produz-se um aguaceiro de energia que vem além do Cosmos. É o fluxo direto de energia de além do Cosmos para o Cosmos e deste para o centro solar, deste para o centro planetário e do sol planetário para os planetas. Se este eixo se abre, produz-se um influxo de energias.

Este eixo pode ser aberto tanto para que haja uma corrente nova de energia, quanto para absorver nele tudo o que existe na Criação. É por isso que as Escrituras dizem: “Se Shiva abrisse seu olho, tudo poderia ser destruído.” Esta é uma passagem usada para absorver nele tudo o que existe ou para derramar um aguaceiro de novas energias ou para que se produza uma nova Criação.

O AVATAR DE SÍNTESE

Este aguaceiro de novas energias é o que hoje chamamos de o Avatar de Síntese. Isto é o que está sendo preparado nos grandes ashrams. Assim como nossa meta é trabalhar com a Alma, a meta de Cristo é trabalhar com o Avatar de Síntese. No livro do Mestre Djwhal Khul, *Iniciação Humana e Solar*, escrito por Alice A. Bailey, é dito: “O que Cristo é em relação a nós, o Avatar de Síntese é em relação ao Cristo”. Nosso Mestre é Cristo, isto é, Maitreya o Senhor, e o Deus de Cristo é o Avatar de Síntese. Assim, a ação de Aquário se realiza. No que diz respeito ao nosso planeta, os grandes seres assumiram a tarefa da descida desta Energia. Esses grandes seres

são: O Senhor do Planeta, Sanat Kumara, o segundo é Cristo e o terceiro é Manu Vaivasvata. Estes três seres assumiram o trabalho de difundir a Energia de Síntese.

O Manu *Vaivasvata* tem dois ajudantes em seu trabalho, Sanat Kumara tem dois ajudantes em seu trabalho e Cristo também tem dois ajudantes em seu trabalho. De um triângulo foram formados três triângulos, perfazendo um total de quatro triângulos. Estes quatro triângulos estão trabalhando as Energias de Síntese e, para isto, recebem a cooperação da Ursa Maior, das Plêiades, assim como de Castor e Pollux da constelação de Gêmeos. Todos eles trabalham de cima e Sirius trabalha de baixo.

MITRA E VARUNA

As constelações também são organizadas tendo como base a pronúncia e quem pronuncia. Quem pronuncia é o recipiente da pronúncia, que é o veículo. Nós somos o veículo da Palavra. Destas duas maneiras, a Criação está interligada com quem pronuncia e com a pronúncia. A pronúncia é *Mithra* e quem pronuncia é *Varuna*. No plano supracósmico, o veículo é *Varuna* e o veículo por meio do qual a Palavra é pronunciada é *Mithra*.

No plano cósmico, suas posições são invertidas como o Regente de Netuno e o Regente de Urano, e aquele que dirige a passagem é Urano. Esta mesma coisa acontece, novamente, no plano solar sob a forma de Luz e Som. Há um estado onde não há mais Luz e Som.

Sabemos pelos livros do Mestre Djwhal Khul que existe um conceito chamado: “Ouvir a cor e ver o som”. Não se trata de ver a cor, trata-se de ouvir as cores e não se trata de ouvir o som, trata-se de ver o som. É assim que as coisas são no plano cósmico.

No plano solar, estes descem como Luz e Som e há uma subsequente descida do Som na forma de éter. No plano planetário, cria-se em forma de luz solar e luz lunar. Além do plano planetário, estes existem como princípio solar e princípio lunar, masculino e feminino, pai e mãe. O tempo divide a luz, desta maneira, no plano planetário. O tempo faz descer o espaço na forma de tudo o que existe no sistema solar. Através da vertical do tempo “T”, produz-se a descida do espaço “S” (lat. *Spatium*). Estas letras são usadas como símbolo da Sociedade Teosófica, a ST ou TS em inglês, o Tempo e o Espaço.

OS TRÊS SIGNOS DE AR

O Som e a Luz no plano cósmico são as duas linhas paralelas sob a forma de relâmpagos que representam o signo de Aquário. Quando se trata da Luz e do Som, eles tomam a forma do alto e do baixo. O alto é o Espaço e a Luz é a que brilha do Espaço –isto é o que o signo de Libra representa; o baixo é o Tempo, que faz descer o Tempo verticalmente na forma de luz solar e luz lunar– que é o que o signo de Gêmeos representa. Estes são os três signos de ar, de acordo com a astrologia. Aquário é o estado em que está o Ser,

Gêmeos é sua descida e Libra é sua manifestação. Esta é a tríade do ar, que constitui o aspecto mais profundo da astrologia. Os outros triângulos são o triângulo do fogo, da água e da terra. Há muitas maneiras de explicar o Cosmos; podemos explicá-lo mediante o fogo, mediante a existência quádrupla, mediante os sete planos, mediante as esferas, os cubos, os triângulos, os quadrados e mediante os números. Esta é a explicação astrológica, que é inteiramente propriedade do signo de Aquário.

A KUNDALINI CÓSMICA

Tudo isso é elaborado mediante a Passagem de Aquário. De acordo com a Ponte Superior, são produzidas as sucessivas formações do Polo Norte e do Polo Sul. Todo Polo Sul é assim em relação a um Polo Norte. Se não houvesse Polo Sul, o que chamamos de Polo Norte não haveria também. Nesta sala de aula há um teto, mas este teto não é um teto em si mesmo, mas é tal em relação ao piso desta sala de aula. No entanto, este mesmo teto é, por sua vez, o piso do andar superior. Assim, dizemos que o teto desta sala é o polo norte e o piso é o polo sul para nós. Mas, esse mesmo polo norte torna-se o polo sul, em relação ao teto do andar superior e, inclusive, esse polo norte tornar-se-á o polo sul em relação a qualquer outro polo norte. É um simples suceder-se das inversões até o plano planetário e dos seres deste planeta.

Assim, existe um canal além do Cosmos até nós. Esse canal ou eixo é chamado de Kundalini e é o conduto através do qual a energia é canalizada. Suponha que o canal cósmico, solar e planetário se conecte com nosso canal... Então, produz-se o aguaceiro da descida do “ORIGINAL” por todos esses canais. Isso é o que está canalizando o Avatar de Síntese, que pôs em conexão a Kundalini cósmica com a Kundalini da Terra, através dos centros solar e planetário. Os Mestres também estão tentando conectar a Kundalini da Terra com a Kundalini do ser humano, para que os seres humanos se transformem mais rapidamente. Esta é uma nova corrente para garantir que sejamos revividos, refinados e trazidos de volta ao alinhamento.

Isto é exatamente o que está acontecendo agora nos três Ashrams, para que a canalização seja bem feita e o homem se eleve da matéria sólida à sutil. A matéria sutil na qual se espera que o homem ascenda é o ar. O ar também é matéria, mas matéria leve. É assim que funciona a Energia de Aquário, sobre a qual não se pode formar uma ideia, mas apenas experimentá-la. Sua descida ocorre de acordo com certos ciclos de tempo, conhecidos pelos astrólogos esotéricos em seu verdadeiro sentido.

Estamos agora entrando em um subciclo do *Krita Yuga* e estamos concluindo um ciclo do *Kali Yuga*. Todos nós sabemos pelos livros que o *Kali Yuga* é um ciclo de tempo que dura 432.000 anos. Esta forma de medir o tempo do *Kali Yuga* está de acordo com a medida para a

Terra e não para os seres da Terra. O ciclo da Terra é mais longo. A consciência planetária é tão grande que tem seu próprio ciclo de tempo. Os sábios deram os ciclos dos yugas em relação aos fenômenos geográficos e geológicos. Isso é o *yuga* no que diz respeito à Terra, mas, quando se trata da humanidade, temos que eliminar alguns zeros. Se for em relação aos reinos animal e vegetal, temos que remover mais alguns zeros e o mesmo acontece, quando se trata de seres humanos individuais, temos que remover mais alguns zeros. É por isso que Madame H.P. Blavatsky diz, em seu livro *A Doutrina Secreta*, que os zeros não devem ser interpretados literalmente, mas devem ser interpretados como ciclos relacionados com a variedade de espécies. De acordo com a dimensão do ser, existe um ciclo de 432, 4320, 43200 e 432000.

No que diz respeito à humanidade, o ciclo é 4320, ao qual 1/10 deve ser adicionado como período de pico; 4320 anos mais 432 anos é o que nos faz chegar a 4752 anos, desde o momento em que Krishna, o Senhor, deixou o corpo físico. Estamos agora, aproximadamente, nessa época, daí o incipiente pensamento da Nova Era. Mas este ciclo de 4752 anos é para uma raça de seres humanos. O advento da Era de Aquário não é para todos os seres na Terra nem para todas as raças de seres humanos na Terra, mas é para uma raça particular de seres. Todos nós pertencemos a essa raça, a raça ariana.

Esta raça tem uma chance de entrar na Luz e, por isso, ajuda a romper o que não somos capazes de romper por nós mesmos.

Muitas são as coisas que têm que ser quebradas em nós, tais como nossos pensamentos concretizados sobre Deus. O Deus universal é enquadrado em muitos nomes e formas e cada um deles é fixado em um fragmento da Verdade. Isso é que tem que ser rompido para ver a totalidade da Verdade. Nossos pensamentos relacionados à Verdade se condensaram com o tempo e com as religiões. É por isso que existe a necessidade de quebrá-los. Quando a visita da Energia foi antecipada por meio da Madame H.P. Blavatsky, a Hierarquia começou a romper os conceitos. No século XX, romperam-se muitos conceitos e, agora, há uma tendência a se tornar universal, em vez de se limitar aos próprios pensamentos. As pessoas se limitam com seus pensamentos regionais, nacionais, religiosos, raciais ou mesmo familiares. Há muitas estruturas que têm condicionado o ser humano. A Energia Aquariana vai quebrar todos os condicionamentos e todas as limitações.

Ao falar do signo de Leão, vimos os “leões”, mas o leão de Aquário é o marido do leão de Leão, ou seja, o Mestre dos Mestres. Considera-se o signo zodiacal de Leão como feminino em relação ao signo de Aquário, que é considerado como o masculino dessa mesma energia. Esse é o tipo de energia que estamos considerando,

quando falamos do quarto braço da cruz fixa. É o estado supremo da Palavra, que se expressa de acordo com o ciclo do tempo. Acredita-se, agora, que o Olho vai se abrir –o que já aconteceu– e, como consequência, o derramamento de Energia ocorre. No século XX, muito tem sido feito por causa da visita desta Energia, como as duas guerras mundiais, os avanços científicos, os avanços do ser humano na compreensão da Verdade, a capacidade do ser humano de voar e de voar além do planeta também. Tantas coisas que indicam a ruptura das limitações anteriores. O quarto braço da cruz fixa é um aguaceiro que cai dos Círculos Superiores. O que o ser humano tem que levar a bom termo, inclui três braços da cruz fixa, isto é, até Leão.

OS GANDHARVAS

A ponte entre a matéria e o Espírito, a ponte entre um plano de existência e outro é um vazio sutil que não pode ser visto. Este tipo de existência sutil, que é o pano de fundo de toda a existência dos fenômenos, chama-se “*Gandharvas*” nos *Vedas*, que significa “as Ondas do Espaço” em sânscrito.

Há inumeráveis ondas no espaço. Uma onda pode se tornar um universo e nesse universo temos os planos cósmico, solar e planetário. Aquelas ondas, que se movem de acordo com um ritmo, são chamadas de *Gandharvas*. Entre estes *Gandharvas* está *Vena*, o *Gandharva* que atua

como força de ligação. Como estamos conectados com os outros planetas? Como estamos conectados com o centro a que chamamos de Sol? Não vemos nenhuma conexão perceptível entre uns e outros, mas parecem estar todos pendurados no espaço, separadamente. Mas, que força os mantém? Há uma força imperceptível e invisível que mantém todos os planetas relacionados entre si e há, também, uma energia que coordena todos os planetas com o Sol. Alguma vez pensamos nisso? Pensamos que é um vácuo, mas, de acordo com a Madame H.P. Blavatsky, não há vácuo no espaço. Porque temos um vazio em nossa mente, acreditamos que existe um vazio entre os planetas. Isso acontece, porque não somos capazes de compreender. Madame H.P. Blavatsky diz: “O espaço é potencial, o espaço pulsa.” As pulsações são o que chamamos de os *Gandharvas*, que estão em toda parte e são os que mantêm as coisas unidas e os que recebem a Energia, quando o “Olho” se abre, e a distribuem através das pulsações e vibrações. Eles são um aspecto da Energia Aquariana.

MARKANDEYA

“O Olho” também se abre para absorver nele o positivo e o negativo. Isto é feito por outra energia chamada *Markandeya*, que significa “aquele que marca o fim”, de acordo com esta palavra da antiga língua Senzar. Apenas o caminho ou passagem permanece, mas não há Criação. Há a passagem de Aquário, que se desdobra como um

lótus de quatro pétalas, no meio do qual está o Criador, sentado na posição de lótus. Quando isto é absorvido, não apenas as criações feitas pelo Criador são absorvidas, mas o próprio Criador é absorvido. É como se absorvêssemos através de um canudo. Da mesma forma, toda a criação passa através do tubo para as profundezas. Esta passagem de retorno é chamada de *Markandeya*.

Há um Purana inteiro sobre *Markandeya*, uma Escritura inteira que fala da passagem do desconhecido para o conhecido e do conhecido para o desconhecido. *Markandeya* é considerado um grande ser, ou seja, uma grande energia ou inteligência. Madame H.P. Blavatsky chama os seres daquele plano de “Chamas Ardentes” e “Leões Ardentes” e todos eles são Inteligências do Fogo Cósmico.

A MEDITAÇÃO DE AQUÁRIO

Esta é uma maneira de apresentar Aquário, mas há uma maneira de meditar sobre ele. Como poderíamos saber tudo isso sem meditação? Temos que meditar para saber. Há uma meditação em nosso ser, para contemplar em um estado, no qual não há som, cor, forma, ideia nem pensamento, que é a meditação de Aquário, pois “AQUELE” ainda não tem forma, “AQUELE” ainda é som, “AQUELE” ainda não é pensamento, “AQUELE” ainda não é luz nem cor. É um estado em que a cor e o som se fundem. É exatamente isso que o Mestre CVV quer que façamos. Pronunciando o som, fechamos os

olhos e observamos o que está acontecendo dentro de nós. Não há que contemplar mentalmente no som ou mesmo na imagem do Mestre CVV. O que o Mestre CVV diz é: “Olhe para mim e feche seus olhos, porque através dos meus olhos o canal é criado.” Da mesma forma, podemos olhar nos olhos de Cristo se tivéssemos a imagem real do Cristo vivo e não uma imagem de nossa imaginação. Os olhos dos Mestres são canais da Energia Absoluta. Sempre que pensamos em meditar com a ajuda de um Mestre, é recomendável que olhemos em seus olhos e fechemos nossos próprios olhos.

Quando se trata de experimentar a energia de Aquário em nós mesmos, o que temos que fazer é, simplesmente, observar nosso interior. Devido ao hábito da mente, no início vemos formas com as quais nos relacionamos, mas, no momento em que pensamos que todas elas são formas que conhecemos, elas desaparecem. Em seguida, recebemos pensamentos e conceitos que estão próximos de nossa experiência vivida. Percebemos que todos eles são quadros de pensamento que vêm de nós, derivados de nossa percepção. A maioria desses pensamentos ou visões que vemos, nada mais são do que impressões de nossa memória. Quando nos sentamos regularmente e arejamos essas imagens e pensamentos, ficamos livres deles, ficamos livres das imagens e dos pensamentos. Há miríades de pensamentos e imagens na memória, portanto, leva tempo até que elas sejam liberadas de nós e, conseqüentemente, nós sejamos

liberados delas. Estamos todos impressionados, inevitavelmente, por pensamentos e imagens. Desde os tempos mais remotos, há pensamentos e imagens que permanecem impressos em nós. Quando todos esses pensamentos e imagens desaparecem, vemos o que somos como seres sem nome, sem forma, sem cor e sem som e esse é o estado do Ser Absoluto. A morada desse Ser, em nós, fica entre o Centro do Coração e o Centro Laríngeo. É um lótus de oito pétalas.

Quando não se está ocupado com outras coisas, esta Existência é experimentada. Quando se está ocupado, há uma ocupação e a Existência deixa de existir. Nós nos enchemos de muitas coisas, inclusive de pensamentos referentes a nosso conceito de Deus. Normalmente, estamos repletos apenas de conceitos. Na realidade, trata-se de “Ser” sem mais nada. “Nada, ninguém, não-pensamento.” Percebemos que tudo é um grande sonho, que todos os conceitos são jogos, demasiados jogos dos sonhos. Cada um está travado em seu próprio sonho, inclusive em nome de Deus. Agora, com a experiência, os sonhos desaparecem.

Há grandes estudiosos que ficam travados em seus próprios pensamentos. Quando nos livramos de tudo o que temos e de todas as impressões que estão em nós, somos como telas sem imagens e, pela primeira vez, seremos capazes de respirar livremente. Podemos receber imagens sob a forma de conceitos, para que possamos

agir, mas, no que nos diz respeito, seremos uma tela limpa, que é a morte última, isto é, estamos mortos para todas as coisas que não sejam o EU SOU. Não há ninguém acima ou abaixo de nós. “EU SOU O EU SOU” e não há mais nada a respeito d’Ele. Esta é a meditação recomendada para o homem de Aquário. Nenhum verdadeiro Mestre jamais pediu para meditar sobre sua imagem. O Mestre continua sendo um canal do que está além. Devido à falta de compreensão, ficamos com as formas, com os nomes, com as cores e com os sons.

A COR DE AQUÁRIO

A cor de Aquário é um espaço vazio entre o azul e o violeta. É um estado sem cor, pois não podemos dizer que tenha uma determinada cor. Os sábios contemplaram muito tempo e chegaram à seguinte conclusão: “Poderia ser entre azul e violeta, mas há um espaço vazio, e isso é Aquário”. Às vezes parece que é azul. O azul é uma cor que varia do branco ao azul e, de outro ângulo, parece-se com o violeta. Há uma cor intermitente que transforma o azul em violeta e o violeta em azul e, assim, com as demais cores.

O violeta é o Sétimo Raio, o azul é a Síntese e é o pano de fundo de ambos. Somente em estágios avançados de iniciação é que sua cor é visualizada como ausência de cor.

O SÍMBOLO DE AQUÁRIO

O símbolo de Aquário é como um relâmpago. Se fôssemos capazes de ver um milésimo de segundo, teríamos visto Aquário. Aquário existe entre um segundo e outro segundo. As duas linhas do símbolo de Aquário representam a Energia que precipita, a energia entre as duas linhas e a Energia que é o pano de fundo de ambas as linhas. É assim que temos que ver a energia de Aquário; não apenas como as duas linhas, mas como as duas linhas, como o espaço vazio entre as duas e como o pano de fundo de tudo isso. É algo que permeia tudo e, ao mesmo tempo, é imperceptível.

NARADA

Quando ouvimos música, sempre que percebemos que a estamos ouvindo, não estamos ouvindo. Quando realmente ouvimos música, não sabemos que a estamos ouvindo e, só depois de um tempo, é que despertamos e percebemos que tanto tempo se passou. Quem sabe ouvir música, sabe. Enquanto se tem a experiência da música, não se tem consciência dessa experiência. Só conhecemos o período posterior e anterior a ela, mas não o período da experiência em si.

Até que o ouvinte não morra, teremos que falar sobre Aquário. O orador deve morrer, o ouvinte deve morrer e a PALAVRA deve prevalecer. Assim “É” e sobre “AQUELE” tudo existe. É por isso que se chama de “O Pano de Fundo dos panos de fundo” e não existe nenhum assentamento de fundo sobre o qual se possa conhecê-lo. Isso é o mais alto. Quando essa sabedoria surge no ser humano,

ele é liberado não apenas de seu corpo, mas é liberado dos sistemas planetário, solar e cósmico. Todos os conceitos fluem sobre ele e ele pode entrar em todos e em cada um dos sistemas. Este é o estado do maior Iniciado conhecido nas Escrituras Orientais como *Nárada*. Não há conceitos; há apenas concepção sem conceituação. Esta é a beleza deste estado. Seu Mestre é Krishna, o Senhor. Verdadeiramente, neste estado de SER não há nomes, mas usamos nomes apenas para explicar o que não pode ser explicado, o que não pode ser definido, o que não pode ser descrito e é um grande atrevimento tentar explicar isso.

Se conceituarmos, já é algo concreto, já está morto. É um estado de estar concebendo, um estado de presente contínuo: “concebendo” em gerúndio. Não é “concebido” no passado nem é a concepção, mas está concebendo ou percebendo o tempo todo. Não há passado ou futuro, mas SER. Se estamos nesse estado, estamos entrando no canal correspondente a todo o Universo.

Podemos entrar nas regiões infernais, assim como podemos entrar nas regiões cósmicas, porque nada nos prende em nosso caminho. Diz-se que *Nárada* viaja desta forma pelos 14 planos.

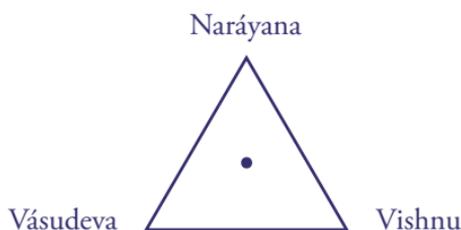
Acima da Terra há planos e abaixo dela também. *Nárada* vai a todos os lugares e é amigo de todos, porque não conhece nem alto nem baixo em relação aos planos de existência e, quer se trate do mundo infernal ou

celestial, é o mesmo para ele. Ele é o Mestre Cósmico de Aquário que guia a constelação de Sirius, das Plêiades, da Ursa Major, assim como Castor e Pollux. Em nosso sistema, ele guia a *Shambala*, a Maitreya e ao Manu. Não há lugar que ele não possa visitar e não há ninguém no Universo que não seja seu amigo.

Vamos concluir este assunto sobre este grande ser *Nárada* que é o maior dos Iniciados e o próximo, em importância, para essa Consciência de Aquário. Ele está próximo a Ela e vive n' Ela. *Nárada* foi quem iniciou o sábio *Valmiky* para escrever o *Ramayana*. *Nárada* foi também quem iniciou *Vedavyasa* para classificar os Vedas, para escrever os Puranas e o Bhagavata. *Nárada* foi quem iniciou *Dhruva*. *Dhruva* é a Estrela Polar que leva sua influência até o Polo Norte e, assim, cria com isso o eixo do Universo. Qualquer Iniciado de ordem cósmica recebeu sua última iniciação das mãos de *Nárada*, porque *Nárada* é quem dá. DA é uma palavra sânscrita que significa dar. *Nárada* é o que dá o som NA e o som RA. Quando falamos de Naráyana, Áyana significa “o caminho cíclico da Energia”, que se desdobra e volta a se dobrar, alternadamente. O desdobramento se dá com o som RA. RA é o som semente de *Agni*, o Fogo Cósmico. NA é o som da dissolução, da negação e da absorção. A energia cíclica de Naráyana se desdobra e se dissolve em si mesma, alternadamente. O Iniciado que pode dar Naráyana é *Nárada*. *Nárada* é o Mestre e Naráyana é o Senhor. Assim

como Sanat Kumara é o Senhor da Terra e Maitreya é o Mestre da Terra, também nós temos a energia responsável pelo desdobramento e retração dos universos, que é Naráyana, e temos o Mestre que transmite os ensinamentos relativos a Ele. Ele é o Rei que pode nos dar os ensinamentos de Aquário. Naráyana também é conhecido pelo nome de KRISHNA.

Krishna significa ‘preto’ em sânscrito, ou seja, o imperceptível. Krishna representa a energia que está além da percepção e da compreensão e é a fonte de origem de tudo o que existe. No plano cósmico, Krishna é chamado Naráyana, no plano solar ele é chamado Vásudeva e, no plano planetário, ele é chamado Vishnu. Assim, Krishna representa a energia que permeia todo o sistema. Diz-se também que Krishna é a energia que permeia todos os sete planos e está mais além, como o oitavo plano. É por isso que se diz que ele é o oitavo que permeia os sete. Diz-se que sua cor é preta, ou seja, azul escuro, azul e violeta, segundo seja sua consciência como Naráyana, Vásudeva ou Vishnu, respectivamente (Fig. 27):



O *Srimad Bhágavata* é o mais alto da Sabedoria das Escrituras sagradas do Oriente, na qual os quatro aspectos do Divino são bem apreciados. Esta Escritura sagrada também descreve a vida dos *Bhagávatas* ou Discípulos do Mundo, que se sintonizaram com esta Energia. Este livro contém a chave para o Discipulado do Mundo.